

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

Jéssica Mendes

Da hegemonia às Vozes da Rua

População negra, Hip-Hop e comunicação em Juiz de Fora

Juiz de Fora
Fevereiro de 2025

Jéssica Mendes

Da hegemonia às Vozes da Rua

População negra, Hip-Hop e comunicação em Juiz de Fora

Dissertação apresentada à banca de defesa como requisito para obtenção do título de Mestra em História pelo programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de concentração História, Cultura e Poder.

Orientadora: Hebe Maria da Costa Mattos
Gomes de Castro

Juiz de Fora

Fevereiro de 2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mendes, Jéssica .

Da hegemonia às Vozes da Rua : População negra, Hip-Hop e comunicação em Juiz de Fora / Jéssica Mendes. -- 2025.

141 p.

Orientador: Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

1. Juiz de Fora. 2. Comunicação . 3. Imprensa. 4. População Negra. 5. Hip-Hop. I. da Costa Mattos Gomes de Castro, Hebe Maria , orient. II. Título.

Jéssica Mendes

Da hegemonia às Vozes da Rua

População negra, Hip-Hop e comunicação em Juiz de Fora

Dissertação apresentada à banca de defesa como requisito para obtenção do título de Mestra em História pelo programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de concentração História, Cultura e Poder.

Aprovada em 25/02/2025

Banca examinadora

Profa. Dra. Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Marcos Olender
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Giovana de Carvalho Castro
Secretaria Municipal de Educação

Profa. Dra. Rita de Cássia Souza Félix Batista
Universidade do Estado de Minas Gerais



Documento assinado eletronicamente por **Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro, Professor(a)**, em 27/02/2025, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jéssica Mendes, Usuário Externo**, em 27/02/2025, às 15:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Olender, Professor(a)**, em 27/02/2025, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **RITA DE CÁSSIA SOUZA FÉLIX BATISTA, Usuário Externo**, em 27/02/2025, às 16:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giovana De Carvalho Castro, Usuário Externo**, em 27/02/2025, às 17:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2245746** e o código CRC **E5A7186B**.

Rimadores da história

Me diz como é...
Agora ter que engolir em texto
acadêmico uma literatura
Que defende e exhibe que preto também
tem cultura
Quando esperam nos notar
dentro de viaturas
Onde a imprensa sempre chega rapidamente
pra garantir a cobertura
E tantas casas de cimento e tijolos ficam
sem nenhuma melhoria de estrutura

Meritocracia falaciosa
Caso eu descanse um segundo,
me taxa de preguiçosa
Enquanto a branquitude desfila
com seus passes livres
Ditando a maior parte
de todas as diretrizes

Não quero seguir suas regras,
nem darei risada de piadas preconceituosas
Zero graça quando maior parte do que
nos restou são somente sobras
Estamos aqui e lá, independente das obras
Entenda, toda perspectiva tem suas dobras

Rimadores da história, nos desviando das

“políticas” disfarçadas de chibata
Aos que anseiam ainda segurar chicotes...
Esse texto inteiro é parte de tudo que descartam

Eles odeiam...
Percebo pelos olhares que
cotidianamente me rodeiam
Senhores, recomendo que apertem
o cinto e o freio
Lhes anuncio, sem nenhum receio:
É o atropelamento conduzido pela informação
que os levará a escanteio

A caminhada (dedicatória)

Dedico este trabalho a todos as negras e negros que abriram caminho, através de muitas lutas, para que me fosse possível chegar até aqui.

À minha tia, Denise, que me acompanhou em todos os momentos da minha caminhada desde que nasci e, depois de mim, foi a pessoa que mais acreditou em todas as minhas ideias e projetos. Obrigada, tia; seu apoio sempre significou o indescritível. Sou grata por existir e evoluir ao seu lado. Você é parte fundamental desta conquista. Agradeço também por sua disposição em ouvir tanto sobre a construção da presente dissertação. Seu incentivo me motivou muito.

Ao Coletivo Vozes da Rua e à Cultura Hip-Hop; minhas escolas de vida. O Vozes da Rua me acolheu desde os meus 17 anos de idade, quando era uma estudante do Ensino Médio, e foi parte crucial para minha formação completa; como artista, como professora, como Hip-Hopper, historiadora e pesquisadora. Aos meus irmãos de luta, como costumamos carinhosamente nos chamar, meus agradecimentos sinceros por todos os saberes e afetos trocados ao longo desses anos.

À Adenilde Petrina, uma das maiores protagonistas e militantes do Hip-Hop em Juiz de Fora. Plantou a semente de força e resistência com veemência e segue na luta até os dias atuais; servindo de inspiração para mim e tantos outros. Gratidão pelas sugestões, trocas de ideia e fornecimento de ricas bibliografias que serviram de base para a construção deste trabalho; e também pelos cafézinhos em conjunto que aquecem a alma de todos que passam por sua casa.

Para meu melhor amigo, Cesar Augusto, que me acompanhou nas mais diferentes fases de minha trajetória, desde que éramos adolescentes em formação, e sempre me presenteou com sua verdadeira e valiosa amizade.

Para meu companheiro Pedro, que contribuiu tanto com seus ouvidos, carinho, paciência e companhia ao longo de toda essa produção, mesmo em meus momentos mais tensos e chatos.

Àqueles que trataram de temáticas parecidas com essa antes de mim; e contribuíram direta ou indiretamente para a construção deste texto.

Ao LABHOI/Afrikas, companheiros de pesquisa e minha orientadora, Hebe Mattos, que, desde 2018, me abriu diversas portas para desenvolver projetos relacionados à minha vivência e tratá-los também no âmbito acadêmico.

À CAPES, pela bolsa de estudos e pelo incentivo à pesquisa.

À espiritualidade que me fortalece a cada passo. Heranças ancestrais de misticismo e alinhamento com as forças da natureza sempre me foram fundamentais para recarregar as energias, acreditar e ir à luta.

Essa dissertação é fruto de uma vida de vivências e estudos acadêmicos. Como mulher negra, periférica, pesquisadora e multiartista, percebo a forma como minha experiência de vida foi e continua sendo o motor principal a me conduzir para meu âmbito de pesquisa e também o modo como meu lugar de fala influencia na forma que discuto e me apresento como profissional. Externamente, talvez possa parecer mais fácil partir de narrativas associadas ao meu campo de vivências, mas, na verdade, por vezes, percebo como um caminho complexo. É uma linha tênue entre a facilidade ao caminhar por campos que fazem parte da minha história, com o olhar de pesquisadora, e a preocupação em cumprir com meu compromisso de fazer um bom trabalho e, através dele, gerar um retorno àqueles grupos que fazem parte de minha pesquisa. É constante a reflexão sobre não querer discutir os dados partindo de uma análise única e plenamente acadêmica *tradicional*, pois a poesia marginal vaza pelas frases e pensamentos.

T. Ingold (2007) formula uma abordagem interessante no sentido de pensar a forma como as coisas são produtos de processos relacionais, moldadas por nossas experiências e relações, e não elementos que existem de modo independente e objetivo. De acordo com o autor, a “coisa” é, na verdade, um acontecer, onde vários “acontecere” se esbarram. Tendo em vista que são elementos vivos, as coisas vazam porque tem vida própria. Numerosas são as coisas (neste caso, digo “coisas” em seus múltiplos sentidos) que surgem como consequência dos processos que vivenciamos ao longo de nossa existência; estando as mesmas sempre em processo de modelagem e transformação. E é neste processo constante que se encontra um grande susto, mas também uma grande beleza.

Esse é um trabalho que parte de fora para dentro. O Hip-Hop foi uma das minhas principais escolas quando faltavam professores nas salas de aula das escolas públicas em que estudei. A poesia marginal foi o que me moveu quando adolescente e me trouxe firmeza para me apresentar ao público quando meus problemas familiares e sociais pareciam maiores que o mundo e me abafavam com feracidade. Crescer em meio a desigualdade faz com que você busque vencê-la a

todo custo e também com que deseje profundamente dissipá-la; ainda que partícula por partícula. Portanto, por meu amor e dedicação à historiografia, pela minha gratidão e meu compromisso com o Hip-Hop e com os camaradas de luta, ambiciono que este trabalho científico seja uma dessas partículas minuciosas que, pouco a pouco, vão se integrando a outras e formando um “todo” cada vez mais justo e potente.

Me permitindo a meditação e o flerte com a filosofia, guardo na mente uma concepção de Zaratustra: o que é grandioso no homem é que ele seja uma ponte, e não um fim.

Eu estudei os passos, nego; nunca
fujo do ritmo. Também não tenho
dom pra vítima do algoritmo.
(RT Mallone, 2021)

RESUMO

A presente dissertação possui o objetivo de explicitar a forte presença e habitação negra em Juiz de Fora, perpassando pelo prisma cultural do Movimento Hip-Hop, à nível nacional e local. Ao mesmo tempo, os objetivos centrais são: enfatizar a forma como a imprensa hegemônica possuiu papel fundamental no abafamento das narrativas negras e periféricas na região e compreender o modo como a imprensa alternativa se articulou e enfrentou o silenciamento.

Os principais objetos de pesquisa são o jornal Tribuna de Minas (1981-atualmente) e a rádio comunitária Mega FM (1997-2005); veículos que co-existiram em uma mesma temporalidade (1997-2005) e representaram diferentes partes da sociedade juizforana. Para compreender mais sobre a comunicação hegemônica, utilizo dados do jornal Tribuna de Minas (impressos e digitais), enquanto, para ilustrar a forte presença e resistência periférica, apresento materiais da rádio Mega (roteiros, ensaios, versos e uma fita cassete).

Ambiciono, através dessas investigações, tornar clara a forma como se estabeleceu a comunicação em Juiz de Fora, que foi vivenciada por dois pólos ao mesmo tempo: a hegemonia e a periferia. Além disso, o trabalho ambiciona contribuir com a Cultura Hip-Hop e evidenciar sua forte e ativa batalha pelo direito à narrativa, bem como seus impactos e algumas de suas conquistas através da arte.

Palavras-chave: Juiz de Fora; Imprensa; Comunicação; População Negra; Hip-Hop.

ABSTRACT

The present dissertation aims to highlight the strong black presence and settlement in Juiz de Fora, viewed through the cultural lens of the Hip-Hop Movement on both national and local levels. Simultaneously, the central objectives are: to emphasize how the hegemonic press played a fundamental role in silencing black and peripheral narratives in the region and to understand how the alternative press organized itself and confronted this silencing.

The primary research objects are the newspaper *Tribuna de Minas* (1981–present) and the community radio station Mega FM (1997–2005). These media outlets coexisted during the same period (1997–2005) and represented different segments of Juiz de Fora's society. To better understand hegemonic communication, I rely on data from *Tribuna de Minas* (both print and digital formats). On the other hand, to illustrate the strong presence and resistance of peripheral communities, I present materials from Mega FM (scripts, essays, verses, and a cassette tape).

Through these investigations, I aim to clarify how communication was established in Juiz de Fora, experienced by two simultaneous poles: hegemony and the periphery. Furthermore, this research seeks to contribute to Hip-Hop culture by showcasing its ongoing and active fight for narrative rights, as well as its impacts and some of its achievements through art.

Keywords: Juiz de Fora; Press; Communication; Black People; Hip-Hop.

SUMÁRIO

Passos iniciais (introdução)	13
 Capítulo I - Entre o passo e a cor	
1. Shake Hip-Hoppa	17
1.1. Hip-Hop	18
1.2. Ritmo, espaço, consciência e Poesia	21
1.3. O território e seus usos pelo Hip-Hop	26
1.4. O caminho	30
 Capítulo II - Imprensa e comunicação hegemônica em Juiz de Fora	
2. O jornal Tribuna de Minas	31
2.1. A transformação - Entrevista com Lucimar Brasil	40
2.2. Colorindo o jornalismo e a comunicação	63
2.3. Comunicação para que(m)?	71
2.4. Índice de imagens do Tribuna de Minas	73
 Capítulo III - Comunicação e imprensa alternativa	
3. As vozes	77
3.1. A potência rádio Mega FM	79
3.2. Adentrando nos mares da Mega - Hip-Hop Brasil	89
3.2.1. Voz d'África	97
3.2.2. Testemunha Ocular da História	109
3.2.3. A Voz do Morro - Índice de imagens do jornal	120
3.2.4. A informação	124
3.2.5. O ritmo	125
3.2.6. Encontros (considerações finais)	128
Bibliografia	138

Vou trazer meu continente pr'África
novamente com os meus dedos
Cedo talvez não, mas nunca é tarde pra se
entender
Deixa o ego de molho, porque tu não é cego
Mas te fixaram antolho, teu plano fizeram
lego
Te cobriram de entulho pra tu esquecer do
Sol
Meta é ganhar o oceano, não se apaixonar
em anzol
Odeio meu país, amo minha terra
Não confunda minha vontade de paz com
ausência de guerra
Razão sem emoção? Não, coração que age
Eu enlouqueço a vida são, não esqueço a
visão da laje
(Sant MC, 2015)

Passos iniciais

(Introdução)

Juiz de Fora é uma cidade negra, fortemente marcada pela habitação e pela movimentação social e cultural dessa população. Este é o primeiro e um dos mais importantes elementos que o trabalho em questão ambiciona evidenciar.

Antes de tudo que virá no texto, para pensarmos a história da região, resgato a apresentação de uma importante questão, explicitada também no início de meu trabalho de conclusão de curso, sobre a emancipação da cidade e seu censo populacional no momento da mesma. De acordo com a historiadora Hebe Mattos, a cidade recebe uma considerável imigração advinda da última grande leva de indivíduos que foram trazidos do Continente Africano escravizados para o Brasil; e, como apontado pela historiadora Giovana Castro, se pararmos para observar pelas ruas, Juiz de Fora é um lugar fenotipicamente negro (MENDES, 2022).

Emancipada em 1850, Juiz de Fora possuía uma população constituída por 13.037 indivíduos escravizados e 9.033 livres; de acordo com o censo de 1853. Este dado nos indica, com clareza, uma presença negra predominante desde os primórdios do que, aos poucos, foi sendo conhecida como “Manchester Mineira”. O desejo da região em crescer e se assemelhar com modelos estruturais de sociedades européias tornou-se bastante explícito, principalmente quando se constata que, no imaginário popular, Juiz de Fora é uma região fundada por imigrantes italianos e alemães. A tentativa de embranquecimento da região atravessou as percepções e o próprio tempo, fazendo com que as narrativas dominantes se propagassem, ainda que, muitas vezes, sendo inverídicas ou distorcidas.

A cidade se tornou, entre o final do século XIX e início do século XX, uma das maiores referências no desenvolvimento industrial em solo brasileiro, sendo destacada também como um dos municípios mais relevantes de Minas Gerais. Nessa tardia experimentação do que ficou marcado temporalmente como Belle Époque brasileira, Juiz de Fora foi se consolidando cada vez mais como uma região ausente de narrativas negras e também cumpriu seu papel de tentar “varrer” dos grandes pontos comerciais e culturais da cidade a população negra; medida que pode ser observada em vários momentos da história e em diferentes regiões do Brasil.

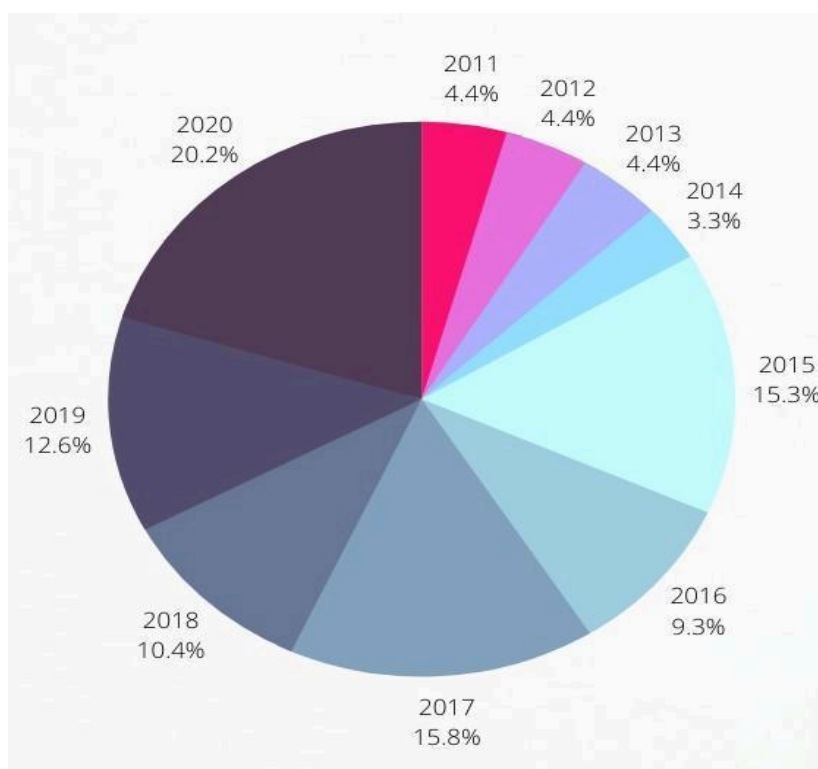
O Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/Afrikas), da Universidade Federal de Juiz de Fora, do qual participo como pesquisadora desde o início (2018), tornou-se uma referência em história e memória negra na região. Os pesquisadores vinculados ao mesmo, majoritariamente, dedicam suas pesquisas à discussão da presença e habitação da população negra dentro da cidade e também em outras regiões. Com um grande acervo de materiais, entre eles: livros, entrevistas, mapeamentos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, o laboratório busca enfatizar a importância dessa temática dentro das instituições acadêmicas.

Minha chegada na presente temática, que ambiciona se aprofundar em uma abordagem que pontua a relação entre população negra, Movimento Hip-Hop, imprensa e comunicação local, surgiu como consequência de uma discussão levantada em meu trabalho de conclusão de curso, através de uma investigação que possuía a pretensão de levantar dados da imprensa juizforana para o acervo do LABHOI. Enfatizando a temática racial, me deparei com índices que chamaram bastante atenção.

O objetivo da pesquisa acima mencionada foi mapear, no *site* do jornal Tribuna de Minas, as menções feitas à população negra ao longo do período de circulação desse veículo digital. Relatarei a seguir, brevemente, fatores que me provocaram. Começamos, então, com a seguinte informação: o jornal em questão teve sua primeira edição impressa em 1981; e o *site*, que era o objeto estudado, foi criado entre os anos de 1997 e 1998. Os registros mais antigos que puderam ser mapeados e trazem questões relacionadas à presença negra, porém, só constam como abordagens disponíveis no momento da pesquisa (2022), no modo online, a partir do ano de 2011; pouco depois da criação do Estatuto de Igualdade Racial, de 2010; desenvolvido 122 anos após a Lei Áurea, e colocado em vigência durante o governo Lula. O fato de as notícias começarem a aparecer somente depois desta data e destacando apenas temáticas sobre o mês de Consciência Negra em, pelo menos, mais 3 de seus anos seguintes (2012, 2013 e 2014) evidencia, dentro do *site*, uma forma de silenciamento de uma população que foi responsável pela fundação estrutural da região e teve sua presença e importância consideravelmente apagadas, de modo intencional (MENDES, 2022). Como apontado, o período mais antigo que o *site* do jornal permitiu ao mecanismo de busca (através do método de pesquisa por palavras-chave) mapear data o ano de 2011, e minha investigação abarcou o recorte temporal de 2011-2020. Dentro deste recorte, se tornou graficamente evidente o crescimento de menções à

população negra dentro da região a partir de 2015-2017. Tomemos o gráfico abaixo como uma forma de melhor visualização da questão:

Gráfico percentual de menções à população negra no site do Tribuna de Minas



(MENDES, Jéssica, 2022, p. 39)

Entre os anos de 2015 e 2017, temos o primeiro grande salto de menções dentro do acervo digital do jornal. E esses saltos ocorreram em paralelo a importantes marcos políticos e culturais que não devem ser deixados de lado, como os avanços conquistados pela luta dos movimentos sociais e culturais, fortemente presentes em Juiz de Fora, ações afirmativas e políticas públicas e a pressão causada pelas denúncias dos grupos de arte e política carregados com a ênfase da pauta negra; tensionando, ainda mais, os meios hegemônicos de comunicação.

Avançando na discussão pontuada acima, através do site do jornal e observando os movimentos culturais advindos da periferia, torna-se evidente a forma como a população negra passou a ser mais mencionada dentro da imprensa como um todo. Todavia, as menções ainda, em muitos

casos, mostram-se superficiais e/ou incompletas e, de forma alarmante, ocorrem em datas destacadas no calendário; como o 13 de maio e o 20 de novembro, respectivamente, comemoração da Abolição da Escravatura e da Consciência Negra. Nesse sentido, a problemática principal é: onde está essa população nas outras datas? Esta é uma discussão que não deveria deter-se apenas em marcos comemorativos.

E. P. Thompson, na concepção da história vista de baixo, é fundamental para dimensionar a importância da atuação destes agentes marginalizados, que somam uma parte enorme na construção do todo. Uma das principais questões problemáticas na sociedade brasileira é o modo como, no imaginário popular, a escravidão é vista como um fato isolado, e não relacionado com o tempo presente; interpretada como um acontecimento muito distante e já findado. Todavia, é explícito o modo como as raízes do sistema escravista ainda afetam a população negra e como muitas das questões atuais estão diretamente relacionadas a este marco da história. Ao ausentarem-se os centros de memória e a ênfase nos acontecimentos traumáticos, os mesmos caem em esquecimento e permanecem como figuras fantasmas congelados no tempo, embora estes “fantasmas” ainda estejam plenamente vivos e circulando entre nós. De fato, pelas palavras de Trouillot (2016), o passado só é passado porque existe um presente, assim como só posso apontar para algo lá porque estou aqui. Mas nada está inerentemente lá ou aqui.

Por meio de minha pesquisa de conclusão de curso da graduação, que tratou do site do jornal TM, fui conduzida ao desejo de investigar mais a fundo a relação entre imprensa hegemônica e o que aqui categorizarei como “imprensa alternativa”, que é o conjunto de produções auto organizadas pelas comunidades periféricas na cidade de Juiz de Fora.

São destaques neste trabalho, na imprensa hegemônica, novamente o jornal Tribuna de Minas (1981-atualmente) - edições impressas e o site -, e, no aspecto cultural, o Hip-Hop. Na comunicação alternativa, veremos materiais da rádio comunitária Mega FM (1997-2005). Esses dois últimos se tornaram os principais elementos culturais de minha pesquisa devido à sua movimentação ativa e potente ao longo dos anos de sua trajetória na cidade.

Como indicado, meu objetivo principal na presente pesquisa é entender a relação entre os objetos citados e fazer uma análise cultural, social e comunicacional; mirando tudo isso pelo prisma da questão racial dentro da cidade, focando na população negra e periférica e as menções à essa população dentro da comunicação. Para isso, caminho possuindo como bússola o 5º principal elemento da Cultura Hip-Hop: *a informação*.

Capítulo I

Entre o passo e a cor

1. Shake Hip-Hoppa

Este capítulo, que se apresenta como abertura da presente dissertação, possui o intuito de discutir sobre o Hip-Hop, problemáticas que se apresentam com o estudo do tema, o slam poético, os usos do espaço e as questões históricas, políticas e raciais, que se relacionam diretamente com as temáticas mencionadas. A ideia central é analisar alguns trechos famosos de canções de Rap, o acolhimento do slam (batalha de poesia) dentro da Cultura Hip-Hop e firmar, em meio à esta análise, uma breve discussão bibliográfica sobre o assunto; utilizando da interdisciplinaridade com campos como a Geografia e a Comunicação.

É gigante e riquíssima a Cultura Hip-Hop. A leitura de obras importantes de autores que trataram a temática no campo anteriormente, seja na perspectiva da territorialidade, do estudo de elementos da cultura (como o Rap) e também sobre a origem do Movimento e sua expansão a níveis regionais e nacional, como, Silva (1998), Alves (2005/2012), Andrade (1996), Torreão (2022), Souza (2011) e Souza (2023), foi fundamental para que me fosse possível traçar os conectivos que aqui se apresentam.

Esta parte do trabalho pretende entregar-lhes o que chamarei carinhosamente de “*shake hip-hoppa*”: uma junção e apresentação de pequenas exposições sobre o tema. Este *shake* será indispensável para o entendimento das questões que se apresentarão nos demais capítulos (principalmente no terceiro), tendo como palco principal a cidade de Juiz de Fora, nossa região alvo. Portanto, o intuito aqui não é ilustrar “toda” a cultura, mas explicar o básico através do estudo conjunto de alguns elementos importantes no Hip-Hop; para que seja possível trazer os objetos de estudo para mais perto, entendendo sua densidade e complexidade.

1.1 Hip-Hop

Entre as décadas de 1960 e 1970, os passos gélidos dos conflitos e tensionamentos políticos no globo assolavam as populações e suas visões de mundo. A Guerra Fria (1947-1991), movimentos políticos de opressão e repressão, como a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985) e a Ditadura Militar Chilena (1973-1990) e os movimentos de independência e descolonização, eram algumas das principais questões políticas enfrentadas e foram chão de movimentos revolucionários de protesto e luta pelos direitos civis que surgiram em vários países com o intuito de buscar pela liberdade e pela criação de condições melhores de vida. Essas duas décadas foram responsáveis pela preparação de solos que, nas décadas seguintes, passaram a receber intensas transformações políticas e sociais.

No início da década de 1970, surge o Movimento Hip-Hop, no Bronx, bairro periférico de Nova York. A criação desse movimento que se tornou amplamente conhecido se deu pela união de importantes elementos para a cultura afroamericana que o desenvolveu, e, posteriormente, também para as demais comunidades afro espalhadas pelo mundo. Sendo eles, em sua origem, quatro principais elementos: Rap, DJing, Breaking, Grafite e a Informação. Nos dias atuais, as comunidades da cultura definem os elementos como cinco principais; agregando o elemento “informação”/“oralidade”.

Passos de dança, luta, sonhos e esperança, o corpo formado pela união dos cinco elementos pode ser explicado como:

Rap (a rima): boca e coração

DJing (mixagem/discotecagem): braços e mãos

Breaking (dança): pés, pernas e tronco

Grafite (artes visuais): olhos

Informação (conhecimento): mente/cabeça

Essa analogia contempla a forma como a Cultura Hip-Hop percebe a si mesma: como um corpo completo; uma filosofia e um estilo de vida. Tudo isso através da arte, que também atua como um fator educacional dentro do Movimento. Falaremos sobre isso mais adiante.

O Hip-Hop surgiu como resposta aos conflitos políticos que corriam pelo mundo e atingiam fortemente as comunidades negras e periféricas. Sendo um dos fatores principais a violência policial. A ideia de denúncia e crítica social através da arte fez o Movimento se potencializar, se

espalhar e adquirir força rapidamente, tendo uma perspectiva geral em comum com seu local de origem e outros países, mas também se desenvolvendo com especificidades de acordo com cada região que recebeu a Cultura e adaptou-a de acordo com seu próprio modo de vida.

É pouco após de meados para final da década de 1980 que o Hip-Hop chega em solo brasileiro, tendo como uma das principais raízes as terras de São Paulo e também do Rio de Janeiro. Germinadas as sementes, a Cultura Hip-Hop ramificou-se pelo Brasil e conquistou o coração de pessoas das mais variadas idades; movimentando principalmente jovens e adultos e servindo como incentivo e instrumento de luta por seus direitos.

Com grandes influências nacionais, como o grupo Racionais MC's, fundado em 1988, em uma periferia da cidade de São Paulo, o gênero musical Rap, do inglês, "Rhythm And Poetry" (ritmo e poesia), ganhou força e potencializou o alcance do Hip-Hop. Racionais MC's é uma das maiores referências de Rap do país até os dias de hoje. Como muitos do gênero, o conjunto foi criado com o intuito de denunciar o genocídio negro nas periferias urbanas, a violência policial, o racismo e as desigualdades.

Em suas letras, rimas que trazem relatos carregados de sentimento, como no trecho abaixo:

"Negro drama, eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto
fodido
O drama da cadeia e favela
Túmulos, sangue, sirene, choros e velas
Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevive em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando
O que você tem a ver com isso?"
(Racionais MC'S, 2002)

O verso citado é da música "Negro Drama" e pertence ao álbum "Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1", e é também um recorte de uma das canções mais conhecidas do grupo, pela qual se tornou popular indivíduos negros utilizarem a expressão "Negro drama" para referirem-se a si mesmos, devido à sua identificação com a canção e com a história dos integrantes do grupo. O trecho reflete algumas das dificuldades enfrentadas pela população negra nas periferias do Brasil e utiliza de uma linguagem forte para atingir com impacto aqueles que

escutam as mensagens registradas na música; característica presente em maior parte da discografia dos Racionais MC's. Em continuação, o recorte abaixo dá sequência à música:

“[...] Desde o início, por ouro e prata
Olha quem morre, então
Veja você quem mata
Recebe o mérito a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
Histórias, registros e escritos
Não é conto nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez?
Então olha o castelo e não foi você quem fez [...]”
(Racionais MC'S, 2002)

É possível identificar uma análise da situação geral da população negra atualmente e também do ponto de vista histórico do sujeito pela abordagem do grupo, que expõe a forma como as raízes de um país escravista e genocida são fatores que se relacionam diretamente com as condições enfrentadas pela população periférica nos dias atuais; sofrendo ainda as consequências de um Pós-Abolição que não só permitiu, como manutencionou as desigualdades sociais. O conjunto preocupa-se também com os registros, no formato escrito e também estrutural do espaço (construções), e a forma como os mesmos são elementos que, a depender de sua utilização, funcionam como validadores e propulsores do racismo.

O território paulistano foi berço para a organização do Movimento Hip-Hop nacionalmente, através da atuação de grupos do Movimento e também de sua associação à uma política com perspectiva progressista.

“Em 25 de janeiro de 1989, no show de aniversário de São Paulo, no Vale do Anhangabaú, organizado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), comemorando a eleição da então prefeita Luiza Erundina, Milton Salles lançava o Movimento Hip Hop Organizado (MH2O), com apresentações de rap dos Racionais MC's, Thaíde & DJ Hum, entre outros. O evento acelerou a disseminação dos grupos de rap pois, influenciados pela nova proposta, os jovens compartilhavam uns com os outros as experiências em torno do ainda embrionário hip hop nacional. Assim, em pouco tempo surgiram as primeiras articulações da Grande São Paulo, com a formação das posses, elementos importantes para o desenvolvimento do hip hop no Brasil. A mediação entre o lugar, a comunidade próxima e os integrantes do movimento hip hop tem nas posses um dos elementos centrais, pois elas possibilitam ações nos planos político, cultural e comunitário.” (ALVES, Cristiano Nunes, 2005, 2012, p. 13)

A proposta de união, a potência sócio-cultural do Movimento e sua determinação em denunciar são características presentes desde o momento embrionário da Cultura nos Estados Unidos e, igualmente, também no Brasil. E tudo isso se relaciona diretamente à questão espacial.

1.2. *Ritmo, espaço, consciência e Poesia*

Pensar o Hip-Hop não se trata unicamente de pensar o gênero musical, mas também o espaço. As condições geográficas se co-relacionam com as condições históricas de cada espacialidade e essa percepção nos permite compreender e contextualizar de forma mais fiel à realidade. Devemos partir tanto da perspectiva da história/geografia espacial, quanto da humana. Na verdade, as formas de abordagem da História que possuem a preocupação em enxergar o indivíduo para além de ser apenas “objeto” de pesquisa, como tem sido destacado pela metodologia da História Oral nas últimas décadas, é fundamental para nos aprofundarmos em discussões mais densas e complexas, pois os agentes culturais e sociais são indivíduos que atuam ativamente e possuem suas individualidades, não devendo ser vistos apenas como fonte de coleta de materiais. Como apontado por Rafael Sapiência, de acordo com Claval (2011), “a superação dessa falta de diálogo entre a sensibilidade humana e o ambiente fez com que a Geografia passasse a revalorizar os lugares e as populações que os habitam”, afirmação que vale também para a História.

“Alguns jovens do grupo, depois de me ouvirem com atenção, passaram a discorrer sobre suas frustrações com o universo acadêmico. Diziam que, por diversas vezes, haviam sido objeto de estudo e que pouco ou nada sabiam sobre o desenvolvimento e a finalização dos trabalhos, a não ser quando os viam publicados, algumas vezes sem mesmo ter um exemplar em mãos.” (SOUZA, Ana Lúcia Silva, 2011, p. 21)

O trecho acima é recorte de uma obra que ressalta, em vários momentos de sua escrita, a forma como parte considerável dos produtores de arte e cultura periférica, em suas próprias percepções, interpretam o mundo acadêmico, que parece ainda muito distante da realidade vivenciada nas comunidades espalhadas pelo país, e, na maioria das vezes, de fato, é.

Ainda que as discussões historiográficas estejam em constante avanço na observação do sujeito por um prisma diferente do “padrão positivista” e que valoriza e busca entender sua existência, caminhamos a passos lentos e as desigualdades ainda permeiam todos os ambientes em que transitamos; sendo a academia um deles.

“Não queremos mais ser objetos de pesquisa, queremos ser participantes ativos” (SOUZA, Ana Lúcia Silva, 2011, p. 22)

Partindo de meu olhar que não advém apenas do fato de ser uma pesquisadora, mas também uma dessas agentes culturais periféricas e atuante no movimento Hip-Hop, ressalto que não basta relatar as dificuldades vivenciadas pelas periferias e pela população negra. Por diversas vezes, pesquisadores de diferentes áreas procuram grupos artístico-culturais para coletar entrevistas e escrever textos que de forma alguma são convertidos para trazer retorno aos contribuintes. É frequente que procurem os artistas “hoje” para dar uma entrevista que precisa preencher lacunas de um trabalho que é pra “amanhã”; e fica o espaço oco e vazio da fala para cobrir parágrafos que se tornarão, na verdade, notas para o fim do semestre letivo de alguém que talvez nem o nome nos lembraremos, pois nunca retornou e se retirou sem maiores motivações e objetivos. Essa é a crítica principal feita pelos sujeitos do Movimento.

“Não queremos mais ser tratados como objeto de pesquisa para acadêmico vir aqui e ganhar título.” (SOUZA, Ana Lúcia Silva, 2011, p. 21)

Observando desse ponto de vista, isto é, colocando-se “no lugar” do agente “pesquisado” torna-se plenamente possível compreender a revolta e o receio em servir apenas como uma fonte. A sede das periferias é de contribuição de projetos inovadores, de valorização à arte e cultura, incentivo e popularização do conhecimento.

A forma como algumas vertentes de arte e conhecimento permanecem distantes das comunidades provoca a interpretação de que esses elementos não são pertencentes a determinadas camadas sociais; essa interpretação acaba sendo feita interna e externamente. Um exemplo disso é uma pequena obra do poeta marginal Sérgio Vaz:

“NA FUNDAÇÃO CASA...

- Quem gosta de poesia?

-Ninguém, senhor.

Aí recitei Negro Drama dos Racionais.

- Senhor, isso é poesia?

-É.

-Então nós gosta.

É isso. Todo mundo gosta de poesia.

Só não sabe que gosta.” (VAZ, 2016, p. 129)

O poema de Sérgio Vaz ilustra o que desejo explicitar em minha fala no parágrafo acima. A citada Fundação Casa (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) trata-se de uma instituição pública do estado de São Paulo, voltada para a execução de medidas socioeducativas destinadas a um público jovem/adolescente que cometeu infrações. A visão dos jovens, descrita na primeira linha, é um reflexo da forma como as pessoas com menos acesso muitas vezes interpretam arte/cultura. Os padrões sociais estabelecidos funcionam também como reguladores do que merece ser difundido ou não como belo e digno de aplausos; isso contribui para que esse olhar elitista da arte seja mantido. A perspicácia de Vaz ao apresentar em sua poesia a situação ocorrida e em evidenciar o modo como aproximar a arte que tem a ver com o sujeito dele próprio abre um horizonte de reflexões e possibilidades. Sementes são plantadas dessa maneira.

A poesia marginal é uma manifestação da literatura brasileira que começou a ser produzida de modo independente e que se difundiu e ganhou força nacionalmente na década de 1970. Com seu potencial de utilizar sátiras, tratar assuntos com uma perspectiva capaz de impactar e com seu desejo de contrariar e questionar a normatividade acadêmica e os padrões estabelecidos, ganhou espaço e se tornou uma forte aliada da cultura Hip-Hop que acolheu a categoria de poesia no seu espaço e em meio à seus elementos; esbarrando e se “anexando” principalmente no Rap e na cultura do MC (Mestre de Cerimônias).

“Cansados de apanhar de uma concepção elitista de produção cultural, os escritores periféricos buscaram inspiração nas manifestações de cultura popular que emergem da periferia: seja o rap, o funk, o samba, todos gêneros musicais oriundos das populações negras e pobres dos centros urbanos.” (MARQUES, Vitor, 2019, p. 45)

Essa categoria de poesia tornou-se um elemento utilizado pela cultura de rua (majoritariamente produzida por pessoas negras e/ou periféricas) e foi a principal influência para o “slam” em território nacional. Criado nos Estados Unidos na década de 1980, o slam se trata de uma batalha poética com várias especificidades em sua execução; pois se divide em fases, pontuação, premiação (não é regra), jurados, número específico de candidatos participantes, cronometragem de tempo de apresentação, entre outras.

No ano de 2008, o Brasil recebe, principalmente através do trabalho da artista Roberta Estrela D’Alva, seu primeiro evento de slam. Movimento que, gradativamente, viria a se espalhar por todo o país na próxima década e atingir grandes proporções no campo da arte.

“[...] (o slam) chega no Brasil no ano de 2008, em São Paulo, introduzido no país por Roberta Estrela D’Alva, ganhando maior proporção em 2011, quando a mesma foi finalista de um campeonato de poesia falada na Copa do Mundo de Poesia Slam, em Paris. É uma batalha de poesia que carrega consigo cunho extremamente crítico à ordem vigente, ordem esta que não representa a periferia e legitima a manutenção das desigualdades.” (MENDES, Jéssica, 2022, p. 42)

Esse capítulo projeta-se, do início ao fim, com o intuito de tornar clara a forma como o Hip-Hop e seus elementos funcionam como válvulas impulsionadoras de cultura, lutas sociais e também de conhecimento. Discutir temáticas tão sérias como o racismo estrutural e a violência policial por meio da arte é uma estratégia que funciona como um megafone para bocas que outrora não possuíam direito algum à fala. Dos espectadores, no entanto, espera-se muito além de apenas servir como plateia.

“Aplaudir de pé a uma arte periférica não significa que você esteja colaborando automaticamente com o florescimento artístico nas periferias. Não basta assistir às apresentações, se emocionar e apertar a mão dos artistas; bem como não basta oferecer um café, pagar o transporte e tirar uma foto. As literaturas da periferia só fazem sentido se você, após ser impactado por elas, incorporá-las ao seu dia-a-dia. Depois de chorar ao assistir uma performance que aborda o genocídio do povo negro no Brasil, se torna inadmissível que você não confronte aquele parente que solta piada racista no almoço de domingo; ao presenciar uma declamação poética que denuncia a violência contra a mulher, já não cabe mais cumprimentar normalmente aquele professor que desrespeita a esposa e assedia as alunas – exemplos comuns do cotidiano absurdo.” (MARQUES, Vitor, 2019, p. 228)

As abordagens com cunho crítico advindas da cultura Hip-Hop, como apontado ao longo da discussão, são praticadas com o intuito de perpassar e modificar questões e situações vivenciadas no dia a dia. Como apontado por Vitor Marques, apreciar e elogiar não são o suficiente para contribuir com o movimento. É necessário que haja senso crítico, político e social para perceber que as questões denunciadas são de responsabilidade do coletivo como um todo e que qualquer pessoa pode contribuir, a partir do momento em que identifica as problemáticas, reconhece e dispõe-se a se manifestar em prol da causa com seriedade. O caminho é longo; e contínuo.

Com legado plantado entre as décadas de 1980 e 1990, o gênero Rap caminhou expandindo seu alcance e recebendo novas gerações com o passar dos anos. Um fator interessante e, ao meu ver, indispensável ao analisar as obras mais atuais, é perceber que as novas letras ainda falam das mesmas questões que as primeiras canções procuravam relatar. Mesmo após tantos avanços políticos, econômicos e sociais, rappers seguem denunciando as dificuldades vivenciadas pelas periferias do Brasil.

“Predestinado a ser um merda
Teu sofrimento não é nada comparado a o que você herda
Criança que se auto deserta antes do corte umbilical
Nascimento? Erro de cálculo, ninguém sabe o que é natal
Mas não me olha assim
Cada qual tem seu inferno astral que a si consome
Se eu sou um garoto, Leone, as circunstâncias me fizeram homem.”
(Sant MC, 2015)

A citação acima é um recorte da música “O Que Separa os Homens dos Meninos”, do rapper Sant, morador de uma periferia na Zona Norte do Rio de Janeiro. A canção relata brevemente o que a sociedade determina e espera de uma criança negra e periférica ao nascer. Sem herança e com poucas oportunidades disponíveis; questões somadas a problemas familiares ocasionados pelas dificuldades sociais e pelo cotidiano árduo que ainda queima a pele daqueles que trabalham para que as cidades funcionem, sem reconhecimento e, por muitas vezes, privados do acesso ao conhecimento.

Linguagem e comunicação
Não cabem apenas em citação
E a realidade segue sendo vista em partes,
apenas pela tela da televisão
Eu digo: “Hoje, não!”
Pela escrita da dissertação
Enquanto vazam das paredes da existência
os olhares frios da infiltração
Fácil botar isso em rima
Mas na escola nunca é o que se ensina
Necessário é aprender a importância dos enzimas
Enquanto faltam várias coisas pra sobrevivência mínima

1.3. O território e seus usos pelo Hip-Hop

Para construir essa pesquisa, como indicado na introdução deste primeiro capítulo, foi necessário estabelecer a interdisciplinaridade direta com áreas como a Geografia e a Comunicação; que apresentam considerável número de produções que correlacionam raça, usos do espaço e Hip-Hop. Igualmente, meu interesse aqui não é falar apenas sobre Hip-Hop, sobre raça, comunicação ou espaço de modo isolado; mas sim estabelecer a relação historiográfica que existe entre esses alvos.

Como apresentado na introdução deste texto, a localização alvo do trabalho é a cidade de Juiz de Fora. Região que recebeu o Hip-Hop nos momentos finais da década de 1980 e início da década de 1990; foi palco de diversos eventos da Cultura e, ao longo dos anos 1990 e 2000, consolidou-se como terra de várias crews de breaking e de coletivos de artes variadas. Mais tarde, foi diretamente influenciada pelo movimento nacional da cultura de slam, mais especificamente, pelo Slam Resistência (2014), um dos maiores sediadores de batalhas de poesia no Brasil. Procuro ilustrar neste tópico 1.3., de modo resumido, a forma como o slam poético, uma das principais manifestações da Cultura Hip-Hop nos dias atuais, se consolidou de modo

ativo e influenciou na comunicação e na arte da região alvo da presente pesquisa. Esse entendimento será importante para dialogarmos no capítulo III.

“À medida que número de visualizações dos vídeos postados pelo Slam Resistência cresciam, o público dos slams existentes aumentavam e mais poetas se somavam. Estes passaram a compartilhar em formato audiovisual performances poéticas que publicizam suas experiências corpóreas e urbanas. Também novos slams surgiam em distintas cidades brasileiras, processo que ocorreu em Juiz de Fora. Na cidade localizada na zona da mata mineira, a competição poética começou por iniciativa de Mohammed e Yuri, que na época tinham 14 anos. O primeiro é morador do Bonsucesso e o outro é do vizinho Santa Cândida, ambos bairros periféricos situados na região Leste, próxima à região central e a mais adensada da cidade.

Os jovens se encontravam diariamente na Escola Municipal Santa Cândida e se tornaram amigos. Mesmo já escrevendo e convivendo com a poesia em seu cotidiano, ela passou a fazer sentido a eles no 9º ano do Ensino Fundamental, por intermédio do professor de história, escritor e poeta Antônio Carlos Lemos Ferreira, o Toninho. Os livros emprestados pelo educador estimularam a escrita e os vídeos das performances de poetas declamando no slam que circulavam nas redes sociais acrescentaram as formas de criar e interpretar sua produção estética. Essa combinação trouxe também a vontade de organizar a competição poética na cidade.” (SOUZA, Lilian Aparecida, 2023, p. 112-114)

Como apontado por Lilian Aparecida na citação acima, os jovens responsáveis pela movimentação inicial e pela criação do slam em Juiz de Fora foram diretamente influenciados pela cena cultural presente em São Paulo. A autora destaca também a relevância da utilização de meios comunicativos digitais para a propagação da cultura e também para a criação de ligações entre uma comunidade e outra; ainda que situadas em diferentes estados.

“Da escola e das redes para as ruas do Candinha, os jovens iniciaram suas movimentações para organizar o slam no final de 2016, realizando encontros com sujeitos individuais e coletivos portadores de corporeidades diversas. Sem saber como materializar a ideia, Yuri, Mohammed, Jackson e Riquelme buscaram ajuda e chegaram em Adenilde Petrina Bispo, mulher cuja história de vida se tece entrelaçada com a história do bairro Santa Cândida, das lutas populares e da cultura negra e periférica da cidade. A filósofa da periferia participa do Vozes da Rua e é presença constante na escola municipal, contribuindo na mobilização do slam junto ao coletivo e à equipe diretiva da instituição de ensino. Também a Confraria dos Poetas, da qual faz parte o professor de história, se juntou à missão, e assim como eles, alguns poetas independentes e apoiadores.

[...]

De fato, havia muitos poetas na cidade e eles brotaram na Escola Municipal Santa Cândida no dia 11 de fevereiro de 2017, para participar do Slam Poético

da Ágora. O evento teve performances poéticas e apresentações de break com o Afro Rude e rap com a Pri MC, do coletivo Vozes da Rua. Contou com a participação de Del Chaves, um dos fundadores do Slam Resistência de São Paulo, que ministrou uma oficina e foi o slammaster do ato inaugural da competição” (SOUZA, Lilian Aparecida, 2023, p. 114-115)

Ainda pela obra de Lilian, podemos acompanhar parte da narrativa da história do início do slam poético em Juiz de Fora. No trecho acima, ao descrever o primeiro evento do tipo na cidade, ela cita também a presença de Del Chaves, um dos responsáveis pela organização de um dos maiores eventos de batalha poética do Brasil. Destacando esse fato, torna-se perceptível a importância da conexão entre as regiões e a forma como o Hip-Hop percorreu o país através da troca de saberes espalhados pelas mais diversas regiões do país.

Como já constatado, o slam é uma categoria que foi agregada à cultura Hip-Hop, apesar de não ter nascido em seu ventre, devido às semelhanças dos objetivos em comum. Ambos movimentos, que surgiram na mesma temporalidade, permeando os ares dos anos 1980, passam a se encontrar aos poucos e se unem de modo mais íntimo entre as décadas de 1990 e 2000. Movimento que veio se tornando cada vez mais crescente entre os anos 2010 e 2020, com a criação de diversos slams regionais e com competições que buscam unir as localidades espalhadas pelo país em competições de nível nacional, de acordo com as classificações das disputas regionais.

História, Hip-Hop, raça e comunicação: afinal, o que esses elementos têm a ver com o que será apresentado adiante?

A introdução da presente dissertação indica o modo como os capítulos se conectam, mas gostaria de esmiuçar minha explicação sobre questões que moveram este trabalho a ser o que, “ao meio do caminho” (Qualificação), se propôs a ser. A ideia inicial nem sempre foi a mesma. Confesso que tive dificuldade em estruturar uma forma de trabalho para lidar com tantas fontes ricas que me surgiram ao longo do percurso. Meu interesse pela temática Hip-Hop é pessoal, mas também, obrigatoriamente, intelectual. Ao longo da graduação, muito ouvi sobre a problemática de se trabalhar com objetos que lhe são tão próximos. Em partes, com um trabalho pouco atento, é inegável que existe a possibilidade disso trazer influências “viciadas”/enviesadas. Mas também penso que, por outro lado, esse estilo de proposta faz com que seja possível extrair algo de uma temática que não seria tratada da mesma maneira por agentes externos; e cada um desses formatos de pesquisa, com seus respectivos agentes, possui seu valor singular.

Caminho para o fim deste capítulo enfatizando o modo como o gênero Hip-Hop estruturou-se a partir da indignação dos sujeitos negros com a história e as condições sociais que lhes foram concedidas. A revolta dos hip-hoppers em, por muitas vezes, serem vistos apenas como fonte de pesquisa para preencher o Lattes alheio também é um manifesto contra a forma como alguns sujeitos foram privados do acesso em detrimento da conquista de grandes títulos, sejam eles acadêmicos ou não, por pessoas que foram favorecidas por privilégios sociais, relacionados a cor e classe. A discussão que se encontra nessa revolta é também sobre os usos da História.

É muito urgente a discussão sobre a população negra e a forma como seus sujeitos foram e ainda são excluídos socialmente e historicamente; sendo a academia, como já mencionado aqui, uma das instituições que tiveram sua considerável parcela de responsabilidade nessa conta que continua com um rombo no orçamento. Embora existam vários avanços, as condições ainda são fortemente desiguais.

“Ao longo de meio século após a Abolição, a escravidão tampouco foi um tema de relevo entre os historiadores brancos, ainda que por razões distintas. A historiografia estadunidense, por razões talvez não muito distintas daquelas que marcaram sua equivalente brasileira, produziu seus próprios silêncios a respeito da escravidão afro-americana. No início do século XX, havia negros e brancos na América do Norte que discutiam sobre a relevância analítica e simbólica da escravidão para o presente em que viviam.” (TROUILLOT, 2016, p. 47)

Trouillot bem discute a forma como o presente está relacionado com os acontecimentos do passado e também sobre como a não discussão das temáticas raciais, durante muito tempo de silêncio, tiveram influência no modo como a sociedade interpreta a Escravidão e o Pós-Abolição como eventos isolados do tempo presente e, conseqüentemente, das condições atuais das populações afrodescendentes e periféricas.

“A abolição da escravidão no Brasil tem sido considerada muito mais do ponto de vista econômico e político do que de uma perspectiva social ou cultural.” (CASTRO, Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de., 1995, p. 17)

A demora no processo de análise dessa perspectiva sob outra ótica contribuiu para que perdurasse ainda mais a construção do olhar econômico como fator principal, como indicado por Hebe Mattos no trecho citado acima, deixando de lado uma série de fatos sociais e culturais que permeiam fortemente a sociedade e possuem grande relevância para a compreensão da história como um todo.

Na última década, tornaram-se mais volumosas as discussões sobre a população negra e seu olhar sobre sua participação ativa nas lutas, sobrevivências, vivências e construção de sua

própria história. Tem sido tempos de revisão e de enfatizar a importância de relatos de passos que foram traçados, mas não tiveram seu direito à narrativa.

1.4. O caminho

Como prometido, analisaremos, nos próximos dois capítulos, um fragmento da imprensa hegemônica local, através de um estudo específico sobre raça no afamado jornal Tribuna de Minas, e a comunicação alternativa por meio de alguns roteiros de uma rádio comunitária periférica e associada ao Movimento Hip-Hop juiz-forano, denominada Mega FM (1997-2005). A razão da escolha dos materiais e de seus marcos de investigação serão melhor justificados em seus respectivos capítulos.

É importante, antes disso, frisar novamente o que me moveu a escolher trabalhar com estes dois objetos mencionados acima. Como apontado, o jornal Tribuna de Minas, alvo central do capítulo II, foi escolhido como uma representação da imprensa hegemônica em Juiz de Fora; um dos jornais mais afamados da Zona da Mata mineira e grande influenciador da população. Ao decorrer de minha pesquisa, notei que o jornal inseriu em suas pautas a questão racial muito tardiamente, enquanto a rádio comunitária Mega FM tratava fervorosamente da discussão de raça e classe; daí surgiu a ideia de fazer uma análise “comparativa” de ambos os veículos, pois me surgiu a percepção clara a respeito do modo de comunicação propagado em cada um dos veículos estar diretamente ligado aos lugares de onde são/eram produzidos. Como bem sabemos e costumamos enfatizar na historiografia, o lugar de onde falamos está diretamente associado ao que produzimos e consumimos.

Colocar diante um do outro dois veículos de comunicação (o jornal e a rádio) com objetivos distintos e que foram ativos no mesmo período de tempo durante alguns anos em comum (1997-2005), me permitiu identificar a forma como a cidade parece ter sido vivenciada por dois pólos: a população branca e elitista x a população negra e periférica. Ambiciono discutir os usos da política e da palavra em ambos os veículos.

Veremos, também, mais sobre cada um desses pólos e a forma como, ainda que separados, passam a se esbarrar diretamente em algum momento.

Capítulo II
Imprensa e comunicação hegemônica em Juiz de Fora
O Tribuna de Minas

2. O jornal e os usos da palavra

JUIZ DE FORA, AGOSTO DE 1981 . Nº 00 . DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
“UM JORNAL NOVO NAS IDÉIAS E OBJETIVOS”

Com essa descrição nasce a primeira edição do jornal Tribuna de Minas, que, pouco tempo depois, viria a se consagrar como um dos mais afamados jornais da Zona da Mata mineira.

As transcrições do jornal serão aqui chamadas de “mimeógrafos”, em alusão às máquinas de cópia de papel, com o intuito de dividir as partes apresentadas e melhor nos mapearmos.

Ainda na primeira página da edição inaugural de pré-estreia que recebeu o título de “edição 00”:

Mimeógrafo 1

Juracy Neves, uma vocação para o diálogo

“Um jornal forte, corajoso e polêmico, que visa levantar bandeiras em defesa de Juiz de Fora e Zona da Mata e gritar por seus legítimos direitos. Um jornal que será o porta-voz dessa região tão carente e estará aberto a todas as linhas políticas ou filosóficas, sem discriminação de classes sociais.

Assim, o médico e empresário Juracy de Azevedo Neves, Diretor-Presidente do grupo Solar de Comunicação, define a orientação editorial da TRIBUNA DE MINAS, que “está nascendo para ocupar um espaço vazio na área da comunicação, com o sério compromisso de integrar em seus quadros os grandes valores até então abandonados”.

Juracy assegura que “a TRIBUNA DE MINAS nasce justamente preocupada com a reintegração deste potencial humano, para que seja possível agora a formação de uma escola de jornalismo. Como não tenho nenhuma pretensão política, minha aspiração maior é exatamente o legado, para as gerações futuras, de uma obra voltada para o campo social. Daqui a 50 anos os homens estarão mortos mas as obras irão sobreviver”.

Empresário bem sucedido aos 49 anos de idade, casado com Suzana Villaça Freitas Neves e pai de quatro filhos - Marcos, Márcia, Suzana e André - Juracy Neves justifica o seu interesse pela comunicação através de sua formação humanista de médico e professor de Antropologia. “O próprio Grupo Solar - diz ele - atuando na área médico-hospitalar e de construção civil, está permanentemente voltado para o campo social. Portanto, a TRIBUNA DE MINAS representa um complemento de todo este trabalho, cujo objetivo é essencialmente o homem, dentro de uma linha de absoluto respeito e isenção”. (Página 3)

(“Um jornal novo nas idéias e objetivos”, Tribuna de Minas, Juiz de Fora, agosto de 1981. Disponível no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes)

O trecho acima nos abre espaço para levantar uma relevante discussão inicial. Podemos perceber, de modo bastante claro, a forma como o aspecto “social” é enfatizado desde o marco inicial do jornal; e também a afirmação sobre o princípio de não discriminação às classes sociais. Guardemos essa informação, pois ela nos será útil logo adiante.

As propostas levantadas apontam o intuito de que o TM se tornasse “porta-voz” da cidade de Juiz de Fora e também enfatizavam o modo como a região, supostamente, necessitava de um representante para falar por si. Além disso, nas primeiras linhas do segundo parágrafo da transcrição anexada acima, temos um breve discurso sobre a questão dos “grandes valores”, que, de acordo com a matéria, estariam “abandonados”.

Consequente, na fala de Juracy Neves, o fundador do jornal, a afirmação de “isenção política”, que tornaria a aparecer novamente em outras pautas do TM, como poderemos ver ainda neste capítulo.

As questões pontuadas tem o objetivo de trazer o olhar para a seguinte questão: a análise de discurso.

“Todo discurso é produzido socialmente. Isto significa, por um lado, que um discurso incorpora em si valores e idéias correntes de sua época, privilegiando temas e escolhendo objetos que têm sentido para o momento em que são apresentados. Também significa que o discurso é produzido em sociedade, seja porque é uma obra coletiva, insere-se num trabalho de grupo, seja porque é feito para ser ouvido ou lido, recebido enfim, por um ou vários grupos sociais. A imprensa constrói-se de discursos, explícitos ou implícitos, redigidos por uma pessoa ou por várias, mas sempre como um trabalho coletivo: mesmo que o texto seja escrito por uma pessoa só, várias são as mãos que o transformam em texto impresso, várias são as mãos que o distribuem. E vários são, também, os olhos e ouvidos que recebem o discurso, direta ou indiretamente.” (GOODWIN JUNIOR, J. W., 2007, p. 15)

Ao pararmos para observar as declarações do jornal, as ideias iniciais indicam uma tendência

de intencionalidade em ocupar o lugar de fala principal para produzir materiais inclinados aos interesses do jornal; ainda que sob a alegação de não haver interesses políticos. Bem sabendo que a política permeia todos os campos da vida humana, torna-se inviável defender a ideia de que não existem intenções políticas em ações como a criação e produção de um meio de comunicação.

Avançando um pouco, ainda na edição 00, podemos visualizar:

Mimeógrafo 2

“Para Juracy Neves, ‘a TRIBUNA DE MINAS há de ser o porta voz dos empresários que reivindicam seus direitos e necessidades junto aos poderes públicos, sejam eles municipais, estaduais ou federais. É bom lembrar que Juiz de Fora já foi o terceiro centro comercial e industrial do Brasil: a falência desta cidade deve-se mais à incompetência dos poderes públicos, do que propriamente a vontade de trabalho de seu povo’”.

(“Um jornal sério, otimista e corajoso. Sem partidarismo”, Tribuna de Minas, Juiz de Fora, agosto de 1981. Disponível no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes)

Se faz ainda mais claro o intuito do jornal em servir como porta voz da classe empresarial. A todo momento, porém, o discurso não desalinha da defesa do descrito “social”. Porém, qual seria esse social, tendo em vista a grande preocupação com os direitos empresariais e a defesa de que o controle da cidade fosse depositado nas mãos dos mesmos? Ideias acompanhadas do enaltecimento de Juiz de Fora como centro comercial e industrial, depositando a culpa desse declínio na conta pública. As observações pontuadas mostram o cuidado em fazer com que esse discurso chegasse de modo cauteloso, mas fortemente intencionado, aos olhos dos leitores.

“Em relação à imprensa, há uma clara intencionalidade na produção do seu discurso. Intencionalidade que se manifesta na confecção mesmo do jornal, cuja primeira razão de ser é veicular idéias, notícias e anúncios – todos elementos que compõem diferentes discursos, alguns claros, outros mais sutis. Há, pois, uma intencionalidade básica, comum a todos os que participam da atividade jornalística, e que não se resume apenas ao autor/redator dos textos. Entretanto, a feitura do jornal vai além dessa intencionalidade primeira, fundamental. Até porque o jornal não se faz sozinho, nem como produto do trabalho, dividido entre várias pessoas, nem como produto social, realizado apenas quando é lido e difundido entre pessoas outras, que não seus produtores. Pensar as teias que envolvem o jornal é ir além das mais visíveis, é pensar também os laços mais finos que o amarram e posicionam. É considerá-lo como documento histórico, enlaçado nas relações de poder da sociedade que o produz. Assim, uma leitura do discurso produzido pelos

homens de imprensa sobre a cidade, deve considerar alguns problemas: quais assuntos merecem mais atenção? Quais os mais freqüentes? Que valores subjazem aos editoriais, artigos, notícias e anúncios publicados? Que cidade é inventada nas páginas desses jornais? Para quem?” (GOODWIN JUNIOR, J. W., 2007, p. 15-16)

Como aponta James Goodwin, as relações de poder envoltas dentro das questões que atravessam o jornal e suas produções possuem indispensável relevância no que tange a análise desses materiais. Trazendo um exemplo próximo de nossa discussão, basta observar o fato de Juracy Neves, ser, além de médico e professor de Antropologia, um empresário. Juracy e seu corpo editorial, de modo claro, indicaram, no início do jornal, o interesse em ser um dos representantes principais da comunicação e da voz do empresariado. Além disso, em suas afirmações, o jornal possuía também confiança em afirmar que seria um grande “representante” da população local.

Mimeógrafo 3

“Coerente com as suas idéias, ele lamenta que "em Juiz de Fora a Comunicação não seja exercida sob a forma empresarial, provocando, em consequência disso, o abandono dos grandes valores. Uma situação que deverá se inverter agora, já que tomamos como objetivo inicial a reintegração desse potencial existente, para que seja possível a formação de uma escola de jornalismo para a geração futura. Aliás, não tenho nenhuma pretensão política. Minha ambição maior é, justamente, o legado para as gerações futuras de uma obra voltada para o campo social. Daqui a 50 anos, os homens estarão mortos, as obras irão sobreviver".

- O que eu poderia dizer neste momento é que temos um sério compromisso com a sociedade. Temos um compromisso, também, com a nova geração de jornalistas. Minha formação universitária me leva a preocupar com esses aspectos. Há necessidade de transmitir aos futuros jornalistas essa mentalidade que já foi adquirida pelos comunicadores mais experientes.”

(“Um jornal sério, otimista e corajoso. Sem partidarismo”, Tribuna de Minas, Juiz de Fora, agosto de 1981. Disponível no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes)

Pensar o Tribuna de Minas como um dos responsáveis pela detenção da palavra no recorte tempo-espço que estamos observando (1981), permite-nos chegar a relevantes vestígios a respeito das informações não selecionadas para publicação e também as razões que justificam sua exclusão. Pensar um jornal e sua influência significa compreender a forma como essas produções influenciam os leitores e os habitantes de uma região; assim como ocorre na comunicação em outros formatos, como rádio e televisão.

“[...] A análise do discurso jornalístico revela, também, a intenção de construir *“um discurso dominante de fato”*. Através do controle da produção do evento, pela construção lingüística dos acontecimentos, pela seleção da memória que se guarda, a imprensa deseja possuir o poder de estabelecer a chave hermenêutica através da qual as elites cultas (ou outros grupos articulados) – e por vias indiretas, toda a sociedade – devem passar a interpretar o momento histórico. De forma ativa, deliberada, intencional, os jornais propõem uma leitura da realidade, atuando sobre essa mesma realidade à qual pretendem dar sentido, modificando-a, procurando fazer valer seus pontos de vista.” (GOODWIN JUNIOR, J. W., 2007, p. 79-80)

De encontro ao mencionado por Goodwin, sobre a questão do discurso dominante, se isolarmos uma afirmação do “Mimeógrafo 3”, torna-se possível captar esse mesmo fato no discurso que estamos observando no Tribuna de Minas:

(Recorte do mimeógrafo 3)

“Coerente com as suas idéias, ele lamenta que “em Juiz de Fora a Comunicação não seja exercida sob a forma empresarial, provocando, em consequência disso, o abandono dos grandes valores. Uma situação que deverá se inverter agora, já que tomamos como objetivo inicial a reintegração desse potencial existente, para que seja possível a formação de uma escola de jornalismo para a geração futura.”

Além da lamentação pela suposta ausência do domínio empresarial na comunicação, o recorte enfatiza os rumos que deveriam ser seguidos para a recuperação dos “grandes valores”; expressão comumente utilizada por elites conservadoras que procuram assegurar suas crenças e projeções através do uso de discursos que enfatizam a “necessidade” de retomada de “boas tradições” e “construções para gerações futuras”. O social é bastante enfatizado no marco inicial do TM, mas qual a concepção de “social” construída pelo mesmo, enquanto se preocupava em discutir publicamente o controle que deveria, em sua palavra, vir do empresariado e em explicitar a forma como o corpo editorial do jornal pensava que deveria ser feita a comunicação da região?

Ainda em diálogo com James Goodwin (2007), a produção jornalística possui papel extremamente relevante na construção de narrativas, é inegável. Não se tratam apenas de produções, mas produções seletivas que optam por abordar questões que passam por um julgamento do que deve - ou não - ser considerado importante/informativo.

A memória também é um fato de comunicação. E esse fato, evidentemente, exerce forças sob o modo como a comunicação será abordada. Como nos é claro, o Tribuna de Minas enfatiza e

valoriza, desde seu início, momentos em que a cidade, por exemplo, já havia sido “terceiro centro comercial e industrial do Brasil” (Mimeógrafo 2); colocando em evidência o descontentamento dos gestores do jornal pela transformação sofrida na cidade e saudando momentos que passaram, então, a servir de modelo para algo que o jornal gostaria que voltasse a acontecer da mesma forma ou “melhor”, de acordo com seu próprio prisma de modelo de sociedade.

“De acordo com Halbwachs, a memória envolve uma relação entre a repetição e a rememoração. Importa porém ressaltar que, ao analisar a repetição das memórias, Halbwachs observou que ela ocorre juntamente com a sua revisão. Outro ponto relevante de sua pesquisa é a afirmação de que a memória coletiva depende do poder social do grupo que a detém. Isto porque, na rememoração, nós não lembramos as imagens do passado como elas aconteceram, e sim de acordo com as forças sociais do presente que estão agindo sobre nós.” (FERREIRA, Marieta de Moraes., 2002, p. 7-8)

A comunicação, em suas multifacetadas formas, está sempre a serviço do interesse de algum grupo. Então, torna-se praticamente obrigatória a análise dos grupos que a produzem e também dos grupos receptores que consomem as informações repassadas se buscamos compreender o processo histórico em questão e os sujeitos dentro da referente temporalidade observada. Os interesses iniciais defendidos pelo jornal TM são um indício que nos permite levantar a hipótese de que a população negra passou a aparecer tardiamente no jornal, como veremos em breve, devido à seus princípios originários e também seus princípios ao longo do percurso, que pareciam não caminhar rumo às problemáticas raciais e sociais propriamente ditas.

Construí essa ênfase em torno da questão empresarial para levantar um ponto principal: onde estava e como era tratada a população negra dentro das pautas do Tribuna de Minas, o jornal hegemônico mais conhecido da cidade de Juiz de Fora?

Retornando a um trabalho realizado anteriormente (Mendes, 2022), sobre o site do jornal, as menções à população negra, mapeadas a partir de 2011, surgem de forma muito amena, e também enfatizando, durante um período considerável nos momentos iniciais em que as menções começam a aparecer, apenas questões como o racismo e as dificuldades enfrentadas por essa população. Além disso, majoritariamente, em datas como o 13 de maio e o 20 de novembro; marcos importantes para a população negra. Todavia, não cala a indagação: onde estava essa população nos demais dias do ano dentro das pautas do jornal? Por vezes, no esporte e também em matérias sobre criminalidade, porém, sem o recorte de ênfase na raça.

Não era uma preocupação constante do Tribuna de Minas discutir o fator racial e combater esse problema dentro da cidade até, pelo menos, meados da década de 2015. Arrisco-me a dizer que talvez sequer fosse uma preocupação de fato, mediante a observação de menções à população negra apenas em datas em que era praticamente “obrigatória” a discussão da temática, para atender um “papel social” do que seria “correto” a se fazer nesses momentos. Mais a frente, em uma entrevista que realizei com uma editora do jornal, poderemos ver um esboço a respeito dessa demora em pontuar a urgência da questão; e sobre como as pautas raciais passaram a ser percebidas de forma diferente pelo mesmo dentro do período de 2015-2017, principalmente; diante das transformações sociais que provocaram impacto para que essas alterações no corpo do jornal passassem a ocorrer.

Ainda sobre o site:

“Os registros mais antigos que puderam ser mapeados e trazem questões relacionadas à presença negra, porém, só constam como abordagens, disponíveis atualmente, no modo online, no ano de 2011, pouco depois da criação do Estatuto de Igualdade Racial, de 2010; desenvolvido 122 anos após a Lei Áurea, e colocado em vigência durante o governo Lula. O fato de as notícias começarem a aparecer somente depois desta data e destacando apenas temáticas sobre o mês de Consciência Negra evidencia, dentro do site, uma forma de silenciamento de uma população que foi responsável pela fundação estrutural da região e teve sua presença e importância consideravelmente apagadas, de modo intencional.” (MENDES, Jéssica, 2022, p. 17)

A questão do veículo digital do jornal se assemelha ao modelo impresso. A preocupação inicial não contemplava o fator racial; apenas em “datas destaque”. Vale ainda ressaltar que o material produzido no site é diferente do material impresso; o que, provavelmente, é em decorrência da observação do público alvo de cada um dos veículos e baseado na análise do que cada público espera receber. Mais uma vez, não devemos deixar de lado a intencionalidade dos produtores deste material e também a cidade que “criaram”.

Como já problematizado na introdução desta dissertação, Juiz de Fora é uma das muitas cidades brasileiras que sofreram, pela pressão do racismo estrutural, um embranquecimento social e a construção da falsa narrativa de ser uma cidade desenvolvida, majoritariamente, por pessoas brancas. Defendo que um meio de comunicação tão afamado que isentou-se da narrativa sobre uma população marginalizada e de suma importância para o desenvolvimento da cidade - a

população negra -, contribuiu diretamente para reforçar a ideia de uma cidade branca no imaginário da sociedade que habita o referido espaço.

“Dizer que uma cidade é inventada não significa dizer que a cidade não existe, que uma invenção falseia a realidade; pelo contrário, a realidade só existe *porque é inventada*, porque pessoas e grupos se propõem a construí-la cotidianamente, movidos por interesses e ideais. Neste sentido, uma cidade é uma *representação*, pois é a condensação desses projetos, sonhos e ilusões, confrontos e negociações.” (GOODWIN JUNIOR, J. W., 2007, p. 29)

As representações que receberam o direito à voz e à cidade, por muito tempo, não foram advindas das comunidades negras suas revogações; que foram ignoradas não só pelos veículos de comunicação, mas também pelo poder público. Segundo Carneiro (2005), a questão racial está inserida tanto no âmbito teórico quanto no da ação política, sendo marcada por disputas relacionadas à implementação de políticas públicas que visam reverter as condições de vida desfavoráveis enfrentadas pela população negra no Brasil.

Mimeógrafo 4

“Esta tribuna, porque mineira, sabe que jornal é simultaneamente um produto industrial sujeito às leis do mercado - e uma criação intelectual que deve interpretar e exprimir os anseios de sua clientela.”

(“Um jornal novo nas idéias e objetivos”, Tribuna de Minas, Juiz de Fora, agosto de 1981. Disponível no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes)

Na segunda página da edição 00, a afirmação clara de que o jornal era visto como um produto industrial por parte de seus responsáveis, um impresso que estaria “sujeito às leis do mercado”. É evidente, desde o princípio, um veículo de comunicação que estaria a serviço das elites de Juiz de Fora e da Zona da Mata mineira. Apesar de enfatizar um suposto compromisso com o social, percebe-se que o considerado “social” estava mais relacionado à parte da sociedade que favoreceria o jornal de alguma forma, do ponto de vista comercial, do que à comunidade juiz-forana como um todo.

Mimeógrafo 5

“Para o público consumidor, a leitura do jornal é um diálogo com o mundo. Quebrando o isolamento individual e abrindo ao leitor possibilidades e perspectivas sempre novas e mais amplas, o periódico não pode eximir-se de sua função social, ou seja, da difusão de valores morais, culturais e políticos que reforcem a coesão nacional e a solidez do pacto social - objetivos que transcendem as limitações regionais e os sectarismos doutrinários.”

(“Um jornal novo nas idéias e objetivos”, *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, agosto de 1981. Disponível no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes)

No item “Mimeógrafo 5”, uma continuidade do “Mimeógrafo 4” no próprio impresso, cristaliza-se a preocupação em emitir um discurso que contemple, de alguma forma, o “social” e, novamente, entramos em contato com a menção de ideais de “valor” e “moral”; conceito, há muito, fortemente reforçado por elites conservadoras, e, geralmente, brancas, na política brasileira. Paralelo que, em minha hipótese, não ocorre acidentalmente, já que o fundador do jornal, devido à sua posição econômica de médico e empresário, muito provavelmente não deixou de ser um dos integrantes desta mesma elite. Algo interessante, porém, é que, de acordo com alguns relatos, como na entrevista que veremos logo a frente, Juracy Neves era lido como um homem negro. Voltaremos nesta questão também mais tarde.

Além do relatado no parágrafo anterior, puxo um adendo para mais um fato relacionado à questão empresarial, fator que perpassou fortemente a vida de Juracy, de acordo com seus investimentos e atuação. O médico não foi dono apenas do jornal, mas também de duas emissoras de rádio.

“A concentração da comunicação é proibida pela Constituição, mas se dá em diversas cidades e estados brasileiros, e em Juiz de Fora não é diferente. O principal jornal do município, a *Tribuna de Minas* - com versão na internet -, pertence a Juracy Neves, o mesmo empresário que tem a concessão de duas emissoras de rádio, a Solar AM e Solar FM (Americano, 1999: 93). Os veículos são identificados como “do Grupo Solar”. (Lahni, Cláudia, 2005, p. 92)

Como indicado por Lahni, a concentração da comunicação é algo proibido pela Constituição. Mesmo assim, a prática ocorreu em Juiz de Fora, como em outras regiões do país, e permitiu que Juracy fosse proprietário e gestor de mais de um dos veículos comunicacionais amplamente conhecidos na cidade; exercendo, deste modo, fortíssima influência sob a informação e o direito à palavra.

Em acordo com as palavras de Cláudia Lahni (2009), “sabemos que, no Brasil, temos um oligopólio dos meios de comunicação de massa, o que prejudica a veiculação de notícias e opiniões diversificadas sobre, por exemplo, os movimentos sociais populares e a situação de segmentos historicamente discriminados”. Como a periferia e a comunidade negra poderiam estar representados por um veículo comunicacional que nasce em defesa do empresariado e de sua voz? Esta é uma conta que, de fato, não bate.

A problemática central que ambiciono levantar com essa discussão é para além de questionar o empresariado e seu desejo em falar com os seus respectivos semelhantes, meu ponto é a maneira como a detenção da palavra, por parte dos mesmos, contribuiu significativamente para prejudicar e abafar a voz dos sujeitos que foram marginalizados na região e tiveram que levantar veículos próprios de comunicação para se representar, como veremos exemplo no capítulo III, já que os veículos hegemônicos foram agentes que contribuíram diretamente com o silenciamento e com o abafamento destas questões.

2.1. A transformação

Neste tópico, veremos e discorreremos partes de uma entrevista realizada por mim, com Lucimar Brasil, uma editora do jornal Tribuna de Minas, que se dispôs a contar parte de sua trajetória no jornal e contribuir para a discussão com suas percepções.

Essa conversa com Lucimar ocorreu no dia 26 de maio de 2023, no bairro São Mateus, em Juiz de Fora. Brasil trabalhou na redação do jornal de 1991 até 2001 e, depois, retornou em 2021. O intuito da entrevista foi compreender mais, pelo olhar de alguém com atuação interna no Tribuna, a forma como o jornal via/vê a pauta negra e a atuação dos movimentos culturais na cidade.

Lucimar é uma mulher negra e, no ano da entrevista, estava com 54 anos. Como veremos, a entrevistada conta que se descobriu negra em 2011, com 42 anos e foi a primeira a produzir uma coluna exclusiva sobre cultura negra *no TM*.

Para melhor nos localizarmos, a entrevista foi dividida/marcada em pequenas partes na transcrição, chamadas de “gramofones”, em alusão aos clássicos modelos de reprodução de discos.

Gramofone I

[...]

Lucimar: O Juracy Neves, que é o fundador da Tribuna de Minas, ele é falecido já, mas era uma pessoa que, assim, era apaixonada com comunicação. A gente... Ele ficava o dia todo no jornal, cuidando de tudo, ele se envolvia nas nossas pautas. Ele queria saber o que estava acontecendo, ele passava na redação e conversava com a gente. E assim, de tanto amor mesmo que ele tinha pelo jornalismo, ele era um grande entusiasta da comunicação. Ele era um médico, né? E ele fundou a Tribuna de Minas, a rádio também, a Rádio B3, que virou a Rádio Solar, pelo Grupo Solar de Comunicação, que incluía a rádio, o jornal, e, obviamente, depois houve um crescimento muito grande da Gráfica Esdeva, que é a detentora dos direitos do jornal.

Então eu conheci, tive esse relacionamento direto com o Juracy, e tenho uma passagem com o Juracy muito emblemática. Em 2001, o Juracy, foi à diretoria da Escola Unidos do Ladeira; que decidiu que o enredo do carnaval de 2002 seria do Dr. Juracy Neves. E então, brincando na redação, nessa época eu trabalhava na parte da manhã, brincando lá na redação, a gente começou a falar quem que ia sair na ala das baianas, quem que ia ser destaque do carro alegórico, considerando o nosso grupo lá de repórteres, de fotógrafos, motoristas, enfim... E aí, num dado momento, eu falei: “Uai, mas pera aí... Tá faltando um samba, enredo. Peraí que eu vou fazer. Passei, corri para uma salinha fechada que a gente chamava de aquário lá, onde ficavam os computadores, por causa do ar-condicionado, e fui fazer a letra.

Então, fiz uma letra de um samba baseada até numa melodia de um samba no Rio de Janeiro, e imprimir. Passei para a redação, para as pessoas que estavam ali na redação naquele momento, e ensinei o pessoal a cantar. E o pessoal começou a bater, batucar na mesa e cantar um samba. E o pessoal começou a cantar um samba que eu tinha feito... Pois muito bem. O doutor, o professor Cruz, que era superintendente do jornal, Afonso Ribeiro da Cruz, ele passou na redação nesse momento, e quis saber o que estava acontecendo. E uma amiga minha, Kátia Dias, que era editora de cultura, falou: “Ah, a Lu fez um samba enredo pro doutor Juracy. Resultado... No dia seguinte, a diretoria da Unidas do Ladeira estava na sala do doutor Juracy, e ele me chamou para eu cantar o samba enredo que eu tinha feito pra a diretoria do Unidos do Ladeira.

E eles então resolveram me colocar junto com o compositor da ala de compositores da escola pra concorrer ao samba enredo que a escola desfilaria em homenagem ao doutor Juracy. E aí, então, fiquei a tarde fazendo, me encontrando com o Átila, e aprimorando o samba, mexendo, até chegar no dia da disputa, na quadra da Unidas do Ladeira, e nós ficamos em segundo lugar (risos).

Você vê que, de uma brincadeira, de repente, o samba que eu tinha feito, começado, e com a ajuda enorme do Átila depois... A gente ficou em segundo lugar na escola de samba. Por pouco, eu não desfilo na Unidas do Ladeira cantando meu próprio samba enredo. E foi interessante,

porque nessa época eu tinha pedido, no desfile mesmo, no carnaval, eu tinha pedido demissão da Tribuna, porque eu estava muito interessada na empresa que eu tinha começado, com duas amigas, e achei que o jornal não ia dar... Para conciliar as duas coisas.

E fiquei muito feliz, porque eu já tinha saído do jornal, mas o Marcos Neves, que é filho do Juracy Neves, que era diretor do jornal na época, me mandou uma fantasia, convidando para desfilarmos na ala junto com a família do Juracy. Uma fantasia de rei Midas, porque esse era o enredo da Unidos do Ladeira. Então, assim, eu desfilei pela primeira vez no carnaval de Juiz de Fora, nessa homenagem ao doutor Juracy, e foi demais. Foi um momento muito emblemático nessa minha passagem pela Tribuna de Minas.

Jéssica: Muito show...

[...] Você falou um pouquinho sobre essa pergunta aqui, que você participou do jornal durante um tempo e saiu, e também já falou a razão. Mas o que te faz voltar para o Tribuna mesmo? Eu queria que você enfatizasse isso um pouquinho.

Lucimar: Tá certo, eu vou te contar. Eu já estava com a minha empresa, depois de trabalhar na Unimed, que foi o meu último emprego como assalariada, que foi o meu último emprego, eu montei a empresa de comunicação, e a Tribuna de Minas tava começando um projeto diferente lá, de ter publicidades; que são matérias, conteúdos patrocinados, pagos por empresas interessadas em veicular seus produtos, serviços, no jornal, mas através de publicidade, através de conteúdo. E a Tribuna começou a vender esses produtos lá, a identificar uma demanda, mas não tinha quem produzisse. Então, a Suzana e a Márcia Neves, que estavam à frente do jornal nessa época, já nessa época, porque hoje elas também estão, elas me convidaram, então, se eu queria assumir esses conteúdos.

Então, eu chamei a minha irmã gêmea, Carmen, que é jornalista também, e nós duas assumimos as publicidades da Tribuna. Trabalhamos muito, foi um sucesso. Tudo assim, com uma venda, tinha final de semana, que a gente produzia sete matérias para o jornal. Páginas, sete páginas. E eu entrego, assim como hoje ainda, eu também faço tudo; eu apuro o conteúdo, eu aprovo o conteúdo com o cliente, a gente diagrama a página com a nossa diagramadora e aprova com o cliente a página e só então libera para o jornal. Então, assim, a página já vai montada para o jornal. Então, assim, todo esse trabalho, nós ficamos, foi ótimo, vários relacionamentos, até que, dois anos depois, a Tribuna resolveu montar um time interno pra fazer isso dentro da redação. E isso funcionou durante um ano e pouco, e depois eles quiseram, de novo, tirar de dentro da redação, e aí me chamaram outra vez, e eu estou fazendo esse trabalho desde 2021. Quando eu voltei, né? Então, a gente está há dois anos aí fazendo esse trabalho novamente. Mas eu não só

sou responsável, ou melhor, a minha empresa, né? Não só é responsável pela produção desses conteúdos publieitoriais, como a gente também faz todos os projetos especiais que são de iniciativa do Departamento Comercial. Por exemplo, aniversário da cidade, a gente tem cadernos especiais das regiões, então tem caderno da Zona Norte, caderno da Cidade Alta, caderno da Zona Sul... E esses cadernos, cadernos de gastronomia, nós fizemos um muito legal sobre gastronomia, que deu uma repercussão muito legal, cadernos de final de ano... Então, eu hoje, eu atendo, eu respondo por esses projetos no jornal e também desenvolvo projetos que são de meu interesse... Falar de alguns temas, a gente está com dois projetos agora, que podem... Para serem lançados em breve, que foram iniciativas que eles me pedem. Eles falam assim: “Lucimar, desenvolve um projeto pra gente...”, e aí eu vou pesquisar, apurar o que tem no mercado, um conteúdo bacana pra trazer, e aí agora a gente está com dois; um projeto regional e um projeto turístico, regional também, para sair nos próximos dias. Então, hoje eu tenho uma relação de parceria com o jornal muito boa. A gente senta, conversa, monta estratégia; estou muito próxima, tanto ao departamento comercial, propriamente dito, a gerente comercial, quanto as superintendentes, as diretoras, a diretora-presidente, que é a Suzana, que ficou logo depois da ausência, da morte do doutor Juracy, e a Márcia Neves também. A gente tem um trabalho muito próximo, de identificar esses potenciais, de tentar entender como que a gente pode melhorar esse mercado publicitário, obviamente, mas também com essa pegada de trazer, pra Juiz de Fora, mostrar uma cidade, que os habitantes, talvez nem todos conheçam; com uma vertente de desenvolvimento, com pautas positivas, né? Querendo trazer um pouco dessa pungência que a cidade ainda tem, tanto na área de cultura, muito grande, produzimos cadernos especiais, que são requisitados pelos anunciantes do jornal também, e tem sido muito legal essa parceria, sabe? A gente não abandonou o jornalismo, nós fizemos agora, recentemente, um caderno da Zona Sul de 16 páginas, sendo que das 16 páginas, 6 eram conteúdos jornalísticos, e o restante era conteúdo patrocinado e anúncio publicitário. Mas foi um sucesso, assim... Com muito conteúdo sobre região, com depoimento das pessoas, de moradores, de empresários, e trazer um pouco dessa cultura dos vários pedacinhos que a cidade tem, né?

Gramofone II

Lucimar: Então esse é o meu trabalho hoje, a gente trabalha nessa parceria, e em função dessa parceria, surgiu a oportunidade de eu ter uma coluna na Tribuna de Minas. E hoje então, eu escrevo para o jornal, além desses conteúdos do Departamento Comercial, eu tenho uma coluna minha, que eu escrevo sobre cultura negra. Então, trago todo um repertório aí da história de Juiz de Fora, sob o viés da cultura negra, além de pautas que estão na ordem do dia; desde a eleição presidencial, dessa questão do racismo sofrido aí, no mundo, nessa tragédia que a gente ainda assiste hoje em dia. Eu comecei a coluna em... A primeira edição foi no dia 6 de março de 2022, e eu procuro trazer uma pauta quinzenal. Às vezes não dá para fazer uma pauta quinzenal, e as pessoas perguntam: “Mas por que não tem coluna?” e eu falo: “Gente, eu só vou escrever o dia que eu tiver alguma coisa de valor para entregar. Escrever por escrever, ou sob pressão de um

momento, de uma circunstância, não é muito o que eu desejo com o meu trabalho. Mas eu vou ter um tema de relevância...”, como a gente vai ter agora, esse final de semana. Na segunda-feira, a gente vai ter a entrega da medalha do mérito comendador, Henrique Guilherme Fernando Halfeld, para a ex-escravizada Rosa Cabinda, que era uma ex-escravizada do Halfeld. Então, teve uma polêmica no ano passado em torno da entrega dessa medalha, né? Se... Um grupo de manifestantes dizia que a entrega da comenda era mais um ato de violência contra a Rosa, enquanto a Prefeitura defendia que era um reconhecimento da história para essa mulher maravilhosa, que entrou na justiça contra o fundador de Juiz de Fora, né? Para ter o direito à sua liberdade. Nesse domingo agora, a minha coluna é sobre a Rosa Cabinda, e estou trazendo um pouco da história dela, que nem todo mundo conhece, e contextualizando toda essa história do que gerou em torno da medalha, aprofundando um pouco mais na questão histórica, com base, inclusive, no mestrado da Liliane de Campo de Mendoza, a dissertação dela de mestrado para o programa de pós-graduação de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, em que ela conta essa história do processo da Rosa Cabinda. Então, assim, eu fui participar de uma reunião do fórum, recentemente, do fórum que foi instituído, depois que a medalha foi questionada no ano passado; a prefeitura instituiu um fórum de debates da Rosa Cabinda, para trazer essa temática, não só se deveria ou não conceder a medalha a ela, mas também discutir outras questões históricas em relação à questão da negritude na cidade.

Então, o fórum concluiu que a medalha deveria ser... Ela deveria receber a medalha, e essa entrega vai ser feita no dia 29 de maio, agora, segunda-feira, de 2023, no emblemático Cine Theatro Central. E aí eu estou dizendo, o título da minha coluna é “O reencontro de Rosa Cabinda e Henrique Halfeld 150 anos depois”.

[...] Coincidiu de ser 150 anos, porque ela ganhou o processo... Ela entrou com o processo em abril de 1873 e venceu o processo em junho. Então, exatamente nesse período agora, há 150 anos atrás, a Rosa estava posteando o direito dela à liberdade. E isso é muito emblemático para nós, para a cidade, porque não só pela história de uma mulher negra, mas também por envolver a elite da sociedade, representada pelo Halfeld, e que depois, por trás dessa história, tem a questão da rixa familiar do Halfeld, com os filhos dele, dois dos 17 filhos que ele teve, e que, com certeza, pelos indícios, foram eles que financiaram os 400 mil réis que permitiram que a Rosa ganhasse a alforria. Na verdade, ela pagou só 300 mil réis, como foi a avaliação, e ainda entrou de novo pedindo ressarcimento dos 100 mil réis que ficaram extra, né... Então, é uma história muito emblemática para nós. E eu fico muito feliz de poder resgatar essas histórias hoje, sabe? E contar isso através da minha coluna, que quando eu fui participar desse movimento e tudo mais, eu vi como era necessária a presença desse conteúdo na imprensa. Como isso mudou para algumas pessoas, mudou a realidade de algumas pessoas, essa compreensão.

Várias pessoas hoje me chamam e falam assim “Lucimar, como é bom, aos domingos, ver você escrevendo sobre esse tema, trazendo esse conteúdo...” E por conta disso, também já estou sendo convidada para fazer palestras até em municípios fora, do entorno de Juiz de Fora. Tive a felicidade, recentemente, agora, de uns 15 dias atrás, de ir ao colégio João XXIII. Eu fui

entrevistada pelos alunos do quinto ano, quase 90 alunos do quinto ano, que fizeram a minha biografia! Escreveram a minha biografia com base na primeira coluna que eu escrevi para o jornal, para a Tribuna de Minas; onde eu conto um pouquinho da minha história, de como foi quando eu me descobri negra, em 2011, aos 42 anos de idade. Então, foi muito, muito, muito bacana. As crianças foram sensacionais. E eu realmente saí de lá convencida de que vai ser tudo diferente em muito breve. Porque a base que está sendo construída... E como as escolas têm ajudado também nesse processo e poderão ajudar muito mais, tenho certeza, a partir dessa implementação, né?

[...]

Gramofone III

Jéssica: Inclusive, você tava falando um pouquinho, né, sobre essa questão do fundador do jornal ser um homem negro, né? Mas antes não ter essa essa ênfase, né?

Lucimar: Realmente. Eu trabalhei, uma das coisas que eu coloco na minha coluna, na primeira na primeira coluna que eu escrevi, quando eu faço essa minha auto declaração como mulher negra, né? Quando eu me vi negra, era exatamente nessa, um pouco do que a gente... Do que eu vivi ao longo desse tempo, de uma certa solidão da cor. Por quê? Eu tive a felicidade, né... Eu venho de uma família humilde, mas estruturada. Uma família estruturada. E tive a felicidade de ganhar bolsa de estudo em um colégio de classe média, que é o Colégio dos Santos Anjos. Na época, no colégio, só estudava mesmo filho de gente rica. E minha mãe conseguiu bolsa pra mim e pra minha irmã e nós fomos estudar lá. Então eu passei quase a minha juventude inteira, minha adolescência e pré-adolescência, minha infância e adolescência, estudando num colégio de, essencialmente, de crianças brancas. Então essa pauta da negritude definitivamente não entrava nesse assunto, né? Quando muito, era na questão da história do Brasil e tudo mais. Mas pauta, debate, conversa sobre esse assunto, eu não me recordo de nada relacionado a isso. Depois, saio do colégio e vou pra universidade. Eu era a única negra na minha turma; e os negros que eu convivi eram negros que vinham geralmente da África; angolanos, negros angolanos.

Jéssica: Que época mesmo você entrou?

Lucimar: Eu entrei na universidade em 1987. Então eu não via muito, não tinha muito essa coisa do negro, da presença do negro. E quando vinham, era de intercâmbio e só. Não tive um professor negro na Federal. Eu só tinha eu na minha turma (mulher negra). Em algumas outras turmas, depois veio a minha irmã. Na turma da irmã, tinha um outro negro. Mas eram pouquíssimas pessoas. E saio dali, vou pra um ambiente de trabalho onde também tinha pouquíssimos negros. Embora o presidente da empresa, o fundador, o Dr. Juracy Neves era

negro; e o editor geral, que era o editor de economia com o qual eu trabalhava com ele, e depois ele veio a ser o editor geral, que é o Paulo César Magela, também negro. Mas é interessante como essa pauta, esse assunto, não entrava no nosso cotidiano. Os pretos, os negros eram muito mais lembrados nas pautas... Apareciam muito mais nas pautas policiais, nas questões aí envolvendo toda essa problemática social que a gente tem, quando nessa questão da interseção dos problemas sociais, que aí você tem questões relacionadas à renda, à gênero, à moradia.

Então, tudo isso que a gente... Todas as experiências, por exemplo, que eu cobri no meu trabalho relacionado a negros, muitos estavam ligados ou a tragédias de desmoronamento, de casas, no período de chuva, queda de barranco nas periferias. E eu não cobri polícia, não tive essa oportunidade no jornal, mas era também o que a gente via nas páginas, com certeza, eram os casos de violência envolvendo a comunidade negra, a população negra. E assim... Não estava realmente na pauta. Eu fiquei no jornal de 1991 até 2001, ou seja, 10 anos, praticamente, no jornal, e esse assunto não estava na ordem do dia, embora o nosso presidente fosse negro e o editor geral também nessa época também fosse.

Então, é muito interessante como é que isso só foi... Esse movimento e esse movimento negro, ele só vai aparecer, que começou no Brasil na década de 1970, começou a se fortalecer e ele foi crescendo e foi alcançando uma repercussão maior muito recentemente, né? Antes, um pouco disso... Esse tema não era muito explorado na imprensa. E em Juiz de Fora, particularmente, eu sou a primeira negra a escrever sobre a cultura negra num jornal diário como a Tribuna de Minas, assim mesmo como uma coluna quinzenal, e às vezes eu nem escrevo nessa periodicidade quinzenal, mas pra você, para a gente ter uma ideia de como é que essa pauta é nova; ela é recente, mas, ao mesmo tempo, uma necessidade muito grande de ser falado desse assunto.

Eu sinto, não só pelas pessoas, os negros que eu tenho convivido, como eu vejo também com as pessoas brancas que, felizmente, também estão na causa antirracista, porque eu falo em todo lugar que eu vou que racismo não é coisa de negro. Racismo é problema de branco. Quem está indo para a cadeia é o branco, não é o preto. Então, o racismo obriga, como crime, obriga que se tenha um olhar mais apurado e mais cuidadoso sobre essas questões. Não somos nós, negros, que temos que nos atentar só a isso, porque a nós cabe a denúncia, cabe o enquadramento, registrar boletim de ocorrência, que é o primeiro passo que deve ser feito. Então... Mas cabe muito às pessoas não negras esse cuidado na questão da linguagem, importantíssimo, na questão do comportamento. A gente tem visto que o espírito do tempo, hoje, está muito a favor da causa negra. Apesar das atrocidades que ainda são cometidas hoje, pelo tocante ao racismo, a gente vê também uma grita muito grande. A cada caso, a gente está fazendo barulho, a gente está falando disso. Recentemente, o que aconteceu com o jogador de futebol Vinícius Júnior, que mostra claramente que não basta o povo negro ser rico, famoso, um talento super bem sucedido, reconhecido internacionalmente... Não basta isso. Pra gente entender até onde vai essa questão do racismo, que é muito mais profunda do que só observar esses aspectos da vida social, do cotidiano, até do que nos é imposto como modelo de bem sucedido.

Gramofone IV

Lucimar: Então, trazer, quando eu trouxe essa pauta para o jornal, eu senti uma... Eu senti como se as pessoas tivessem desejosas desse tema no jornal. Tem uma amiga que me contou, eu não conhecia essa pessoa ainda, mas eu estava num evento junto com ela, hoje ela é considerada minha amiga, que é a presidente do Conselho Municipal para a Promoção da Igualdade Racial, o COMPIR, que é Marilda Simeão, e a Marilda, num evento, disse assim para mim: “Lucimar, tem uma senhorinha que todo domingo, quando ela abre o jornal, que ela vê a sua coluna, ela fala assim ‘Lá vem ela!’” (risos). Então, assim, você vê uma senhora de quase 90 anos, que também está se sentindo representada por uma... Pelos casos que eu conto na minha coluna. Eu fico extremamente feliz de poder contribuir com esse momento histórico que nós estamos vivendo; de poder fazer isso na cidade que eu escolhi, que eu nasci, que eu escolhi viver, e ver que isso realmente tem relevância para as pessoas. Então, não é o meu trabalho, eu me sinto meio porta-voz por conta de ser jornalista; da profissão que eu escolhi, mas eu me sinto meio porta-voz desse desejo que está muito latente na sociedade. Eu sempre recebo sugestão de pautas, amigos me mandam programação de eventos, me mandam textos interessantíssimos para eu ler, trabalhos, e aos pouquinhos eu vou tentando trazer esses temas também para o nosso dia a dia. Pretendo até que, mesmo que eu não faça para o jornal impresso toda semana, mas é um objetivo meu, que eu faça pelo menos no digital toda semana; trazer um conteúdo na Tribuna de Minas. E a partir de hoje, da estruturação desse trabalho, que vem também ancorada com as demandas sociais, que não seja a minha percepção, mas que seja a percepção desse grupo que trabalha, desse grupo antirracista que trabalha para efetivamente mudar alguma coisa, para que eu possa ser instrumento desse clamor aí das pessoas para se sentirem representadas, para mostrarem seus talentos... Tanto o artista, quanto políticos, enfim... A minha coluna tem essa dimensão, eu não faço, excetuando essa questão dos conteúdos extremamente ultrapassados, essa questão muito atrelada à direita, aos conteúdos da direita, excetuando isso, eu não tenho muito isso... “Eu falo, isso eu não falo.”, geralmente está muito envolvida com a minha verdade, mas com o que as pessoas estão esperando ler naquele momento, né? E o resultado tem sido muito legal, muito mesmo. Está saindo, está extrapolando a questão da coluna já, sabe? Em termos de palestras, de apresentação, em termos de participação em movimentos. Estou conhecendo muita gente, e é bacana esse aspecto, porque não é só jornalista, sabe? Aí tem a Lucimar que está indo junto com isso, porque esse movimento que eu estou fazendo, na verdade, é um movimento muito pessoal, ao mesmo tempo, coletivo. O bacana é isso, porque quando a gente está fazendo alguma coisa com um objetivo muito claro, muito comprometimento com o propósito de vida, de crença, e de pele, porque eu trago essa história comigo, então poder falar de coisas que eu vivi, que eu vivo e que eu sei como acontecem na prática, por estar muito perto delas, faz com que minhas pautas sejam não só profissionais, mas também como histórias, o eco da minha própria sensibilidade em relação a esses temas.

Jéssica: Sei como é que é. Muito bacana!

Você menciona essa questão de essa pauta racial ser uma coisa mais recente. Se a gente para para observar, por exemplo, alguns dos fatores impulsionadores principalmente nesse âmbito nacional, essa questão da declaração do estatuto da igualdade racial de 2010, e pensando em uma questão mais regional, alguns movimentos sociais que sempre tiveram nessa luta política, racial, como é que você vê essa colisão desses movimentos com o jornal? O que você acha que gera essa movimentação para que o jornal passe a tratar dessas pautas que antes não eram tão vistas?

Lucimar: Eu acho que não é só uma questão de jornalismo, vamos dizer assim. A essência do jornalismo é a pauta social. Então se a pauta social é essa, não tem como o jornalismo se furtar a isso. E eu acho muito emblemático, quando o jornal começa a falar disso, significa que o movimento está crescendo. Significa que não dá mais para se regionalizar ou deixar isso por conta de um grupo específico; A, B ou C. Você vê, os governos estão se mobilizando, as empresas com pautas sensacionais de I.S.D., que aí inclui essa questão da diversidade.

Recentemente, inclusive, agora nessa semana, na última quarta-feira, dia 24, nós promovemos o Instituto Vivarte, da qual eu sou diretora de comunicação, junto com a Librar Produções, que é uma empresa de negócio social que trabalha com a língua brasileira dos sinais, fazendo com que os sites da empresa, os eventos, possam contar também com a língua brasileira dos sinais. E aí a gente trouxe a Juiz de Fora o diretor da TV Globo, diretor de produção da execução, o Gleiber Morato, que trouxe um case nos estúdios Globo, maior estúdio, maior empresa de comunicação da América Latina. Ele trouxe o case Releituras, que é a história da arte contada sobre o viés da população negra. E eles implantaram, eles fizeram esse projeto, eles ficaram um ano trabalhando nesse projeto que originou o primeiro festival de música negra nos estúdios Globo, no ano passado. Esse projeto envolveu toda a equipe dos estúdios Globo. Quem quis participar... Foi um chamado a quem gostaria de integrar e participar dessa confecção desse projeto, utilizando metodologias ágeis, como o Design Thinking e o Scrum. E eles, então, elaboraram esse projeto, que depois foi uma semana do festival de música com rodas de conversas, shows, debates, dentro dos estúdios Globo... Então eles recontaram a história da arte, mas agora à luz da cultura negra, à luz desse viés, dessa nova perspectiva. E foi... O resultado foi sensacional e ele apresentou pra gente aqui. Inclusive, tem uma coisa, um detalhe muito importante, que ele foi o top, ficou entre os temas, o festival top 10, acho que o oitavo lugar entre os assuntos mais comentados na história da intranet dos estúdios Globo. Eles bateram o recorde de visibilidade; no show do Mumuzinho, que o Mumuzinho fez lá. Foram mais de 6 milhões de visualizações por um projeto que eles acharam que ia ficar dentro do estúdio, e de repente o projeto alcançou essa dimensão toda. Então... Só pra mostrar também, dentro de uma empresa de comunicação, a gente tá falando de comunicação, nós estamos falando da maior... Como isso também tá grande. O movimento tá dentro, entende? Não tem mais... As pessoas muito sensibilizadas, as pessoas dando depoimento

dizendo “Eu vivi...” Pessoas negras, pessoas negras dizendo que trabalham lá, “Eu estou aqui há 20 anos e vivi pra ver isso acontecer.” Então, assim, mesmo dentro de uma empresa de comunicação que já está com essa pegada de diversidade, já faz tempo, tanto nas novelas, trazendo muito isso nos conteúdos deles de entretenimento, mas a gente vê como é que isso é um pauta que também não deixa de ser ainda uma novidade, vamos dizer assim, pra dentro, pra discussão interna.

Gramofone V

Então, acho que a Tribuna de Minas, acho que o Juiz de Fora, nesse aspecto, nós também estamos dentro desse movimento, não falo pelo jornal em si, mas falo pelo trabalho que eu realizo lá pela proximidade que eu tenho na redação; de como isso também está acontecendo aqui. E como isso tem sido relevante, o cuidado que os jornalistas estão tendo na hora de escrever esses conteúdos, porque a gente foi letrado em cima de muitos clichês... Em cima de palavras que são absurdas, se a gente for olhar da forma como essas palavras foram utilizadas, a própria questão da “mulata”, “denegrir”, então assim, o jornalismo também está muito atento pra não reverberar essas coisas que a gente não pode mais compactuar. E sobre esse aspecto, eu sou uma pacifista, mas eu sou um tipo de pacifista que, pra determinadas coisas, o pacifismo só se dá com uma postura bastante radical. E eu acho que agora esse é o momento do radicalismo. Não dá pra suportar mais, nem determinados comportamentos, muito menos, mas também a fala. Então eu acho que é uma preocupação que o jornalismo tem que ter e isso é muito legal. Uma das colunas que eu fiz o ano passado foi sobre a importância da representatividade de jornalistas negros. E eu entrevistei uma série de jornalistas negros aqui de Juiz de Fora e todos eles falaram de como é bom, de como é fundamental que os alunos, os estudantes, as crianças que moram na periferia, que estão em escolas públicas em sua maioria, como é importante que elas vejam exemplos próximos a elas, de negros que estão fazendo o que gostam de fazer, que estão à frente de câmeras de TV, que estão à frente nas redações, né? Como essa representatividade é importante. E todos eles falaram sobre isso, sabe? E é bom que a gente está vendo um movimento crescente de jornalistas negros e eu também estou tendo a oportunidade de conhecer vários e muito engajados. A juventude negra realmente veio pra luta e veio com brilho, com a questão da ancestralidade muito presente e fazendo essa memória da ancestralidade e que nos dá força pra que a gente possa fazer esse movimento com essa legitimidade toda que a gente está fazendo, porque nós estamos falando de história. História de Juiz de Fora, história do Brasil, história do mundo.

Jéssica: Muito importante.

Acho que você falou bem sobre como você enxerga esse recorte racial dentro do jornal, mas assim... Sua visão dessa pauta hoje, você acha que ela mudou muito em relação à sua

percepção quando você entrou pro jornal? Até por essa questão do descobrir-se negro, aquele clássico, não se nasce negro, se torna negro. Você acha que a sua visão mudou muito? A sua visão jornalística mesmo, de produção, desse início de carreira pro hoje?

Lucimar: Com certeza, sim. É uma mudança gritante. E às vezes é tão interessante porque eu olho e falo assim “Como eu não fazia isso antes? O que que acontecia que eu não fazia isso antes?” Por que que isso nunca esteve tão presente quanto está hoje no meu dia a dia? E aí tem dois movimentos que eu acho que aí parte um pouco da minha história de vida pessoal, do pouco acesso que eu tive a esse tipo de conteúdo, e de informação, e de... Lá em casa, por exemplo, nós não tivemos esse letramento racial, né? Minha mãe tem uma pele mais clara, meu pai, a pele do meu pai já era mais escura, mas a gente não falava disso. E era muito compreensível até, e eu coloco isso na coluna que eu escrevi, na primeira, porque é um assunto que machucava demais a gente. Então é difícil pras pessoas hoje falarem, mas hoje, acho que hoje ainda é difícil pra muita gente, tá? Eu conheço várias pessoas que estão nos ambientes de trabalho, que poderiam estar com essa pauta, levar essas pautas pras empresas, mas elas não levam. Elas não levam porque isso não tá bem trabalhado dentro delas mesmas, né? Eu fiz um grande trabalho comigo mesma, de autoconhecimento, fiz terapia durante mais de 10 anos, então assim, esse empoderamento, não gosto muito dessa palavra, mas só pra dar uma dimensão do que é... Esse apropriar-se da sua história faz com que você possa ir pro mundo mais mais convencida e mais... Assimilando melhor tudo isso que acontece.

Porque é um assunto muito dolorido, muito sofrido, é um assunto que vai te colocar, em tese, numa posição de inferioridade absurda, numa posição de dor profunda, numa posição social baixa, que vai colocar a gente nos piores lugares. Então, pra você poder fazer essa virada de chave e você dizer “Não, estamos sim, mas estamos lutando como sempre lutamos.”. Então, refazer essa história que também parte de um processo de que o negro era muito pacífico, de tanta coisa que nós fomos obrigadas a ouvir, obrigados a ouvir... Histórias mal contadas, arrançadas, narrativas que se apoderaram inclusive da nossa cultura, dos nossos valores, nos roubaram; numa tentativa de roubar isso da gente, e fez com que a gente realmente ficasse bastante enfraquecido.

Então, assim, foram necessários muitos anos e eu acho que ainda vamos precisar de muitos outros pra que a gente possa entender com mais profundidade o tanto que isso, a escravidão, o processo da escravidão no Brasil trouxe e vai trazer pra nós individual e coletivamente. Eu só consegui... Então não dá pra dizer que a questão é a empresa de comunicação. Na verdade, é o sistema. Na verdade, é como nós concebemos a nossa sociedade brasileira. O jogo que foi articulado, muito bem articulado, diga-se de passagem. Felizmente, a força e a resistência da população negra foi maior. Então, se nós não permitimos, apesar daquela situação toda que o negro viveu, e ainda vive, esse genocídio diário, que ainda não acabou, e como isso ainda não foi suficiente e não será agora, mais ainda, pra nos calar. Eu acho que está acontecendo um

movimento de despertar social dessas causas porque eu acredito firmemente que a gente é um todo. Inclusive nos aspectos de energia. Mas eu acredito que a gente seja um todo. E sendo um todo não tem “fora”. Então, não dá pra excluir. Não dá pra excluir ninguém se todo mundo é tudo. Se tudo é tudo, como é que dispensa? Como é que deixa de fora? Não tem como deixar de fora. Ou a gente inclui e entende que não tem lugar fora do que está aqui, ou a gente não vai avançar. Mas, na verdade, não tem nem essa questão de “não vai avançar” porque não existe essa possibilidade. Já que tudo é tudo.

Então eu estou muito confiante nesse movimento, no trabalho, aposto também, e me entrego ao trabalho que estou fazendo; justamente porque não é uma decisão minha, não é uma questão minha... É muito mais de entender que a minha profissão é um serviço, de que eu estou a serviço e que dar oportunidade, através do acesso que eu tenho ao jornal, por ser jornalista por trabalhar em Juiz de Fora mais de 32 anos na imprensa ou nas grandes empresas, mas também sempre muito relacionada com as redações, aproveitar que eu tenho esse acesso e colocar isso a serviço das pessoas. E fazer com que a coluna também reverbere os desejos dos grupos, dos excluídos, da cultura negra trazer tudo isso dos nossos costumes; enfim, é uma grande oportunidade, eu estou me sentindo assim... Privilegiadíssima. Eu sempre me achei privilegiada por ser negra e ter alcançado tudo que eu alcancei na vida e agora, na segunda metade do meu meio século, nos meus próximos 50 anos... Da segunda rumo ao século, meu primeiro século, é eu poder estar com essa energia toda e mais ainda, com uma experiência. Uma vivência que me ancora, que me segura, que me dá base, que me dá força, que me dá coragem para que eu possa fazer esse trabalho. Então, é engraçado, mas eu estou considerando o seguinte, não sei se vocês já viram aquele filme “O Curioso Caso de Benjamin Button”, que é uma pessoa que nasce velha e ela vai rejuvenescendo até morrer, bebê, né... Eu acho que está acontecendo meio isso comigo; parece que minha vida está começando agora e que agora é o gás. “Nossa, acordei, vamos embora!”; sabe aquela coisa assim?

Então eu tô com muita disposição, com muita vontade, com muito entusiasmo, com o coração super aberto para tudo, para todos, para que a gente possa fazer alguma coisa através do diálogo. Confio demais no diálogo, acho que não tem outra alternativa que não seja pelo diálogo e eu acho que é isso... De poder trazer esse conteúdo para um jornal que é histórico na cidade, que é o mais tradicional, o mais antigo, o único que ainda se mantém na versão impressa... Então eu acho que a Tribuna está fazendo o papel dela e nós também. Nós todos da sociedade de Juiz de Fora, principalmente das pessoas que estão muito relacionadas ao movimento negro; a gente está fazendo da nossa parte, seja na pesquisa, seja na educação, na sociedade de modo geral. Tanto projeto legal, tanta gente botando a mão na massa, sabe? Fazendo, de verdade, nas comunidades, junto com as crianças que eu acho que é um público fundamental. E é isso, o jornalismo não está deixando de fazer a parte dele; acho que está bem importante.

Gramofone VI

Jéssica: [...] Falamos um pouquinho sobre isso, sobre a forma como essa temática negra de movimento social, de movimento artístico, a pauta negra, no geral, vai crescendo gradativamente e ela tem um salto entre 2015 e 2017 (em Juiz de Fora); como é que é a sua observação disso? Você estava no jornal nessa época? Como é que foi isso lá dentro, se você estava lá?

Lucimar: nesse período eu estava fazendo projetos do departamento comercial, não estava totalmente integrada na redação da Tribuna, no dia a dia da Tribuna de Minas, mas eu observo... Eu acho; e aí só uma questão de percepção mesmo também, é a força que estava vindo da sociedade; e que fez com que as pessoas tivessem que se abrir a isso. A gente tinha pessoas, e ainda tem, hoje, dentro da redação, profissionais sensíveis demais que sempre, mesmo não sendo negros, conheço vários que estavam lá; mesmo não sendo negros, mas faziam questão de trazer essa temática, sobretudo na cultura. O pessoal do meio cultural, eu acho que a arte faz com que as pessoas fiquem mais abertas, mais propensas ao diferente e ao que tá acontecendo de diferente na sociedade. Não às pessoas diferentes, mas o que está acontecendo de diferente na sociedade. E eu acho... A pauta na cultura, principalmente nos cadernos de cultura, eu percebi que tinha já uma presença do negro mais forte. A gente, talvez, se você for olhar com mais cuidado aí pra isso, o segundo caderno que a gente chama, a presença da cultura negra estava lá. Seja na questão do show, seja numa entrevista, seja numa questão de uma profundidade das pautas mais profundas; isso já aparecia muito no caderno 2, que é uma outra galera. Dentro da redação, a gente sabia nas redações... A gente sabe quem é a turma do caderno 2, e por causa disso, por causa desse despojamento, por causa do olhar mais holístico que a arte exige isso de nós. Inclusive, enquanto as outras áreas ficam muito mais setorizadas, né? Nos desafios, nos problemas ou então nos eventos. Mas essa temática, eu acho que ela entra muito forte pelo segundo caderno pela cultura; que é um lugar de... Mais propenso mesmo, para essas reflexões.

E aconteceu uma coisa, inclusive, quando eu comecei a coluna na Tribuna de Minas, antes de começar, eu procurei a direção do jornal; e para dizer para as meninas que eu gostaria... Para a Suzana e para a Márcia Neves, que eu gostaria de escrever sobre cultura negra e que achava importante que um jornal que havia sido fundado por uma pessoa negra, por um negro, que trouxesse essa pauta. E para minha... Não minha surpresa, mas assim... Foi muito bonito esse momento, dessa conversa com elas, porque elas se emocionaram, inclusive, com a possibilidade desse resgate; porque elas viram muitas vezes o racismo que o pai delas sofreu, por ser médico, por ser de periferia; ele era um pobre. Juracy não nasceu em berço de ouro. Então, por ter feito a faculdade de medicina, que já era uma coooisa... E depois de virar um empresário da construção civil, depois dono de gráfica, dono de jornal, dono do maior grupo de comunicação da cidade. Então, essa força, sabe, que tá ali dentro da Tribuna de Minas, que faz parte da história da Tribuna de Minas também foi significativa na concepção dessa proposta da coluna. E aí eu

percebi que quando eu falei isso com as filhas do Juracy, elas sentiram que era importante fazer isso também; que é uma pauta que precisava estar em jogo, até pelo pelo sofrimento que esse tema do racismo havia provocado na história de vida do pai delas. E, por consequência, delas também, né?

Então, foi muito bacana esse dia, essa nossa conversa lá. [...] Eu estou com um projeto agora, trabalhando num projeto especial, que nós vamos contar sobre as histórias dos quilombos da Zona da Mata; a gente vai começar uma série de reportagens, e já fomos em alguns aqui na região, já estou entrevistando vários professores. Inclusive, uma delas, que está ligada à Universidade Federal de Juiz de Fora, é professora do João XXIII, a Carolina Bezerra, e a gente está trabalhando, porque ela tem também um trabalho no conhecimento nessa questão dos quilombos, fiz contato com a professora Hebe Mattos... Então, pra gente trazer esse assunto para a pauta do jornal. E quando eu falei com a Suzana que eu queria escrever, falei com ela: “Mas talvez eu precise de páginas duplas do jornal de domingo.”, ela falou “Toda sua! O que você precisar.”. Então, assim, é uma entrada muito legal desse conteúdo; tanto pela direção do jornal, quanto na redação. Recebo o carinho dos meninos, das pessoas, dos jornalistas da Tribuna, esse cuidado na direção. E é interessante porque, assim, durante... Acho que minha vida profissional inteira, eu sempre achava que isso era possível fazer. Não passava pela minha cabeça que eu ia fazer isso através... Escrevendo sobre a negritude; mas eu achava que era possível e eu ficava procurando esse conteúdo, de alguma forma, em mim. O que eu poderia fazer, provocar mudanças no pensamento das pessoas, na forma como as pessoas tratavam esse tema... Algum tema específico, importante para a sociedade, e coincidiu. E aí eu agradeço demais a Deus por essa iluminação, de poder ter essa clareza nesse momento da minha vida; com a convicção que eu tenho a respeito de quem eu sou, do que eu faço, do que eu posso contribuir nesse momento.

Então, assim, tá sendo uma série de... Tá fluindo. Então tudo, todas as coisas que eu me envolvo, quando eu percebo, deu liga aqui, deu liga ali, sem fazer esforço. Então, assim, é, de fato, o Zeitgeist, é o espírito do tempo. Esse assunto, a questão referente a história dos negros no mundo é o espírito do tempo; é hora de falar disso, é hora de falar de povos originários, é hora de a gente voltar às nossas raízes, recontar essa história, colocar as pessoas nos seus devidos lugares de direito. Fazer essa... É mais até do que uma reparação, né. Fazer esse processo de autoanálise, de autoconhecimento da própria história nossa, como civilização; e poder participar disso nesse momento é muito emblemático. Tá muito latente, isso tá muito visível isso e vou te dizer... Hoje, uma empresa de comunicação que não trata desse tema, especificamente comunicação, que é esse nosso assunto, mas eu digo assim... Uma empresa, qualquer empresa, que não tenha isso na sua pauta hoje, ela tá arriscada à extinção. Porque, se você não traz pra você, essa diversidade na forma de olhar pros negócios, na forma de olhar pros relacionamentos, na forma de constituir produtos, pensar produtos, pensar serviços, se você não tem esse olhar da diversidade... A sua empresa, o seu negócio, seja lá o que for, tá realmente com os dias contados; o que é muito bom.

Gramofone VII

Jéssica: Maravilhoso, gente.

Caminhando aqui, mais pro finalzinho, eu queria fazer uma anexação toda numa mesma pergunta, que eu acho que tá conectado também... Você falou um pouquinho sobre essa recepção do jornal em relação à essa pauta, importantíssima, e assim... Você acha que a... Como foi a reação do público, do jornal em geral, e como você vê hoje esse diálogo entre a Tribuna de Minas e a população negra da cidade de Juiz de Fora?

Lucimar: É interessante porque, assim, quando eu comecei o trabalho, era comum eu ouvir assim: “Ah, não acredito... na Tribuna?”, “Fazendo isso na Tribuna?”, “Minha entrevista na Tribuna?”, as pessoas falavam: “Não, não acredito que a Tribuna está fazendo isso.”, “A gente vai aparecer na Tribuna de Minas...”. Então, sim, realmente tinha uma... Eu senti isso, muito no começo da coluna, principalmente. Tinha muito isso das pessoas não acreditarem que a Tribuna estava aberta a esse tipo de conteúdo. Foi engraçado mesmo, assim, foi bem...

Jéssica: Foi muito recente isso, né?

Lucimar: Foi, foi, muito recente. E foi muito... Pra mim, foi muito pontual, primeiro para entender que o espaço que eu estava ocupando, de as pessoas falarem, acharem que não tinha um vez dentro do jornal, no espaço do jornal. E eu fiquei assim... Falei “Como não?”. Porque realmente é isso, como eu era funcionária da casa, como eu sempre tive uma abertura imensa, lá no jornal, eu nunca vi, eu não vi essa dificuldade, né? Mas quando eu comecei a escrever, comecei a entrevistar as pessoas e pegar esses conteúdos todos, as pessoas falavam “Não acredito que a Tribuna está tratando disso.”. E, aos poucos, eu tenho visto, assim, fui numa reunião recente e uma das pessoas falou assim: “Ah, eu assinei a Tribuna de Minas só aos finais de semana para poder receber sua coluna, para poder ler sua coluna. E aí eu fiquei super feliz, né? Falei “Poxa, estou trazendo negócio então para o jornal.” (risos). Mas, mais do que isso, exatamente isso, você vê, as pessoas ao ponto de quererem fazer uma assinatura, de querer estar com o jornal em mãos, o impresso ainda, né? Para poder... Porque sabe que ali vai ter um conteúdo que vai interessar, né? Que vai falar de coisas que ela não estava habituada a ver ainda nas páginas do jornal anteriormente. Então, assim, é um ganho enorme para a comunicação, é um ganho enorme para a cidade, é um ganho enorme para mim, nem se fala, mas como eu entendo que é um espaço que está a serviço desse movimento, né? Eu acho que realmente tem feito diferença. Mudou, mudou a perspectiva, sabe? As pessoas já começaram a pensar que podem encontrar esse tipo de coisa no jornal. E isso foi muito interessante, assim. Tem sido muito

interessante. Mesmo como o jornal, né? A coluna, minha coluna conserva lá todas as edições, né? Então, assim, é possível acessar pelo site os outros conteúdos de coisas que eu já escrevi. É um conteúdo que eu acho importante falar, que é gratuito, né? Então, assim, a Tribuna, o site da tribuna é aberto. Aí, apesar das pessoas falarem “Ah, mas tem que assistir ao vídeo.”. Tem que assistir ao vídeo para poder abrir o conteúdo. A gente sabe que não tem almoço grátis. Alguém está pagando por aquilo ali, obviamente, né? E que bom que basta só ver um videozinho para você ter acesso ao conteúdo... Você não precisa desembolsar nada. Tem alguém desembolsando, um anunciante desembolsando ali para você. Então, acho que isso é importante, essa gratuidade, esse acesso à informação, né? Mesmo para quem não assina o digital, né? Não precisa fazer isso. O conteúdo é realmente de graça. E eu acho isso muito importante, sabe? Acho isso um diferencial e tanto em relação até aos grandes jornais, que a gente precisa ter uma assinatura para poder ler um artigo de um... Da rede deles, de articulistas, né? Então, eu acho muito emblemático ser de graça.

Jéssica: Você fala dessa questão do digital... Para você, assim, no geral, né... Mas também, enfim, no digital. Comparando o período que você entrou no jornal para o hoje, né? O que você acha que mudou, assim, em relação a isso? E você acha que o digital mudou muita coisa? Ele influenciou em muita coisa nessa mudança geral?

Lucimar: Uhum. Com certeza, né? E eu acho que a principal mudança é na forma de fazer. Antes a gente tinha uma redação lotada de gente, hoje você já pode fazer na sua casa. Hoje, por exemplo, eu entrego para o jornal um material pronto para impressão. Então, imagina se isso passava pela minha cabeça quando eu sentava de frente para uma máquina de escrever, Hamilton... Que eu teria o controle sobre todo o processo. Desde a questão da titulação, né? Desde a questão de escolher o espaço que você vai usar, que você vai ocupar para colocar aquele tipo de informação. Até, obviamente, pensar nessa questão do digital sem fronteiras, né? De você poder escrever para o mundo inteiro e ter acesso àquilo que você está fazendo. [...] Mas eu acho que mudou. Essa forma foi mais emblemática. [...] Eu tenho que escrever agora parágrafos menores. Na minha cabeça, assim, no meu processo criativo, não interferiu. Eu não vejo essa interferência. Eu vejo que está muito mais fácil por a matéria, porque eu mando, peço para a pessoa mandar o áudio para mim. “Agora eu não posso parar...” - “Então você manda um áudio para mim? Ou você quer que eu mande a entrevista e faça por e-mail?”. Então assim, hoje está muito mais fácil fazer do que anteriormente. Não tenho a menor dúvida disso. E também muito mais sobre o controle do jornalista o processo produtivo. Eu gosto disso, tá? Eu não acho ruim. Óbvio que tem aquelas coisas dos excessos, né? Que aí a pessoa hoje, jornalista, repórter, ele tem que gravar no celular, ele tem que tentar trazer um vídeo para a redação, ele tem que trazer a foto, ele tem que trazer o texto, ele tem que trazer áudio, ele tem que trazer... Enfim. Hoje ele virou multiplataforma, né? Mas é uma exigência do tempo. Eu acho... Não vejo, pode ter caído a

qualidade, como muita gente reclama da queda da qualidade, na questão dos conteúdos. Eu também não acho que essa queda não seja importante de ser observada. Mas é sinal... É mudança, né? Então, mudança implica em você ter algumas perdas, mas você ter outros ganhos, né? No final da história, o que eu acho mais sensacional nos jornais, nas empresas de comunicação, é que elas não podem fazer fake news, né? Porque elas têm implicações legais com relação a fake news. Então se uma pessoa hoje quiser, de fato, ficar bem informada, ela precisa procurar informar-se pelos meios de comunicação, comprometidos, de verdade, com a informação. Mesmo que com vieses, mesmo defendendo um ponto de vista ou outro ponto de vista, ela só não pode fazer mentira, como acontece com as fake news, né? Então acho que essa é a grande virtude, hoje, que diferencia de verdade quem está com seriedade na produção da informação, e quem está causando essa desgraça do século, o mal do século aí, chamado fake news, né?

Gramofone VIII

Jéssica: Você falou sobre essa recepção e sobre essa forma como você, foi você, né? Que sugeriu tratar dessa coisa. Muito legal. O que te fez pensar nisso mesmo? Foi o cotidiano? E aí você teve...

Lucimar: Um insight, né?

Jéssica: “Tem que falar disso aqui.”. É... E foi isso que aconteceu realmente?

Lucimar: É, foi mais ou menos isso. Na verdade, é o seguinte... Eu gosto, sempre... Eu sempre fui.. Gostei muito de escrever. Eu tenho um blog também, que eu escrevo coisas lá de autoconhecimento.

Jéssica: Depois me passa.

Lucimar: É lucimabrasil.com.br. E assim, tem conteúdos diversos lá, e é muito... Eu adoro blog, assim. Lá eu posso falar de outros temas também, daí eu geralmente não replico minhas colunas no blog. O blog ficou uma coisa diferente mesmo. Um outro aspecto da Lucimar. É, mas, então o que aconteceu? Eu gosto muito de escrever, sempre escrevi. E aí eu escrevi e todos os meus amigos falaram “Nossa senhora! Isso não é possível, você tem que fazer isso, tem que isso...” e eu falei “Gente, eu tô me aprontando, eu tô me aprontando.”. Mas, na verdade, eu tava esperando a... Chegar num nível de autoconhecimento que me permitisse ter segurança daquilo que eu fosse dizer. E isso aconteceu ao longo de... Na pandemia, por exemplo, e a pandemia pra mim foi, assim, realmente, eu acho que pra todo mundo, pra mim não foi diferente, um divisor de águas. Porque foi na pandemia que, pela primeira vez, na vida, eu frequentei lugares que só tinham negros. Então eu fui fazer curso pra... De empreendedorismo para negros, aí como era virtual, o grupo era todo fechadinho, eu de repente abri minha tela do computador e tinha cem

carinhas pretas na minha frente, cada uma mais diferente do que a outra, do Pará até o sul do Brasil. E foi realmente sensacional. Não, quando eu abri a tela, eu abri a boca a chorar. [...] E aí foi, aí aquilo já mexeu comigo. Depois eu fui fazer uma formação em impacto social que foi maravilhosa. Ia ser presencial, mas por causa da pandemia foi virtual. Ia ser no Rio. E assim, eram duas aulas que a gente tinha, dois encontros semanais e foi assim, a nossa salvação. Era um grupo de 30 pessoas, mais ou menos, e de diversas partes do país também. O Instituto Amani é um instituto, a matriz dele é na Índia, e ele é muito forte nessa questão do impacto social. E eu fui lá fazer essa formação, tinha alguns negros fazendo também. E nós começamos a olhar um pra carinha do outro. Eu já tinha feito esse curso de empreendedorismo para negro, já tinha me chamado essa atenção, eu já levei essa pauta para o impacto social, na conversa que eu tinha com os meninos ali, com os outros colegas. E quando nós terminamos a formação, uma jornalista negra do Rio de Janeiro, que ficou, minha amiga, a Thaíse, a Thaíse falou “Você tem uma coisa que você não pode deixar de fazer.” - “O quê?” “É uma formação de lideranças para mulheres negras. É a Academia Firminas.”. Eu me inscrevi e fui selecionada. Era uma formação gratuita, quatro meses de duração, também com encontros, dois encontros semanais. E aí só tinha mulher preta... E aí, só aquelas dores e delícias nos grupos fechados em que a gente tinha que contar as nossas histórias.

E eu ficava muito impressionada como tinha muita gente jovem sofrida. Mas assim, que ia desde o sofrimento por morar na periferia, até o sofrimento do cabelo, que era uma coisa impressionante. Do corpo, enfim... Aquilo foi me tocando, de uma certa forma, porque eu era mais velha no grupo que a gente ficou de trabalho e eu ficava impressionada com as mulheres do interior de São Paulo. Era cada relato de racismo no trabalho. Nossa, mas era muita coisa. Fiquei muito impressionada. Falei “Não é possível. Eu preciso fazer alguma coisa.”. Aí ficou aquela mosquinha... “Eu preciso fazer alguma coisa.”. Então, durante o ano de 2022, foi muito emblemático para mim. Uma busca por um autoconhecimento, incrível, que eu até escrevi sobre isso no blog lá, uma coluna que chama “Sempre Foi o Amor”, que eu dei conta do que tinha me movido até então.

[...]

Eu fiz uma coluna que deu uma repercussão danada e aí ela falou “Você viu lá?”, eu falei “Não vi.”. Eu não vi, eu não... Não é uma preocupação, eu não tenho preocupação com o que as pessoas vão fazer com aquilo que eu escrevo. O meu problema é escrever. Depois que eu escrevi... [...] Aí, querida, aí você serve aí e tal. Mas assim, uma... Mas foi uma descoberta. E assim, a certeza de que eu estou no lugar certo, fazendo as coisas certo, no momento certo. Eu sempre pedi muito isso da espiritualidade. Para me colocar, sabe? Todo mundo falava assim “Nossa! Foi na hora certa, no momento certo.”. Eu falava, gente, “Por que não vai acontecer isso comigo?” Não, pode acontecer comigo. Eu falei, e agora aconteceu comigo. Agora eu estou no

lugar que eu deveria estar, fazendo o que eu quero fazer, o que eu gosto de fazer, e atendendo uma demanda que é muito maior do que eu. Entendeu? Mas pela repercussão, recebi agora, quarta-feira... terça-feira, uma moção de aplauso na Câmara Municipal; por causa do trabalho, não do trabalho, dessa visibilidade, apesar de eu estar no jornalismo há 32 anos, mas agora veio. Olha, veio a biografia dos meninos do João XXIII. A moção de aplauso na Câmara Municipal. No outro dia, o Gleiber, que está até conversando comigo aqui, da Globo, vem a Juiz de Fora para falar sobre o projeto Releituras. Eu aqui com você hoje, eu fazendo coisa da Rosa, que vai ser na segunda, Comenda... Você viu como é que está?

Jéssica: Muito legal. Vai uma coisa conectando com a outra.

[...]

A conversa com Lucimar foi bastante relevante para a produção deste trabalho, pois, além de ser mulher negra, é, também, agente de uma pauta indispensável dentro de uma parte “chave” da comunicação em Juiz de Fora; o Tribuna de Minas. Decidi optar por manter maior parte da conversa, ainda que alguns detalhes possam aparentar não se relacionar diretamente com o que estamos discutindo neste capítulo, pois vejo os pequenos detalhes como uma forma de aproximação da entrevista e também da entrevistada, permitindo uma profundidade que toca nos pontos que mais nos interessam, mas que também esbarram nas entrelinhas de como ocorreram parte dos encaminhamentos para os mesmos, compreendendo algumas questões individuais vivenciadas pela entrevistada.

Esmiuçando a discussão em algumas partes, começemos com o *Gramofone II*. Lucimar é escritora de uma coluna dedicada a falar sobre cultura negra; a primeira do Tribuna de Minas; lançada em 6 de março de 2022. Este é um fator interessante a se observar; o jornal, existente desde o ano de 1981, atravessou décadas e teve sua primeira coluna dedicada à cultura negra apenas no ano de 2022. Um evidente avanço, porém, bastante tardio. A jornalista dá o exemplo de Rosa Cabinda, uma das pautas pontuadas em sua coluna e também fala sobre a forma como as pessoas percebem e conversam com ela sobre a relevância de seus escritos.

Outro aspecto importante é a narrativa de Lucimar sobre ter se descoberto negra aos 42 anos de idade; algo comum entre muitas pessoas negras, já que o racismo estrutural faz com que as

pessoas tenham medo/receio da cor e até mesmo da palavra “negro”; devido ao peso histórico atrelado à raça.

“Na realidade, quando alguém pergunta: qual é a sua raça? nem sempre recebe como resposta uma reação positiva da outra pessoa. Alguns ficam desconcertados, outros não sabem o que responder, alguns acham que é uma piada e outros reagem com agressividade. Nem sempre a reação é positiva e a pessoa questionada nem sempre responde imediatamente. Além disso, no campo complexo das relações entre negros e brancos estabelecidas em nosso país, dependeremos do contexto em que tal pergunta é feita. Ela poderá ser realizada por um recenseador do IBGE; como forma de “piadinha racista”; com um sentido político, dentre tantas outras maneiras. A forma como recebemos e reagimos a essa pergunta dependerá, sobretudo, da maneira, da compreensão, da leitura e da construção da identidade étnico/racial do sujeito que é questionado. Essa reação tão diversa em relação ao uso do termo “raça” para nomear, identificar ou falar sobre pessoas negras deve-se, também, ao fato de que a “raça” nos remete ao racismo, aos ranços da escravidão e às imagens que construímos sobre “ser negro” e “ser branco” em nosso país.” (GOMES, Nilma Lino, 2012, p. 44-45)

Negros de pele clara recebem uma passabilidade maior em espaços onde negros de pele retinta não conseguiam, e, muitas vezes, ainda não conseguem adentrar, devido ao pacto do racismo. Todavia, em ambientes de segregação, independente da tonalidade da pele negra, negros recebem menor acesso e menos direitos garantidos. Toda essa questão contribui diretamente com as problemáticas em relação à construção da identidade de muitas pessoas não brancas. Lélia Gonzalez, em sua ressignificação de uma famosa reflexão de Simone de Beauvoir, em relação à mulher, bem pontuou que não nascemos negros, nos tornamos negros. É uma conquista o “tornar-se negro” (GONZALEZ, 2020). A história de Lucimar, assim como a minha e muitas outras, parece não ter fugido disso.

No *Gramofone III*, a entrevistada comenta a respeito de como a estrutura familiar, ainda que humilde, foi fator fundamental para garantir uma educação de qualidade para ela e sua irmã. Entretanto, apesar de ter conseguido estudar em um colégio renomado, de acordo com a mesma, não obteve contato com discussões sobre raça através da instituição. Ao ingressar na universidade, a situação se repetiu: poucos colegas de classe negros e também a ausência de docentes negros. Após a universidade, Lucimar comenta sobre a chegada no jornal, que também possuía poucas pessoas negras, entre elas, o fundador e um editor. Sua fala cristaliza ainda o modo como essa pauta não esteve presente dentro do jornal naquele momento, apesar da

existência da presença de alguns negros. Mas é crucial pensar em sua fala quando tece o comentário de onde essa população aparecia, quando aparecia nas matérias: pauta policial e questões relacionadas à moradia, à estrutura dos lugares. Esta foi minha observação nas edições físicas do jornal que investiguei, principalmente nas primeiras décadas de suas publicações. Quando não o silêncio e não a menção em datas como o 13 de maio e 20 de novembro, corpos negros estampados em reportagens sobre criminalidade e tragédias. Sobre isso, o Hip-Hop também se posiciona constantemente.

“Sem dinheiro são poucas escolhas
O favelado na favela vive dentro de uma bolha
O favelado na favela vive e sobrevive nela
Eu sou o favelado que vive pela favela, porra!
A escola me reprovou de série, mas a rua me aprovou
pra ser representante dela
Se a sirene sinaliza a dor, atira o sinalizador pra
explanar que hoje é guerra
Matei o presidente pra que o povo se rebelde
Gritei: Marielle, presente! Essa bala também me fere
E esse tiro fere cada morador que já teve um sonho
frustrado
E só quem é vai sentir na pele
E eu prego a fé, independente da crença
**É a nossa dor que alimenta as reportagens da
imprensa”**
(Choice MC, 2018)

O trecho acima é uma das edições de uma *cypher*, que significa um conjunto de saberes reunidos e expostos entre e por vários artistas; neste caso, relativa a elementos da Cultura Hip-Hop, como rap e breaking. A parte da *cypher* citada, intitulada “Favela Vive” é um verso do rapper Choice, participante da terceira edição. Para além de todo cunho crítico do verso, como o relato das poucas oportunidades e a forma como as metodologias de ensino, muitas vezes, não abraçam o estudante, pois partem de uma abordagem conteudista não absorvida pelos alunos, pois enfrentam inúmeros problemas que lhes tocam mais, como a fome e a violência, ao fim, a denúncia à imprensa e sua forma de interpretar a população negra e a periferia; contribuindo com a visão errônea e racista de que a favela se trata apenas de tragédias e criminalidade.

Ainda em diálogo com o *Gramofone III*, a entrevistada comenta sobre a forma como essa pauta relacionada à discutir a cor, de fato, não estava na ordem de produção editorial. No fim de sua

fala nesse tópico, Lucimar menciona ser a primeira negra a escrever uma coluna sobre cultura negra em um impresso como a Tribuna de Minas, isto é, um jornal tão tradicional e afamado.

Já no *Gramofone IV*, Lucimar comenta sobre ter notado um desejo das pessoas de ler sobre essa pauta no Tribuna de Minas, além da representatividade, que relata receber comentários a respeito. Ela também falou sobre trazer essa história consigo e sobre como fazer parte da comunidade negra influencia em sua percepção do assunto e, conseqüentemente, em sua forma de escrever sobre o mesmo. Esse relato reflete e reafirma a forma como, muitas vezes, são as próprias pessoas negras e periféricas que percebem sua realidade e partem em busca de ferramentas e veículos para se movimentar e manifestar-se a respeito das dificuldades e problemáticas enfrentadas no cotidiano. Ao fim de sua fala neste gramofone, Lucimar responde sobre como o movimento social e sua atuação foi e é fundamental para fomentar esse tipo de discussão, fortalecendo a pressão feita aos veículos de comunicação no geral, tensionando e fazendo com que se tornem presentes dentro da mídia.

No início do *Gramofone V*, a jornalista comenta a respeito do cuidado que os membros do jornal, recentemente, de acordo com sua narrativa, estão tendo com o uso de palavras e expressões racistas, como “mulata” e “denegrir”, termos utilizados para inferiorizar negras e negros. Lucimar afirma que esse cuidado tem o objetivo de não reverberar o uso dessas palavras; o que mostra certa atenção do jornal em se adaptar à demandas da presente temporalidade, que passou a questionar e denunciar inúmeros fatores de cunho preconceituoso que, outrora, eram utilizados não só pelos meios de comunicação, mas também pela sociedade. Cabe, porém, ressaltar que a população negra nunca aceitou de forma passiva as violências sofridas, a resistência sempre existiu e, a todo momento, foi praticada dentro das possibilidades; por vezes, até mesmo nas impossibilidades. Essa batalha possui múltiplas camadas, sendo a revisão de palavras e expressões apenas uma delas.

Consequente, a entrevistada menciona novamente a questão da representatividade, através de entrevistas que realizou com jornalistas negros; e dialogaram sobre a importância de que as crianças negras e periféricas entrem em contato com essas referências para abrir horizontes em seus olhares e reconhecerem que também podem fazer parte disso. Fator de muita relevância, pois a representatividade é o que faz brilhar os olhos daqueles que, desde sempre, ouviram da sociedade que não poderiam e não deveriam estar em determinados lugares.

Ao fim do *Gramofone V*, Lucimar narra que, a partir do momento em que começou a tratar a pauta racial em seu trabalho, começou a indagar as razões de não fazer isso antes, recorrendo a respeito de como a falta de acesso à discussões relacionadas à raça e classe fizeram com que essa percepção chegasse até ela somente após anos de vivência já da vida adulta. Brasil nos relata também sobre como o cuidado com a saúde mental auxiliou em seu processo de lidar com a questão. Outro aspecto interessante de sua fala, neste *Gramofone V*, é quando aponta:

“Porque é um assunto muito dolorido, muito sofrido, é um assunto que vai te colocar, em tese, numa posição de inferioridade absurda, numa posição de dor profunda, numa posição social baixa, que vai colocar a gente nos piores lugares.” (BRASIL em entrevista a MENDES, 2023)

O forte relato traz um pouco da discussão do último parágrafo do *Gramofone II*, a respeito das percepções e do tornar-se negro. Além disso, ela relata o modo como percebe seu acesso com o prisma de fazer-se porta-voz de uma população que, há muito, é excluída; não se furtando do comentário a respeito do avanço da imprensa em relação à tratar destas pautas que, anteriormente, não eram abordadas.

É necessário, ainda, observar de forma mais crítica a abstenção em tratar deste tema anteriormente; tanto em relação ao Tribuna de Minas, quanto à Lucimar. Os espaços vazios desta pauta ao longo dos anos anteriores às discussões contribuíram negativamente; reverberando a segregação dessa pauta negra dentro da imprensa hegemônica.

Indo de encontro ao início do *Gramofone VI*, Lucimar conta um pouco de sua percepção em relação ao salto de matérias do jornal em relação à produções sobre população negra e arte entre os anos de 2015-2017. No gráfico anexado na introdução deste trabalho, com o olhar debruçado no site do jornal, podemos observar esse avanço de forma ilustrada. A jornalista menciona a forma como o “olhar sensível” de alguns dos produtores responsáveis pelas matérias contribuiu para a inserção dessas pautas dentro das discussões do Tribuna, e comenta também sobre a arte ser um potente veículo que chama a atenção das pessoas e faz com que elas estejam mais abertas.

Caminhando para o fim deste gramofone, na fala de Lucimar, há um recorte muito importante para nossa discussão:

“Foi muito bonito esse momento, dessa conversa com elas, porque elas se emocionaram, inclusive, com a possibilidade desse resgate; porque elas viram muitas vezes o racismo que o pai delas sofreu, por ser médico, por ser de periferia; ele era um pobre. Juracy não nasceu em berço de ouro. Então, por ter

feito a faculdade de medicina, que já era uma cooisa... E depois de virar um empresário da construção civil, depois dono de gráfica, dono de jornal, dono do maior grupo de comunicação da cidade.”

Ao nos relatar sobre o momento em que apresentou sua proposta de tratar de cultura negra para a direção do jornal, as filhas de Juracy Neves, Suzana Neves e Márcia Neves, comenta sobre a forma como as filhas foram, de acordo com sua fala, tocadas pela ideia, pois, ao longo de suas trajetórias, teriam visto o racismo e o preconceito enfrentados pelo pai. Juracy, pelo que alguns apontamentos indicam, era lido como homem negro. O que nos permite uma reflexão a respeito do viés da cor e da abstenção de tratar da mesma, talvez, buscando assegurar uma imagem estabelecida pela passabilidade de uma pele negra não retinta e de conseguir acesso e permanência em espaços, majoritariamente, dominados por pessoas de pele branca. Particularmente, sustento a interpretação de que a abstenção de tratar questões relacionadas à raça anteriormente dentro do jornal, tanto por parte de membros negros como não negros, não estejam apenas ligadas às dificuldades em se identificar como negro ou compreender a importância da questão, mas também à estratégias de construir imagens e não imagens de acordo com o que a sociedade considera aceitável para a época em que o material está sendo produzido.

No penúltimo divisor, o *Gramofone VII*, Lucimar conta sobre o impacto que o público expressou nos primeiros momentos em que começou a trabalhar com a pauta negra e discuti-la no Tribuna de Minas. Isso se dá devido à não abordagem por esse viés anteriormente no jornal. Ela também comenta sobre a forma como estar dentro do jornal e de sua construção fez com que passasse despercebido, por muito tempo, o fato de as pessoas negras não conseguirem acesso ao mesmo. Indicou também a importância da gratuidade do conteúdo no acesso online e destacou a forma como é um ganho para a comunicação local receber discussões como essa, outrora não pautadas.

2.2. Colorindo o jornalismo e a comunicação

A presente discussão teve início através da análise das origens do Tribuna de Minas, por meio do estudo de edições impressas. Um fato, porém, que não posso deixar de explicitar, é a forma como o silêncio encontrado nas páginas, por muitas edições, me fez recorrer à investigação de

onde estavam as vozes negras; o que veremos melhor no próximo capítulo. Em minhas visitas ao arquivo, no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, onde investiguei os impressos do jornal, levei muitas horas em busca de menções à população negra. Menções essas quase não existentes até a década de 2010. É somente após os 100 anos da Abolição, em 1988, que as abordagens sobre essa população começam a aparecer e, em encontro à crítica já feita anteriormente: destacando o fator racial apenas em meses como maio, em decorrência da Abolição (13 de maio de 1888) e novembro, como consequência da comemoração da Consciência Negra (20 de novembro).

Minha proposta de trabalho teve início com o objetivo de mapear as edições físicas e menções à população negra ao longo de 1981 a 2020 e compreender suas transformações. Todavia, como mapear e discutir menções praticamente inexistentes durante tantos anos? Considerando um trabalho anterior (MENDES, 2022) que já havia estudado as transformações desde 2011, percebi que seria mais frutífero, no presente capítulo, compreender as possíveis razões para tal ausência, ao invés de deter-me apenas em investigar o silenciamento. Ausência que penso ter sido justificada pelas problemáticas que antecedem esta página.

Gostaria de puxar-lhes a atenção não apenas para os impressos, mas também para o acervo digital; citado anteriormente na introdução desta dissertação e também na entrevista com Lucimar. Este estudo, após notar o mencionado no parágrafo acima, propôs-se a compreender alguns dos fatores por trás do silenciamento da população negra em Juiz de Fora, sem deter a atenção apenas para o impresso ou para o digital. As multifacetadas formas de comunicação fazem parte de nosso cotidiano e correlacionar algumas fontes me fez chegar a observações mais concretas.

No *Gramofone V*, Lucimar menciona uma matéria que produziu e publicou, baseada em entrevistas com alguns jornalistas negros da cidade. A mesma se tornou também uma fonte para este capítulo. Vejamos, pelo site do Tribuna de Minas, a referida matéria; publicada em 22 de outubro de 2022. Essa breve análise também nos trará importantes percepções.

Por que é tão importante o protagonismo negro no jornalismo?

Por Lucimar Brasil

23/10/2022 às 07h00 - Atualizada 22/10/2022 às 18h14

Desde que concebi ocupar este espaço na Tribuna de Minas, para falar de cultura afro-brasileira, minha intenção sempre foi a de dar voz a pessoas que, como eu, sentem na pele o que é ser negra e negro no Brasil. Mais ainda, sentem orgulho por isso, pela história que estão construindo como cidadãs e cidadãos, fazendo ecoar a luta antirracista e ocupando não apenas o lugar de fala, como também o lugar que nos fala ao coração.

Assim, convidei seis jornalistas apaixonados pela profissão, para juntos refletirmos sobre a importância do protagonismo negro no mercado da comunicação, instigando uma resposta a quem está tão acostumado a fazer perguntas.

Além da provocação a eles, porém, estendo o questionamento a você, leitora e leitor, afinal nunca foi tão importante aprofundar significados para palavras, como representatividade e diversidade, e repensar processos de recrutamento e seleção nas empresas. Apesar de sermos a maioria da população brasileira, ainda estamos invisíveis e somos minoria em inúmeros espaços, sobretudo os mais privilegiados, do mercado de trabalho.

Fernanda Evarista



Estava atuando como comentarista para uma rádio local em uma partida do Tupinambás. Ao longo de todo o jogo, percebi que uma menina, aparentava não mais que 9 anos, fitava insistentemente nossa cabine de transmissão, principalmente em momentos mais tensos da disputa. Seu olhar me parecia um misto de surpresa, curiosidade e admiração. Assim que terminou o jogo, vi novamente a mesma menina, encabulada, enquanto eu passava no saguão do estádio. Sua avó então me chamou, se apresentou e me agradeceu. Sem entender, perguntei o porquê do agradecimento, e ela me disse que sua neta estava encantada por ver uma mulher preta, assim como ela, falando ao microfone na cabine. Que a neta agora podia sonhar em fazer a mesma coisa. Por isso precisamos de mais protagonistas pretos no jornalismo. Para falarmos por nós, mas, principalmente, sermos exemplos para os que virão e farão muito mais.

Carmen Calheiros

Só os jornalistas negros são capazes de desenvolver uma noção mais profunda de como as questões raciais deveriam ser abordadas pelos meios de comunicação, legitimando os temas plurais de diversidade. Mais do que isso, jornalistas negros influenciam a agenda diária dos veículos, abrindo espaço para as pautas que denunciam o racismo e as que contribuem para a mudança do imaginário a respeito das pessoas pretas. A comunicação antirracista é um processo educativo que precisa ser construído no dia a dia. É urgente educar a atual e as futuras gerações, para o resgate da cultura, dos valores humanos, do direito à cidadania e das tradições. Vejamos como tem sido importante ver jornalistas pretos e pretas como protagonistas nos veículos de comunicação de massa, influenciando e inspirando, sobretudo a população preta, a ser ver como protagonista.



Telma Elisa



Dados divulgados pelo “Perfil Racial da Imprensa Brasileira”, em novembro de 2021, mostram que 98% dos jornalistas que se declaram pretos ou pardos consideram que os profissionais de imprensa negros (classificação do IBGE para a soma de pretos e pardos) enfrentam mais dificuldades em suas carreiras do que os colegas brancos. A realidade é mesmo ainda muito dolorosa ao se pensar que vivemos num país de maioria negra. Ao longo de minha carreira profissional, consigo contar nos dedos das mãos os colegas de trabalho que marcam presença no jornalismo local. As incontáveis vivências de desrespeito com a população negra deixam marcas indeléveis na alma, mas também alimentam o desejo

pulsante de que nossa voz seja cada vez mais ouvida. Somos parte de um fazer diário que forma e informa. Somos nós também elemento fundamental para o desenvolvimento de uma nação diversa e com força para seguir no combate ao racismo. Lutemos dia após dia, como cantou Elza Soares, para que possamos “guardar o direito de algum antepassado da cor, brigar sutilmente por respeito, brigar bravamente por respeito, brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)”. Eu acredito e luto todos os dias para que a carne mais barata do mercado NÃO SEJA a carne negra.

Tâmara Lis

Ao ouvir essa pergunta, o posicionamento de duas grandes referências quando se fala em protagonismo negro vieram à minha cabeça. A primeira delas, a atriz Viola Davis que, em seu discurso, ao receber o Emmy por melhor atriz de drama, em 2015, destacou que se não houver quem repense a figura do protagonista, do negro, do belo... haverá sempre uma linha aguardando ser cruzada e que não podemos ganhar um prêmio por um papel que não existe. Na lista de Viola acrescento: enquanto não houver nas redações de jornalismo o protagonismo negro na tomada de decisões, para além do efeito propagandístico de ocupar as telas, não se pensará o papel da população negra em sua completude. Seremos lembrados eternamente no 13 de maio e no 20 de novembro. Só sendo autores e não personagens da história que o jornalismo escreve todos os dias sobre nossa sociedade, fugimos do risco da história única, apontada pela segunda referência que trago aqui: a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. É urgente enegrecer o olhar para enxergar, de fato, a realidade em que vivemos.



Antônio Carlos da Hora



Jornalismo é prática humana, entre outros aspectos. Mais do que isso! Jornalismo é prática profissional debruçada sobre a ação humana em uma sociedade. Portanto, é um desafio constante! E este desafio se amplia à medida em que é praticado por mulheres e homens pretas e pretos. Aliás, há um ponto importante que precisa ser ressaltado: não há como fazer jornalismo sem se considerar o profissional que está à frente desta prática. Portanto, nós, profissionais jornalistas pretas e pretos, trazemos para a realidade da profissão a mesma que vivemos na sociedade, com todas as suas contradições, enfrentamentos, dores e sabores; sendo este último às vezes doce, outras, agri-doce. A resiliência, a capacidade de luta, a assertividade, a altivez fazem parte do nosso dia. Como também faz parte o enfrentamento ao preconceito, ao racismo velado, aos questionamentos (sempre constantes) sobre nossa capacidade profissional e nossa vida dentro e fora das redações.

Lidianne Pereira

Ainda nessa semana, estava lendo os comentários em um post sobre matéria que trazia a trajetória da jornalista Maju Coutinho, hoje apresentadora do Fantástico. Quer saber o posicionamento em relação a ela? Leia os comentários nos canais oficiais da emissora. A representatividade e a competência da Maju estão atreladas a sua cor. Uma preta, retinta, com roupas sempre de cores alegres, cabelo afro, liberta de pensamentos e críticas alheias, falando firme com uma entonação de voz que traz inquietação mediante as reportagens que revelam o racismo, o extermínio e a procrastinação de uma Justiça lenta e, na maioria das vezes, que culpabiliza as vítimas negras. Uma delas



alvejada com 80 tiros em um carro por policiais militares. Nós, jornalistas, não trabalhamos com achismos. Temos a certeza de que estamos longe do ideal de representatividade negra. Mas, fiquem certos, de que estamos, juntos, como pretos, chegando ao topo.

(BRASIL, Lucimar, “Por que é tão importante o protagonismo negro no jornalismo?”, Tribuna de Minas, Juiz de Fora, 23 de outubro de 2022. Disponível em <<https://tribunademinas.com.br/colunas/lucimarbrasil/23-10-2022/por-que-e-tao-importante-o-protagonismo-negro-no-jornalismo.html>>)

Todos os seis jornalistas entrevistados por Lucimar Brasil mencionaram a segregação e as dificuldades enfrentadas ao longo de suas carreiras. Além disso, comentaram também sobre a importância de pessoas negras estarem nesses espaços, narrando suas vivências, enfrentando o racismo e servindo de inspiração para àqueles que, muitas vezes, sequer puderam sonhar em estar nesses lugares, em decorrência da falta de oportunidades e do preconceito sofrido. A perspectiva de cada jornalista negro contando sobre sua experiência e esbarrando com as mesmas questões entre si, nos evidencia a luta histórica da população negra e periférica pelo direito à narrativa.

É inegável que, partindo de uma análise histórica, é muito recente o crescimento da diversidade e a preocupação da grande mídia em inserir pessoas negras em papéis vistos como importantes. Em meio à exceções, através de muitos esforços e muita luta, aqueles que conseguiram conquistar esses cargos outrora. Ao mesmo tempo, o peso daqueles que se esforçaram tanto e foram violentados pelas camadas de uma sociedade repleta de racismo estrutural e que nega, até hoje, o acesso para as pessoas negras.

Como estratégia adotada pela grande mídia para manter o status quo, reforça- -se a imagem historicamente estigmatizada do(a)s negro(a)s, que permanecem associado(a)s a antigos estereótipos que o(a)s consideram delinquentes ou o(a)s mantêm na mais profunda invisibilidade. Perduram os ecos daquela mentalidade que vigorou no período pós-abolicionista e propagou, de maneira sutil e velada, as ideias de que existe uma hierarquia entre as raças, sendo superior a branca e inferior a negra. Dá-se visibilidade a uma imagem da maioria da população negra associando-a a estereótipos construídos no século XIX, tais como: a violência (como vítima ou, principalmente, como agressor), a falta de capacidade para reverter sua posição social de pobreza (pela inserção em ocupações precárias ou pela necessidade de acesso às políticas de assistência), a libido (colocando os homens como estupradores em potencial e as mulheres como objeto sexual) etc. (SANTANA, Bruna da Paixão, SILVA, Everton Melo, ANGELIM, Yanne, 2018, p. 10-11)

A influência das opiniões que a imprensa, e a mídia no geral, construíram acerca do negro ao longo da história do Brasil foram fatores fortemente prejudiciais para a percepção do mesmo na sociedade. Com abordagens estereotipadas, preconceituosas e intencionadas, construiu-se um olhar com a intenção de perceber sujeitos que sempre foram ativos e firmes unicamente como perigosos e/ou vulneráveis; isso quando a contribuição midiática não vinha/vem pelos caminhos do puro silenciamento. Há de se observar, porém, que até mesmo algumas abordagens que tratam

da questão, por algum viés distorcido, sem menção direta à raça (mas com o uso/associação de sua imagem) e questões mais profundas relacionadas à mesma temática, contribuíram e contribuem também para a construção desse silêncio “implícito”.

2.3. Comunicação para que(m)?

Esse capítulo procurou ilustrar, por meio de matérias, falas, origens e continuidades, a forma como o silenciamento de toda uma população possui raízes profundas e sempre esteve a serviço de interesses específicos e repletos de intenção.

Como expliquei, meu objetivo de pesquisa não é discutir apenas o silêncio, mas, principalmente, elucidar a presença, as lutas e atividades daqueles que foram silenciados. População negra não é crime e vulnerabilidade, como os grandes veículos de comunicação retrataram em um passado ainda muito presente. A presença e habitação negra é cultura, luta, força e sabedoria.

“Freire reflete sobre o “silêncio” em que se acham as classes populares, dominadas pela prescrição de uma palavra transmissora de uma ideologia da acomodação. O reforço disso resulta na “cultura do silêncio”, própria de estruturas fechadas como a do latifúndio – por exemplo, como temos na comunicação no Brasil. Conforme o educador, na cultura do silêncio, pensar é difícil; dizer a palavra, impossível. Freire salienta o enfrentamento à cultura do silêncio. É necessário tomar a história na mão e transformar a realidade opressora e a sociedade como um todo. Falar em uma rádio comunitária pode significar sair da cultura do silêncio.” (LAHNI, Cláudia, 2008, p. 3)

Como mencionado por Lahni, a cultura do silêncio criou espaços de dificuldades em pensar e falar. Em encontro ao apontado pela autora, conforme defendido por Freire, torna-se necessário o enfrentamento ao silêncio e a ocupação desses espaços. Para que isso seja cada vez mais frequente e potente, é indispensável conhecer lutas que vieram antes e ampliaram, com muito suor, o campo de direitos que hoje possuímos. Como colocado em versos pela rapper Negra Li:

“Quem foi que não sentiu discriminado por
alguém?
Há vinte anos atrás, cantava paz
Mas, de lá pra cá, só andamos pra trás
Aliás
A nova geração eu respeito
Só quem tava lá, naquele tempo, sabe o jeito,
o que foi feito
O sofrimento que passamos
Vário manos, milianos, sem os panos
Mas atitude de respeito
Hey
É grave a greve, sei
Que o tempo é breve, dei
O melhor de mim até ali
Vou continuar a cantar
O tempo vai passar
Você vai lembrar da Negra aqui
Ideia certa, papo reto, não tem mistério
O dinheiro em si não faz o império
Seu legado, sua honra, seu mérito”
(Negra Li, 2018)

Através da análise da rádio comunitária Mega FM, que se dará no capítulo seguinte, poderemos abraçar um pouco mais dessa presença e força em Juiz de Fora. Escolhi tratar da rádio Mega por diversos motivos, entre eles: a pluralidade, senso de coletividade, propagação da representatividade, aliança com a Cultura Hip-Hop e resistência. A Mega, ainda que tenha se transformado em outro(s) veículo(s), como visualizaremos, perdura até os dias atuais: hoje, como Coletivo Vozes da Rua (desde 2013). Compreenderemos melhor nas próximas páginas.

A Mega FM teve circulação de 1997 a 2005; sendo o ano de 1997 o mesmo em que o site do jornal Tribuna de Minas foi fundado. Ambos circularam na mesma temporalidade e possuíram lutas e princípios muito diferentes. Conforme levantado, o site do jornal e os materiais impressos não pautaram a questão racial durante um longo período de tempo. Outros veículos (como a Mega), porém, o fizeram com veemência e coragem. Devemos aqui, não tratar a imprensa e a mídia, no geral, como vilãs; mas percebê-las em suas totalidades e compreender seus poderes, usos e significados.

Já conhecendo mais sobre o Tribuna, partimos, então, após visualizar um breve índice de imagens do mesmo, de encontro aos caminhos alternativos.

2.4. Índice de imagens do Tribuna de Minas

Página inicial do jornal Tribuna de Minas em sua primeira publicação (agosto de 1981)

TRIBUNA DE MINAS

JUIZ DE FORA, AGOSTO DE 1981 • N.º 00 • DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

UM JORNAL NOVO NAS IDÉIAS E OBJETIVOS



Juiz de Fora, 131 anos: a cidade que começou em uma fazenda desenvolve-se entre montanhas

JF e Zona da Mata, a força de um mercado

Com uma representação política significativa — um senador, três deputados federais, dois estaduais, 19 vereadores — e um colégio eleitoral que em 30 de junho de 1981 revelou a existência de 158 mil 900 eleitores, em duas zonas eleitorais, Juiz de Fora representa hoje muito mais do que ocupando 127 municípios — que compõem a Zona da Mata — um milhão 300 mil pessoas dependem da segunda cidade de Minas Gerais.

Estrategicamente situada no eixo Rio-São Paulo-Rio Horizonte, com 690 indústrias e 26 agências bancárias, Juiz de Fora tem uma arrecadação tributária, no ano passado, de Cr\$ 1 bilhão 700 milhões. (Página 11)

A atuação da imprensa em 4 depoimentos

O papel exercido pela imprensa e as suas perspectivas, fizeram parte do depoimento de quatro jornalistas de Juiz de Fora: Paulino de Oliveira, Dornelly Nobrega, Almir de Oliveira e Adilson Zappa — que, em um levantamento crítico, observaram o idealismo dos anos 40 e a necessidade do tom empresarial atual.

Eles defendem a política de um trabalho sério, para se evitar o resurgimento "de mãos profissionais", o maior recelo de Dornelly. A esse diagnóstico, soma-se a terapêutica de Adilson Zappa, que sugere, para um embasamento da relação jornalista-empresa, a necessária valorização e o aperfeiçoamento do profissional em todas as áreas de um jornal. (Pág. 10)

Nas bancas, o perfil dos poucos leitores

A maior faixa consumidora de jornais diários em Juiz de Fora é a masculina, entre 35 e 45 anos, enquanto as mulheres figuram dentro de parcelas mínimas entre os clientes das diversas bancas da cidade. Além dos jornais locais — *Diário Mercantil* e *Diário da Tarde* — os veículos preferidos são os cartões, destacando-se *O Globo* e *O Jornal do Brasil*.

Segundo pesquisa realizada durante três dias nas bancas São Francisco de Paula, Lindóya e A. Pinheiro, os jornais paulistas figuram em percentuais bastante reduzidos. Dos jornais de Belo Horizonte, a maior penetração fica por conta do *Estado de Minas*, que não supera os 90 exemplares diários. (Página 8)

Juracy Neves, uma vocação para o diálogo

"Um jornal forte, corajoso e polêmico, que visa levantar bandeiras em defesa de Juiz de Fora e Zona da Mata e gritar por seus legítimos direitos. Um jornal, que será o porta-voz desta região tão carente e estará aberto a todas as linhas políticas ou filosóficas, sem discriminação de classes sociais".

Assim, o médico e empresário Juracy de Azevedo Neves, Diretor-Presidente do Grupo Solar de Comunicação, define a orientação editorial da *TRIBUNA DE MINAS*, que "está nascendo para ocupar um espaço vazio na área da comunicação, com o sério compromisso de integrar em seus quadros os grandes valores até então abandonados".

Juracy assegura que "a *TRIBUNA DE MINAS* nasce justamente preocupada com a reintegração deste potencial humano, para que seja possível agora a formação de uma escola de jornalismo. Como não tenho nenhuma pretensão política, minha aspiração maior é, exatamente, o legado, para as gerações futuras, de uma obra voltada para o campo social. Daqui a 50 anos os homens estarão mortos mas as obras irão sobreviver".

Empresário bem sucedido aos 49 anos de idade, casado com Suzana Villaca Freitas Neves e pai de quatro filhos — Marcos, Márcia, Suzana e André — Juracy Neves justifica seu interesse pela comunicação através de sua formação humanista de médico e professor de Antropologia. "O trabalho de jornalismo, diz ele — atuando na área médico-hospitalar e de construção civil, está permanentemente voltado para o campo social. Portanto, a *TRIBUNA DE MINAS* representa um complemento de todo este trabalho, cujo objetivo é essencialmente o homem, dentro de uma linha de absoluto respeito e lealdade". (Página 3)

"O jornalismo como processo de solução"

O diretor-superintendente do Grupo Solar, Alonzo Ribeiro da Cruz, explica o surgimento da *TRIBUNA DE MINAS* como uma extensão dos objetivos sociais dos empreendimentos anteriores do grupo nas áreas da medicina e da construção civil: "A Comunicação desencana a regularização dos processos de solução dos grandes problemas e impasses". Ele crê na tentativa de se criar um jornal regional em Juiz de Fora como uma oportunidade de se provar que "é possível acreditar-se nas próprias forças e abrir novos caminhos para a integração desta Zona da Mata, tão carente e pobre". (Página 3)

JORNAL DO COMMERCIO

Dade O Constituinte, o Imparcial e o Manifesto Republicano, primeiros jornais a circular em Juiz de Fora, em 1870, até o lançamento da *TRIBUNA DE MINAS*, cerca de 280 títulos de jornais, semanários e de periodicidade mais freqüente surgiram e desapareceram. Caracterizados por um jornalismo romântico, onde a arte sobrepunha-se ao capital, não deixavam, apesar disso, de efetuar um trabalho vigoroso. O *Jornal do Commercio*, de propriedade e direção de Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, em sua edição de 16 de abril de 1898 dava uma visão clara do trabalho desenvolvido. Traçando um perfil da cidade — uma Juiz de Fora com menos de meio século de existência — já questionava os fatos que marcavam o fim de uma época. Alguns vestígios destas publicações, que registraram suas páginas a história da cidade podem ser encontrados nos arquivos do historiador Dornelly Nobrega, que há 32 anos insiste em obter recursos dos setores administrativos, responsáveis pela memória de Juiz de Fora, para mantê-los. (Páginas 6 e 7)

Chegar cedo ao assinante, uma garantia

Um sofisticado equipamento eletrônico composto de máquinas processadoras de filmes e de retículas, fotomecânicas, computadores e perfuradores, garante a qualidade técnica e industrial da *TRIBUNA DE MINAS*, que será impressa no sistema *off set*, com capacidade de 14 mil exemplares/hora, através de uma rotativa de uma dobradeira.

Todo este complexo industrial é coordenado pelo engenheiro gráfico Luiz Walter de Azevedo, que além de garantir um produto bem acabado afirma que a *TRIBUNA DE MINAS* chegará bem cedo às mãos dos assinantes e nas bancas de jornais de Juiz de Fora e toda região. (Página 9)

UM JORNAL SÉRIO, OTIMISTA E CORAJOSO. SEM PARTIDARISMO

Juiz de Fora, agosto de 1981 • Página 3

"Sou um realizador de pés no chão, profundamente otimista e, acima de tudo, fundamentalmente ético a respeito do fracasso, quando me proponho a realizar algo em que acredito". A frase do médico e empresário Juracy de Azevedo Neves, diretor-presidente do Grupo Solar de Comunicação sintetiza em termos gerais o seu entusiasmo e cefreza no lançamento do mais novo empreendimento do seu grupo, a TRIBUNA DE MINAS.

Até atingir esta etapa que ele considera o marco de uma vida toda voltada para o campo social — construção civil, medicina e comunicação — Juracy Neves viveu uma infância humilde em Lima Duarte, onde nasceu a 15 de junho de 1932, filho de José Antunes Neves e Acidália Azevedo Neves. Após concluir o curso primário no Grupo Escolar Bias Fortes, em Lima Duarte, sua vida inicia uma sequência que se estende até hoje em Juiz de Fora onde, após completar os cursos ginasial e colegial no Ginásio Bicalho e Academia de Comércio, ingressa na Faculdade de Medicina de onde sai formado em 1958.

Começa então uma carreira intelectual e profissional ativa e enérgica: fundador do primeiro curso preparatório de ensino superior em Juiz de Fora, o Curso Barros Terra, para a Faculdade de Medicina; professor de antropologia na antiga Fafite, desde 1962 até a sua absorção pela UFJF; professor adjunto da Faculdade de Medicina da UFJF, após concurso público de títulos e membro de numerosas bancas examinadoras de docentes da UFJF.

Em 1963, Juracy Neves exerce o cargo de Médico-Chefe do Serviço de Cirurgia do Pronto Socorro Municipal, diretor do PSM e secretário de Saúde do prefeito Adhemar Resende de Andrade. A sua carreira médica, entretanto, vai mais além: médico-cirurgião da Santa Casa de Misericórdia; fundador e diretor-presidente do Hospital São Marcos; fundador e diretor-presidente do Instituto Oncológico S/A, hoje com extensão em Juiz de Fora e Nova Iguaçu (RJ); membro do Colégio Brasileiro de Cirurgões e presidente da Associação dos Hospitais de Juiz de Fora.

...

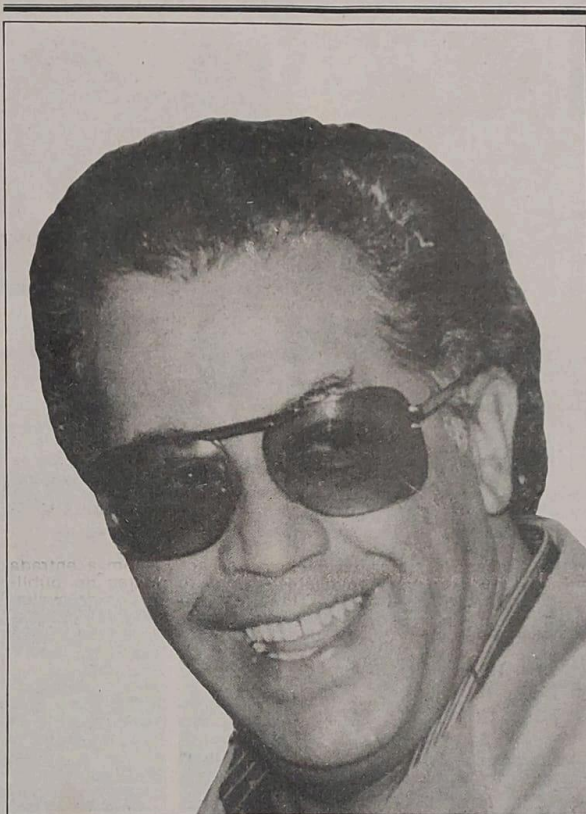
— Para se entender a decisão de me lançar na área de Comunicação Social — explica ele — devo fazer um ligeiro histórico sobre o Grupo Solar. Minha formação humanista de médico e professor de Antropologia foi que me levou, em verdade, para a área social. Começamos, inicialmente, no campo médico-hospitalar, quando criamos dois hospitais. Nasceu, a seguir, a Solar Empreendimentos, que é uma empresa que objetiva a construção de unidades habitacionais para atender uma classe de menor poder aquisitivo, financiado através do Sistema Financeiro de Habitação.

— Mas foi para ocupar um grande espaço vazio existente em Juiz de Fora, dentro da linha social, que começamos então a investir no ramo da Comunicação. Para isso, adquirimos imediatamente a Rádio Sociedade de Juiz de Fora, na qual estamos executando uma série de remodelações e aumentando a sua potência, a fim de que ela possa integrar toda a região. Em seguida, adquirimos a Esdeva, que é um dos maiores parques gráficos do Estado e onde estamos elaborando a TRIBUNA DE MINAS, um jornal regional que nasce em Juiz de Fora e que tem como propósito fundamental levantar todos os problemas dessa região, sem nenhum cunho político-partidário. Nossa meta principal é congrega todos os empresários e a comunidade, de maneira global, para a defesa dos problemas regionais.

Para Juracy Neves, "a TRIBUNA DE MINAS" há de ser o porta voz dos empresários que reivindicam seus direitos e necessidades junto aos poderes públicos, sejam eles municipais, estaduais ou federais. É bom lembrar que Juiz de Fora já foi o terceiro centro comercial e industrial do Brasil: a falência desta cidade deve-se mais à incompetência dos poderes públicos, do que propriamente a vontade de trabalho de seu povo".

Consiente de que o lançamento de um novo jornal marca, realmente um "momento histórico para

ESTA É A PROPOSTA DO DIRETOR-PRESIDENTE DO GRUPO SOLAR DE COMUNICAÇÃO, JURACY DE AZEVEDO NEVES



Juracy Neves: o jornal como porta-voz de uma região carente.

uma região paupérrima, como a Zona da Mata, abandonada, esquecida e calada", Juracy Neves tem uma visão bastante ampla do papel do jornalismo moderno:

— A Comunicação Social tem por objetivo fundamental a integração porque ela é, em última análise, uma batalha, cuja arma é a palavra. Palavra, para mim, é integração, é a união entre uma pessoa e outra. Consequentemente, a Comunicação Social representa a estruturação, a integração e a formação de uma sociedade. O papel do comunicador, por isto mesmo, é de extrema importância, porque ele vai contribuir para que essa modificação se opere mediante a reestruturação de cada indivíduo, através de sua mensagem.

Coerente com as suas idéias, ele lamenta que "em Juiz de Fora a Comunicação não seja exercida sob a forma empresarial, provocando, em consequência disso, o abandono dos grandes valores. Uma situação que deverá se inverter agora, já que tomamos como objetivo inicial a reintegração desse potencial existente, para que seja possível a formação de uma escola de jornalismo para a geração futura. Aliás, não tenho nenhuma pretensão política. Minha ambição maior é, justamente, o legado para as gerações futuras de uma obra voltada para o campo social. Daqui a 50 anos, os homens estarão mortos, as obras irão sobreviver".

— O que eu poderia dizer neste momento é que temos um sério compromisso com a sociedade. Temos um compromisso, também, com a nova geração de jornalistas. Minha formação universitária me leva a preocupar com esses aspectos. Há necessidade de transmitir aos futuros jornalistas essa mentalidade que já foi adquirida pelos comunicadores mais experientes.

...

Avaliando a TRIBUNA DE MINAS dentro de seu contexto editorial Juracy Neves define o jornal como um veículo apolítico, voltado para os problemas regionais e que pretende conceder um espaço a todos os assuntos, com imparcialidade, fazendo uso da verdade sem manipulação.

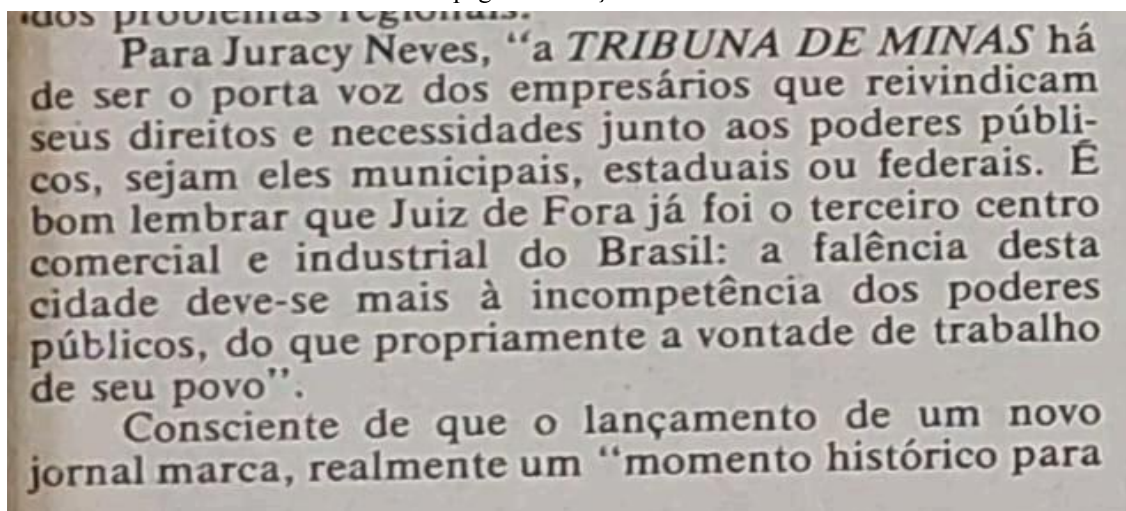
Um jornal forte, corajoso e polêmico, que visa levantar bandeiras em defesa de Juiz de Fora e Zona da Mata e gritar por seus legítimos direitos. A TRIBUNA DE MINAS será o porta-voz dessa região tão carente e atenderá a todas as reivindicações que se fizerem necessárias, sem discriminação de classes sociais, linhas políticas ou filosóficas. Suas preocupações maiores serão a integração, a verdade e o respeito ao leitor, a quem pretendemos atingir através de um trabalho ético e responsável.

Otimista, Juracy Neves é um dos empresários que mais defendem o desenvolvimento regional. A certeza de que a Zona da Mata um dia manifestará todas as suas potencialidades, hoje adormecidas ou relegadas a interesses poucos significativos, fez com que ele expandisse cada vez mais a área de atuação do Grupo Solar nas últimas duas décadas, até atingir hoje a área da Comunicação Social. E é com a experiência de quem acompanhou todo um processo histórico dos últimos 20 anos que ele manifesta a sua visão do futuro:

— Juiz de Fora, realmente, perdeu hoje toda a sua liderança, mantida durante muito tempo na região. E verificou-se, a partir de então, o aparecimento de um hiato que veio separar esta grande área mineira de uma participação plena na vida nacional. Agora, esta cidade está tentando se reencontrar e acredito que a TRIBUNA DE MINAS possa representar um elemento valioso para que Juiz de Fora retorne ao seu devido ponto: de líder da Zona da Mata nas áreas econômica e política, com direito à palavra, com voz firme e ressonante.

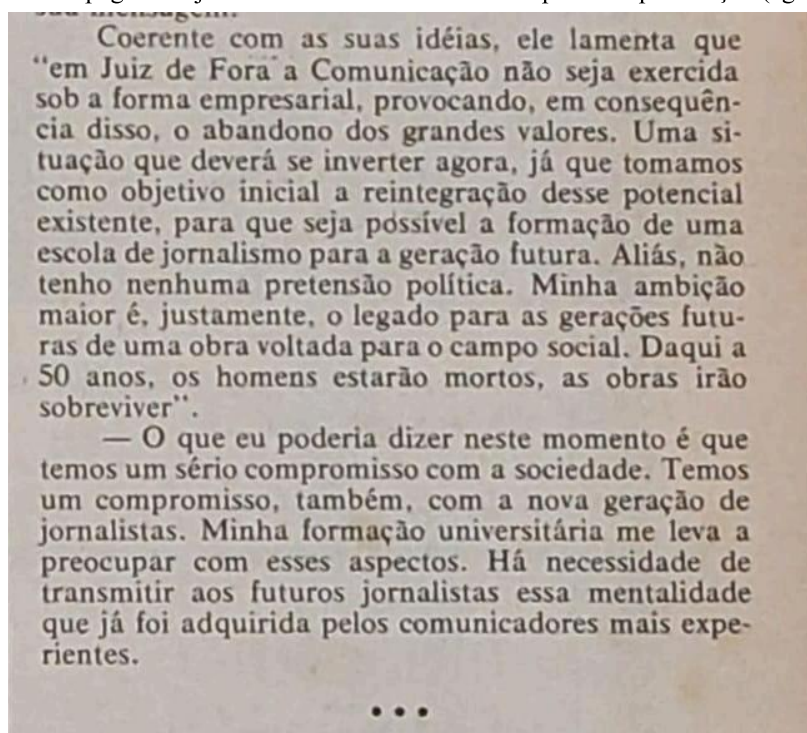
E ele está absolutamente certo de que "a TRIBUNA DE MINAS" se empenhará na formação dessas lideranças e na solução dos problemas regionais. Creio que a independência deste novo jornal é peça fundamental para essa retomada".

("Um jornal sério, otimista e corajoso. Sem partidatismo", Tribuna de Minas, Juiz de Fora, agosto de 1981. Disponível no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes)



("Um jornal sério, otimista e corajoso. Sem partidatismo", Tribuna de Minas, Juiz de Fora, agosto de 1981. Disponível no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes)

Trecho da terceira página do jornal Tribuna de Minas em sua primeira publicação (agosto de 1981)



("Um jornal sério, otimista e corajoso. Sem partidatismo", Tribuna de Minas, Juiz de Fora, agosto de 1981. Disponível no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes)

Trecho da terceira página do jornal Tribuna de Minas em sua primeira publicação (agosto de 1981)

A EXTENSÃO DOS OBJETIVOS SOCIAIS DO GRUPO SOLAR

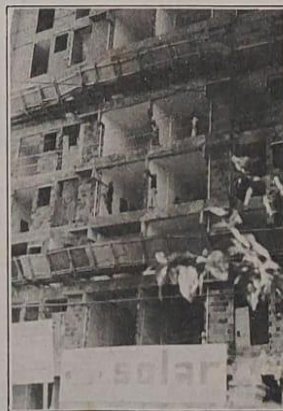
"Para atender aos objetivos sociais do Grupo Solar, só havia uma solução: entrar no campo da comunicação social". Com este raciocínio, o sociólogo Afonso Ribeiro da Cruz, diretor-superintendente do Grupo Solar, explica o surgimento da *TRIBUNA DE MINAS*, "um jornal de verdadeira penetração, voz e veículo dos problemas regionais, necessidade que se impunha na comunicação local".

Segundo ele, "a tentativa de se criar um jornal regional em Juiz de Fora é, ao mesmo tempo, uma tentativa de se provar que é possível acreditar-se nas próprias forças e abrir novos caminhos para a integração regional". Esta crença o sociólogo transporta para a própria área da Comunicação: "A Comunicação é tudo. Eu costumo dizer aos alunos de jornalismo que a sua profissão é, estrategicamente, a mais importante de todas, sem querer exagerar".

"Tanto a Comunicação é tudo, argumenta Afonso Cruz, que no Novo Testamento o próprio Salvador é chamado de Verbo, isto é, Palavra". Para ele, "a criação desse jornal é o compromisso desta geração com as próximas gerações".

Afonso Ribeiro da Cruz, também professor de Sociologia na UFJF, explica que o surgimento da *TRIBUNA DE MINAS*, por outro lado, reflete um objetivo puramente social do Grupo Solar:

— Nossos novos empreendimentos são agora mais demonstrativos dessa realidade do que os anteriores. Esse objetivo teve seu início com a construção civil, que visa atender um objetivo marcadamente social.



Afonso Cruz: depois da habitação e saúde, a comunicação nos caminhos da Solar.

("A extensão dos objetivos sociais do Grupo Solar", Tribuna de Minas, Juiz de Fora, agosto de 1981. Disponível no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes)

"Para atender aos objetivos sociais do Grupo Solar, só havia uma solução: entrar no campo da comunicação social". Com este raciocínio, o sociólogo Afonso Ribeiro da Cruz, diretor-superintendente do Grupo Solar, explica o surgimento da *TRIBUNA DE MINAS*, "um jornal de verdadeira penetração, voz e veículo dos problemas regionais, necessidade que se impunha na comunicação local".

Segundo ele, "a tentativa de se criar um jornal regional em Juiz de Fora é, ao mesmo tempo, uma tentativa de se provar que é possível acreditar-se nas próprias forças e abrir novos caminhos para a integração regional". Esta crença o sociólogo transporta para a própria área da Comunicação: "A Comunicação é tudo. Eu costumo dizer aos alunos de jornalismo que a sua profissão é, estrategicamente, a mais importante de todas, sem querer exagerar".

"Tanto a Comunicação é tudo, argumenta Afonso Cruz, que no Novo Testamento o próprio Salvador é chamado de Verbo, isto é, Palavra". Para ele, "a criação desse jornal é o compromisso desta geração com as próximas gerações".

Afonso Ribeiro da Cruz, também professor de Sociologia na UFJF, explica que o surgimento da *TRIBUNA DE MINAS*, por outro lado, reflete um objetivo puramente social do Grupo Solar:

— Nossos novos empreendimentos são agora mais demonstrativos dessa realidade do que os anteriores. Esse objetivo teve seu início com a construção civil, que visa atender um objetivo marcadamente social.

("A extensão dos objetivos sociais do Grupo Solar", Tribuna de Minas, Juiz de Fora, agosto de 1981. Disponível no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes)

Capítulo III

Comunicação e imprensa alternativa

3. As vozes

Entre as disputas pelo direito à voz e à cidade, muitos foram os caminhos traçados pelos grupos alternativos no geral; seja no setor artístico, no setor da comunicação, da escrita, etc. A forma como a imprensa hegemônica atuou e se impulsionou em Juiz de Fora criou um ambiente de insatisfação e ausência de representatividade, principalmente nos bairros periféricos da região.

O capítulo I nos permitiu entender melhor as possíveis razões pelas quais a questão citada acima foi firmada sob esses moldes. A ênfase em pensamentos comerciais, o reforço na defesa de direitos e gestões empresariais, por exemplo, são ideais que não caminhavam - e não caminham - em direção às necessidades das comunidades. Entre os tensionamentos desses dois pólos, apenas um está preocupado em estabelecer e discutir as pautas mais lucrativas, pois o outro está pensando em como sobreviver no dia seguinte; seja lidando com a questão do preconceito, da violência, da fome ou da falta de oportunidades. Muitas vezes, todas as opções juntas.

“Pesadelo, hum, é um elogio
Pra quem vive na guerra, a paz nunca
existiu
No clima quente, a minha gente sua frio
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil”
(Racionais MC’S, 2002)

O verso citado acima, dos Racionais MC’S, pertence ainda a música “Negro Drama”, anteriormente citada neste trabalho, em alguns outros trechos inseridos no capítulo I. O recorte, como várias canções do grupo, se refere às inúmeras situações enfrentadas pelos moradores negros e periféricos; e as condições que são fornecidas para essa população, historicamente varrida dos grandes centros urbanos e abandonada nas margens de uma sociedade que insiste em tentar esconder seu legado racista e classista que perdura, em muitos espaços, até os dias atuais. A quem interessa o abafamento das vozes da periferia?

“A imprensa se colocou como a instituição capaz de apontar o caminho a ser trilhado pela cidade. Assume para si o papel de guia, de condutora da sociedade – um elemento que até hoje compõe o imaginário em torno da imprensa.” (GOODWIN JUNIOR, J. W., 2007, p. 80)

A imprensa é, de fato, um agente que se estabelece como ponto de referência para a sociedade; isenta de imparcialidade, independente do lado político para o qual for mais tendenciosa. Cabe, porém, compreender os interesses de cada lado e quais os objetivos daqueles que estão por trás da construção da palavra que vai de encontro ao público.

Voltando brevemente ao diálogo com a entrevista de Lucimar, no capítulo II, é interessante observar a surpresa dessa mesma população negra e periférica ao saber que suas pautas passariam a aparecer mais no *Tribuna de Minas*. Referente ao *Gramofone VII*, temos o trecho:

“É interessante porque, assim, quando eu comecei o trabalho, era comum eu ouvir assim: ‘Ah, não acredito... na Tribuna?’, ‘Fazendo isso na Tribuna?’, ‘Minha entrevista na Tribuna?’, as pessoas falavam: ‘Não, não acredito que a Tribuna está fazendo isso.’, ‘A gente vai aparecer na Tribuna de Minas...’” (BRASIL em entrevista a MENDES, 2023)

Essa surpresa parte daqueles que estavam acostumados a não se ver por ali. Do contrário, provavelmente não haveria tamanho impacto. A estranheza advém da leitura de que aquele não era um espaço comumente aberto para esse tipo de pauta outrora; naturalmente, tal mudança causa estranhamento.

O presente capítulo ambiciona explicitar um pouco da forma como os agentes alternativos se organizavam - e se organizam - em Juiz de Fora, visando combater os preconceitos, informar e denunciar as incontáveis injustiças enfrentadas pelas periferias espalhadas pela cidade e pelo restante do país; sendo o principal objeto de estudo a rádio Mega FM (1997-2005), sediada no bairro Santa Cândida, periferia carinhosamente apelidada de “Candinha” pelos moradores da região. O objeto em questão foi o escolhido por se tratar de um veículo de comunicação fortemente ligado à Cultura Hip-Hop juiz-forana, permitindo-nos criar ligações diretas com o que foi discutido neste trabalho anteriormente e estudando um veículo que atuou com muita diversidade e senso crítico em suas produções.

A seguir, veremos parte de algumas das propostas, programações, roteiros, discussões e a transcrição de uma fita cassete da rádio. Todos os documentos selecionados foram escolhidos conforme a *ordem de disponibilidade* na biblioteca comunitária do Coletivo Vozes da Rua e, claro, de encontro à compatibilidade com o tema deste trabalho.

3. 1. A potência rádio Mega FM

“Gestão coletiva, programação diversificada e portas e microfones abertos à participação foram algumas das características que fizeram da Mega FM uma rádio comunitária autêntica. O termo define uma emissora feita pela e para a comunidade, de fato, como foi a Mega, comunitária situada no bairro Santa Cândida, na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, que atuou de 1997 a 2005.” (LAHNI, Cláudia, 2008, p. 1)

A Mega FM nasceu no ano de 1997, com o objetivo de representar as vozes marginalizadas e ser um veículo de comunicação feito *pela* periferia e *para* a periferia. Essa, de fato, foi uma das maiores questões defendidas pela emissora; servir como um espaço de representatividade e informação para aqueles que tiveram ambos os direitos negados. Apesar de estar fortemente vinculada à Cultura Hip-Hop, a rádio apresentou, ao longo de sua existência, grande pluralidade em suas programações, buscando levar à população o que se propôs desde os momentos iniciais: diversidade.

Abaixo, ilustro em tabela, um pouco dessa pluralidade, tomando como referência principal para a construção da mesma o trabalho de Cláudia Lahni (2005). Abaixo, a programação da rádio, no mês de setembro, do ano de 2004.

MEGA FM Programação (2004)

Tabela I

Programa	Assunto
Plantão saúde	Informações e entrevistas com profissionais da saúde (distribuído pela Oboré Projetos Especiais em Comunicações e Artes).
Deliról	Programa de caráter terapêutico, realizado por pacientes do Caps - Casa Viva.
Carretel de Invenções	Destinado à divulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente; e também atividades voltadas ao público infantil.
Trocando Ideias	Informativo sobre a comunidade e seus artistas.
Programa Claudiney Coelho	Informativo sobre projetos e movimentações da administração municipal.
Potyrõ	Programa sobre a situação do indígena no Brasil (distribuído pelo Conselho Missionário Indigenista - Belém do Pará).
Em Dia com a Beleza	Informativo sobre cuidados com o corpo.
Voz d'África	Informativo sobre o Continente Africano, sua relação com o Brasil e com os afro-descendentes.
Diversidade	Programa do Movimento Gay de Minas; voltado à saúde e direitos da população homossexual.
Programa de Mulher	Abordagem sobre saúde, história, direitos e trabalho, voltado ao público feminino.
Farmácia Viva	Programa de Medicina Alternativa.
A Voz do Morro	Jornal da rádio Mega FM; voltado à discussões como política, economia e a forma como essas questões afetam as comunidades.
Mistura de Ritmos	Programa de música; feito ao vivo.
Hip-Hop na Veia	Informativo sobre o Movimento Hip-Hop.
Mega Sucesso	Programa de música nacional e internacional;

	feito ao vivo.
Mega Melody	Programa de funk e informações sobre o gênero.
Chamego do Samba	Programa de música voltado ao samba e ao pagode; feito ao vivo.
Batidão 90, 7	Programa de Hip-Hop com entrevistas com moradores e divulgação de artes da região e eventos beneficentes.
Mega Skate Radical	Programa feito ao vivo, por skatistas do bairro Santa Cândida, com informações sobre o esporte e sua história.
Mega Hits	Programa de música, ao vivo, veiculado principalmente ao gênero MPB.

Mega Trip	Programa feito ao vivo, com músicas e informações do gênero trip hop.
Alma Sertaneja	Programa ao vivo, com músicas do gênero sertanejo.
Voz do Samba	Programa feito ao vivo, com músicas de samba, samba enredo e informações sobre o gênero.
Mega Radical Rock	Programa ao vivo, abarcando todos os subgêneros do rock e recebendo bandas locais para tocar.
100% Funk	Informações e músicas do gênero funk.
Mega Estudantil	Programa feito ao vivo, informativo sobre atividades realizadas na Escola Municipal Santa Cândida.
Hip-Hop Brasil	Programa ao vivo, sobre cultura da população negra e Movimento Hip-Hop.
Jazz, Blues e Vozes	Programa feito ao vivo, com objetivos informativos e didáticos sobre os gêneros em questão.
Chic Charm Show	Programa ao vivo, com raps nacionais e

	internacionais e informações do gênero.
Jovem de Espírito	Programa feito ao vivo, por jovens integrantes da Mocidade Espírita Allan Kardec.
Ondas de Luz	Programa ao vivo, com abordagem voltada ao espiritismo.
Viva a Vida	Programa feito pela Pastoral da Criança (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), enviado de Curitiba e/ou de Brasília.
Água Viva	Programa feito ao vivo, por integrantes da Renovação Católica Carismática; apresentando conteúdo sobre santos e orientações da Igreja Católica.
Comunidade com Jesus	Programa ao vivo, realizado por membros da Paróquia de São Benedito (católica).
Voz Racional - Universo em Desencanto	Informações sobre “cultura racional”; voltado à discussões sobre a racionalidade humana e o conhecimento sobre sua história.

No total, encontram-se listados aqui 35 programas. Todos possuem caráter diretamente voltado à arte, cultura e sociedade. A tabela acima foi inserida nesse espaço para ilustrar a riqueza de programações presentes na Mega; tendo em vista as discussões sobre a mulher, saúde, população indígena, gêneros musicais variados, saúde mental, a situação das pessoas da comunidade, a relação entre raça e vivência, etc.

“Nesse sentido, vale ressaltar o papel desempenhado pelas rádios comunitárias, que podem ser um espaço para a expressão das classes populares, em sua maioria alijadas dos meios de comunicação de massa. É o caso da Mega FM, que, desde sua fundação, por moradores do bairro, abria o microfone para a fala de pessoas da periferia. Isso tem uma forte dimensão educativa, pois, seja uma fala esporádica ou uma fala freqüente na forma de um programa, a pessoa terá refletido sobre o que dirá e terá oportunidade de se expressar. Quando se tratava de propor um programa na emissora, o morador devia fazer um projeto e apresentá-lo em reunião, para que os demais, que já atuavam na Rádio, o aprovassem sem ou com questionamentos. Assim se tinha a possibilidade de se expressar e de decidir no coletivo.”

(LAHNI, Cláudia, 2008, p. 3)

Em concordância com Lahni, é de suma importância enfatizar a relevância de uma rádio comunitária e tão aberta ao público como a Mega, que, através do diálogo direto com a população, construiu uma base comunicacional inclusiva e interessada em servir como representante de múltiplas camadas culturais presentes dentro das periferias; preocupando-se com a necessidade de estabelecer essa produção por meio daqueles que compartilham vivências, gostos e saberes que, de alguma forma, se encontram dentro das ruas periféricas, florescidas pela esperança que gera o caminhar coletivamente.

Como é possível perceber na listagem tabelada, existe uma variedade de programas diretamente inclinados ao social. Porém, nesta discussão, o objetivo central se trata de enfatizar a quantidade de materiais voltados à cultura e, principalmente, à população negra e ao Movimento Hip-Hop, que possuíam um objetivo semelhante.

Coletei, no acervo documental da rádio (biblioteca comunitária do Coletivo Vozes da Rua), alguns testemunhos e resumos de objetivos de participantes da mesma. Trago parte desse material para iniciar uma conversa a respeito da representatividade e senso de coletividade presentes. Os documentos transcritos abaixo não puderam ser datados com precisão, mas são registros emitidos, provavelmente, entre os anos de 2000-2004.

Os chamados “vinis” do presente capítulo são uma alusão aos memoráveis discos de vinil, armazenadores de sons que marcaram tantas gerações; tendo em vista que estamos adentrando nas camadas de uma rádio, ainda que a maior parte dos registros da mesma esteja documentada em cassetes, CD’s e roteiros escritos/impressos. A utilização da palavra possui o intuito de rememorar a nostalgia temporal provocada pelos discos.

Vinil I

“Thaís - da comunidade de Santa Cândida

Me aliei à Cultura Hip Hop por sua riqueza solidária, uma vez que o quarteto que compõe a Cultura Hip Hop não pode existir isolado.

Porém o elemento da Cultura que mais chama a atenção é a dança - o Break. Apresenta juntamente com o Erê o programa Batidão 90,7 na Rádio Comunitária Mega Fm de Segunda a Sexta feira, das 13 às 14 horas.

Enquanto aguarda a formação da crew de Break da Posse Zumbi dos Palmares, dança no grupo de Street Dance ‘Expressão e Arte’
Contato: 0XX 3214-4153 (Erê)”

Vinil II

“ADENILDE

Da comunidade de Santa Cândida.

Professora de História da rede municipal, se aliou a Cultura Hip Hop por ser este meio de expressão, através de seus 4 elementos, do povo excluído da periferia. Admira os 4 elementos e acredita ser a Cultura Hip Hop, não um meio de manifestação dos pobres das periferias do mundo como também uma arma de transformação e de auto estima.

Toda mudança começa quando o ser humano recupera sua auto estima e se descobre cidadão que respeita e exige respeito também!

Contato: 0xx32 3214 4153 (Erê)

Oxx323216 3348 (Adenilde)”

Os itens categorizados como “*Vinil I*” e “*Vinil II*” nos permitem identificar a ênfase dada aos elementos principais da Cultura Hip-Hop por parte dos testemunhos de Thaís e Adenilde. Ambas as falas expressam a ideia de coletividade e também de união e solidariedade. Os depoimentos da rádio, no geral, seguem uma linha de pensamento muito próxima.

Vinil III

“ESTILO DE RUA

FORMAÇÃO:

Mano Erê dos Palmares (São Benedito - antigo Arado)

Mano Gil (Santa Cândida - Cohab City)

Mano Léo (Bairro São Sebastião - Alto do Bruno)

O que nos levou a participar da cultura Hip Hop foi o cansaço de ver nosso povo sofrer. O Hip Hop não é uma cultura que tem apenas os 4 elementos: tem um 5º elemento que é a luta contra as

injustiças e discriminações: contra a corrupção e tudo que nos prejudica. Para sermos mais precisos, chegamos para revolucionar, conscientizar nossas favelas, morros de que não podemos calar: o povo pobre agora tem a sua voz ativa!

Escolhemos o Rap porque é um modo que temos de tentar denunciar nossos problemas, fazer reivindicações, relatar nossa dura e triste realidade do dia a dia, apresentar soluções, etc. Muitos criticam o nosso trabalho e querem nos derrubar, mas como Zumbi dos Palmares que foi um guerreiro e lutou até a última hora, nós viemos para continuar sua luta nas favelas, que antes eram os quilombos. Isto é ESTILO DE RUA, mano !!!

O nome Estilo de Rua: Nós queríamos um nome que representasse as ruas, depois de várias propostas chegamos a este nome que é Estilo de Rua. Que com certeza nós honramos porque vem diretamente das ruas, becos, vielas dos morros e favelas. Estamos na correria há 2 anos! Nós gravamos em CD 2 tramos : * Vida de bandido e Diretamente do Arado. Agradecimentos: ao Dj Nonô que nos deu a maior força! Já estamos trabalhando e esperamos sermos bem aceitos nas comunidades, ou seja, nas periferias.

Fone para Contato e apresentações: Erê dos Palmares - Oxx 323214 41153
Mega Fm - OXX 323211-1243”

Já no item *Vinil III*, podemos observar, primeiramente, a união entre comunidades; estabelecida através do encontro de apresentadores do programa Estilo de Rua, de diferentes bairros periféricos, mas com um mesmo objetivo, de representar as periferias por meio da Cultura Hip-Hop.

Os apresentadores enfatizam seu objetivo de lutar contra as injustiças e a discriminação, por meio da conscientização e da potência do Hip-Hop. Visivelmente, é possível identificar, pela fala dos participantes, o destaque no 5º elemento da Cultura, anteriormente já apresentado aqui: a informação.

No segundo parágrafo do *Vinil III*, podemos ver, pela fala dos apresentadores, a forma como o Rap lhes serviu de ferramenta para firmar sua luta e sua busca por direitos; e também reflexos do preconceito enfrentado durante o percurso artístico.

Já no terceiro parágrafo, destacam a importância de representar as vozes das periferias e de estabelecer uma criação que servisse como representação para seus pares. Além disso, a linguagem presente a todo momento é exatamente a linguagem utilizada no cotidiano, com gírias, expressões populares, etc; aproximando ainda mais as pessoas da rádio. Constantemente,

na fala, o recorte de raça e classe pode ser percebido; algo que se repetiu durante todos os anos de existência da rádio Mega.

Ora, enfatizemos os seguintes temas, recortes da listagem disponível na tabela I, ainda baseados no ano de 2004:

Tabela II

Programas voltados ao Hip-Hop
Hip-Hop na Veia
Batidão 90, 7
Mega Trip
Hip-Hop Brasil
Chic Charm Show

Tabela III

Programas sobre arte local
Trocando Ideias
Mega Skate Radical
Mega Radical Rock

Tabela IV

Programa exclusivamente sobre Cultura Negra
Voz d'África

Tabela V

Programas sobre a comunidade (Santa Cândida, sede da Mega FM)
--

A Voz do Morro
Mega Estudantil

Tomando como observação o ano de 2004, na rádio Mega, podemos observar: cinco programas dedicados ao Hip-Hop, três programas sobre arte local, um programa dedicado *exclusivamente* à cultura negra, e dois programas de cunho informativo sobre a comunidade. Em pesquisa, na sede da biblioteca comunitária do Vozes da Rua, situada no Candinha, me foi possível mapear roteiros e planejamento de diversas programações da Mega. Escolhi três programas para apresentar alguns de seus respectivos roteiros e/ou outros materiais. Sendo eles: Hip-Hop Brasil, A Voz do Morro e Voz d'África. Os programas escolhidos foram baseados em minha vontade de trazer diferentes aspectos apresentados na rádio, mas de diálogos fortemente relacionados com as discussões principais aqui apresentadas. O Hip-Hop Brasil se tratava de arte e Cultura Hip-Hop, A Voz do Morro foi um programa jornalístico produzido com o objetivo de informar e denunciar, e o Voz d'África atuou como um difusor de cultura afro e também um importante informativo sobre questões relacionadas ao Continente Africano ao longo de sua existência e nos momentos atuais em que os materiais da rádio estavam sendo produzidos.

Como indicado, uma das maiores presenças dentro da Mega foi da Cultura Hip-Hop. E essa escolha da emissora foi intencional. Através de uma breve descrição mapeada nos arquivos da rádio, podemos compreender, de forma clara, as razões:

Vinil IV

“MEGA FM 90, 7

Fundada aos 17 de abril de 1997 pelos companheiros da comunidade de Santa Cândida, com o objetivo de divulgar a cultura dos artistas de nossa comunidade, dar voz aos que não são ouvidos, divulgar idéias e trabalhos dos que não têm oportunidade na grande mídia, ao mesmo tempo ser veículo de informação, formação, conscientização e ser ponte de fraternidade entre os moradores da comunidade.

A MEGA FM começou a divulgar a cultura Hip Hop em 1997, com o Programa Hip Hop Brasil, aos domingos, às 19 horas, por crer que ela é um canal de informação e consciência da

comunidade. Sempre apoiou a Cultura Hip Hop por ver nela, afinidade com os objetivos da Rádio Comunitária. Apóia a Posse Zumbi dos Palmares, em primeiro lugar, pela fé na cultura e em segundo lugar, por ter nascido na comunidade de excluídos, conforme a raiz da Cultura Hip Hop.

A Mega FM possui uma gama variada de programas dedicados à cultura e a informação.

Apoiou vários eventos de divulgação da Cultura Hip Hop, entre eles, o HIP HOP ATTACK 99, realizado no Parque Halfeld e em sua programação diária possui vários programas de RAP.

Contato: 0XX323211-1243.”

No item *Vinil IV*, no primeiro parágrafo do documento, as primeiras afirmações são a respeito dos objetivos da rádio Mega FM em divulgar as obras dos artistas das comunidades periféricas, impulsionar as vozes segregadas e também há a ênfase da ausência desse aparecimento na grande mídia, ao mesmo tempo em que se propõe a servir de veículo para impulsionar informação e conscientização, além do objetivo de atuar como elo de ligação entre os moradores periféricos.

O segundo parágrafo comenta sobre o surgimento da Cultura Hip-Hop na rádio, desde os primórdios da mesma, com o programa Hip-Hop Brasil, que possuía o objetivo principal de levar informação e conscientização à população, ressaltando ainda as razões do apoio à Cultura e à Posse Zumbi dos Palmares (veremos brevemente sobre a mesma mais a frente), ambas nascidas na descrita “comunidade dos excluídos”; expressando a percepção de uma leitura totalmente consciente a respeito das condições de vulnerabilidade e injustiça impostas à população negra.

O terceiro parágrafo do *Vinil IV* menciona a pluralidade de programas contidos na Mega, enquanto o quarto, novamente, enfatiza o apoio da mesma ao Movimento Hip-Hop.

Enfatizo novamente que os materiais apresentados e discutidos, referentes aos programas categorizados para a presente pesquisa, estão *na ordem de disponibilidade* que consta na no acervo da Mega. Apesar de um considerável número de arquivos preservados da rádio, nem todos os programas da mesma possuíam registros escritos; e os que possuíam, nem sempre trabalhavam com os mesmos. Pela razão já apontada, são três os programas escolhidos para contribuir com os dados empíricos deste trabalho, através de alguns de seus respectivos roteiros escritos e alguns outros materiais, como poesia, ensaios e a transcrição de uma fita cassete. Encontremo-nos então com os mesmos.

3. 2. Adentrando nos mares da Mega - Hip-Hop Brasil

Começamos pelo programa Hip-Hop Brasil. Foram quatro roteiros mapeados. Escolhi dar início com o programa sobre Hip-Hop para, desde já, compreendermos a ligação da rádio com o Movimento; que foi uma de suas maiores forças ao longo dos anos de circulação.

Vinil V

Hip-Hop Brasil

16/11/1997

(Roteiro original escrito manualmente)

“-> República - proclamação da - dia 15-11-1889 às 15 horas - É como bem falaram alguns historiadores; - “O povo assistiu a tudo bestificado”

-> Parabéns á nação brasileira! -

-> Também comemoramos em outubro 100 anos do fim de Canudos. Os cem anos de Canudos são a oportunidade para se lembrar que velhas questões sociais não foram resolvidas e são enfrentadas com o uso da força.

-> Dia 20 de novembro, quinta feira é o dia da Consciência Negra! Vamos recordar os 300 anos da morte de Zumbi e do Quilombo de Palmares. Vamos lembrar e festejar todos que lutam por um mundo melhor!”

O pequeno roteiro deste *Vinil V*, o mais antigo mapeado nos arquivos do programa Hip-Hop Brasil na Mega, parece ter sido organizado como forma de cronograma. Através do mesmo, podemos perceber a ligação de uma abordagem de senso crítico e bastante politizada em relação a marcos importantes da história do Brasil, como a Proclamação da República e a Guerra de Canudos (1896-1897). Além disso, a menção à data da Consciência Negra, trazendo à tona uma importante reflexão sobre o movimento de resistência negra nos quilombos e a importância desse fator nos momentos em que a rádio estava produzindo seus materiais.

O que mais chama atenção é a forma como as opiniões da rádio possuíam uma aguçada percepção política e social, devido à realidade cotidiana em que os agentes responsáveis pelo funcionamento da mesma estavam inseridos. Preocupando-se sempre em reforçar a relevância de

lutas históricas e correlacionar as mesmas com o tempo presente; buscando enfatizar a forma como, apesar das conquistas anteriores, ainda havia muita luta pela frente para concretizar o sonho de uma realidade mais justa e igualitária.

Vinil VI

Hip-Hop Brasil

01/11/1998

(Roteiro original escrito manualmente)

PG 1

“-> A respeito da carta do Carlos das Granjas Betânia, deu pra pensar bastante, viu?
-> Entre outras coisas, o ‘X’ do Câmbio Negro já havia se preocupado com isto. Será legal o Hip-Hop ficar popular como o pagode ou o sertanejo?
-> Tem o seu lado bom, porém a gente vê que tudo que cai no grande circuito de informação passa a ser alvo de manipulação. Quer dizer aparece uma porção de espertinhos para manipular, ganhar dinheiro a valer em cima dos rappers

PG 2

esquecendo o mais importante: a mensagem. A informação. É como já disse o ‘X’ -> muita gente fala da favela sem nunca ter posto o pé em uma favela. Este é o oportunista. Se falar de favela, do morro dá dinheiro... Então vamos lá.

São como políticos: falam de seca, de fome, de saúde e de educação, de menor carente só pra ganhar votos.

Uma dica: pra você não cair no conto do vigário do oportunista é só se informar sobre a história da pessoa. Se aparecer alguém defendendo alguma bandeira - procure saber se essa pessoa já participava antes.

Se não, fuja. É mais um oportunista de plantão.”

Este *vinil*, VI, que acredito estar incompleto ou ainda não pôde ser mapeado nas fontes da biblioteca, possui apenas uma página, e é organizado em resposta à carta de um ouvinte, e chama atenção por alguns fatores. O primeiro deles é o questionamento a respeito da popularidade do Hip-Hop, a ponto de se tornar “comercial”. Isso demonstra uma preocupação da rádio com sua cultura; sabendo e evidenciando que, majoritariamente, os elementos amplamente populares e

comerciais não representam a periferia, suas causas e objetivos. Pela análise do roteiro, é notável o receio de um contato do gênero com a chamada grande mídia.

Além da perspectiva comercial, a emissora também expôs sua opinião a respeito de candidatos políticos que se apropriam da luta periférica apenas para o ganho de visibilidade e votos; esquecendo essa população após os processos eleitorais.

Ademais, a fala se encerra com recomendações produzidas com o intuito de evitar que a população seja manipulada por agentes externos à periferia e suas pautas.

Todos os pontos levantados nos permitem compreender um pouco da forma como a Mega percebia sua influência e também os perigos da apropriação e do oportunismo enfrentados de muitas maneiras distintas, mas interferindo sempre na realidade daqueles que buscavam se organizar e lutar por seus direitos de modo autônomo.

Vinil VII

Hip-Hop Brasil

29/11/1998

(Roteiro original escrito manualmente)

PG 1

“-> Boa noite nação hip hop! Boa noite DJ Tarzan, Cristiano JMK; Santa Cândida, São Benedito, todos do Sagrado, Ipiranga, Vila Ideal; boa noite DJ Bã, David do Bairro Industrial, um abraço prá todos que estão ouvindo a gente neste momento!

-> Bem pessoal, hoje temos novidades, novos grupos e novas músicas prá vocês.

-> Temos também o concurso “Filosofia da Rua”. Se você quer ganhar o último CD do Filosofia, novinho, lacrado, é só escrever pra gente e no dia 20 de dezembro faremos o sorteio e o ganhador

PG 2

vai receber o CD pelo correio

É só escrever: Endereço: ...

=> músicas.

-> Nosso programa é hoje em homenagem a Zumbi. Dia 20 de novembro foi o dia da Consciência Negra. Zumbi do Quilombo de Palmares.

-> O quilombo sempre esteve presente em toda a história da escravidão no Brasil. Era nos quilombos que os negros cansados de sofrer e penar nas mãos do escravistas, fugiam para tentar em liberdade e em união construir uma sociedade mais justa.
A vida do escravo não era fácil. Aqui negro

PG 3

escravo ganhava como recompensa pelo seu trabalho, os tres “Ps”:

- Pano p/ não andar nú.
- Pau - apanhava p/ caramba.
- Pão - comida para não morrer de fome.

E hoje? Pode-se dizer que a maioria do povo pobre do Brasil só recebe o básico para sobreviver. alguns continuam nos 3 ps.

-> música

-> Para muitas pessoas dia 20/11 é dia de denúncia, protesto e resistência. hoje os negros continuam a padecer numa sociedade desigual. Segundo estatísticas do IBGE publicadas no Jornal o Globo, o negro ganha menos que

PG 4

o branco; estuda menos que o branco e as crianças negras têm uma vida bem pior. Morando na periferia das grandes cidades a vida é bem difícil. É conviver com as dificuldades, violências e em cidades como SP e RJ, chacinas, mortes e como diz Mano Brown: - passar dos vinte anos é lucro. A maioria dos jovens morrem antes de completar 20 anos.

=> música.

-> Por isto, Zumbi é exemplo do líder que rejeitou o sofrimento p/ buscar uma vida mais digna. Morreu em 20/11
É bom todos nós tomarmos

PG 5

consciência e como Zumbi buscar uma vida melhor. É só você escolher: - ser um negro limitado alienado e ignorante ou um negro como o Zumbi inteligente e digno que não aceitou viver levando pela vida só 3 PS. Pano, pão e pau!

=> música”

Roteiro musical do programa nesta data (29/11/1998)

1. Filosofia da Rua - A noite de ontem
2. Código Penal - Pare e Pense
3. Dimensão Negra - somos nós
4. Vítima Fatal - o básico
5. Facção Central - A malandragem toma conta
6. MRN - Noite de insônia
7. De menos crime - Foram Mortos
8. GOG somente Deus por testemunha
9. Racionais - Negro Limitado
10. Thaíde e DJ Hum - Afro brasileiro

Minutos 52:40

Neste *Vinil VII*, é clara a forma como, desde os primórdios da rádio, a emissora reforçou a narrativa de força e resistência advindas da população negra escravizada. Diferentemente de muitas mídias que não mencionaram a questão e/ou a tratavam de forma superficial e, muitas vezes, reforçando estereótipos e a imagem do negro como agente passivo. Mais uma vez, através desse roteiro, torna-se notável a forma como a Mega também fazia questão de relacionar a situação do negro no Brasil atualmente com consequências de um processo escravista que feriu a população negra de inúmeras formas durante a Escravidão e o Pós-Abolição.

É forte o chamado da rádio para seu público em relação à tomar consciência e se politizar; fato que mostra um reflexo da dor enfrentada no dia a dia e da necessidade ansiosa de fazer com que essa conscientização se propagasse a um número maior de pessoas, fortalecendo a luta.

Vejamos abaixo, um trecho de uma das músicas reproduzidas neste programa do dia 29/11/1998; do grupo de Rap De Menos Crime (Foram Mortos), formado no bairro São Mateus, na Zona Leste de São Paulo.

“Dia após dia o que é, o que é que se vê;
Polícia matando pais de família;
Moral deste fato é: crianças vivendo no
meio das ruas;
Vidas marcadas sem nenhum motivo ter;
Como é que é que pode, háhhh, isso
acontecer;
Traficantes passam drogas com o motivo de
diminuir;
Os meros jovens que tem a adquirir;

Conhecimento para evoluir;
Drogas para nós é matança a longo prazo;
Plano já traçado, para exterminar;
O povo pobre que não tem um lar.
Foram Mortos, foram mortos, foram mortos;
Foram 1, foram 2, foram 3;
Foram mortos, foram mortos, foram mortos;
4, 5, 6, mortos de uma vez. (x2)
Não, não dá mais pra viver; viver em paz
Não, não dá mais pra ficar “shhh”; ficar
quieto
Mas ainda estamos vivos, desgraçados;
E há de se chegar o dia de se viver, viver em
paz;
Todos têm direito de viver;
Uma vida digna sem ter que sofrer;
E que o ser humano se respeite entre si;
E fatos e fatos que foram acontecidos;
Os culpados que sejam julgados;
E a justiça que um dia há de ser feita;
Para aqueles que foram pro saco.”
(De Menos Crime, 1995)

Pensar a potência desse tipo de material em uma rádio comunitária é de suma importância para compreender o tipo de objetivo e de público a emissora visou atingir. Denúncias, firmeza e força ao passar, por meio da arte, mensagens de uma população revoltada com a organização de um sistema que coloca a periferia de lado; negando a garantia de educação, direitos básicos, segurança e programas de acolhimento e assistência ao povo negro negligenciado.

Vinil VIII

Hip-Hop Brasil

07/03/1999

(Roteiro original escrito manualmente)

PG 1

=> Boa noite, nação Hip-Hop! Você que gosta de dançar com os pés pensando com a cabeça, tudo de bom prá você!

=> Alô prá DJ Tarzan, companheiros do Jardim Gaúcho, Bela Aurora, de N.S Aparecida, e enfim onde a gente conseguir chegar.

=> Amanhã é o dia internacional da mulher, 8 de março. A nossa homenagem:

1. Região Abissal - feminina mulher
2. Supremacia Rap - da liberdade ao confinamento
3. Black Soul - Raça sem atitude

PG 2

=> 8 de março - dia internacional da mulher - porque? No começo da Revolução Industrial, a coisa era bem pesada. O operário trabalhava até 16 horas por dia e o que ganhava mal dava prá sobreviver. Depois de muita luta, conseguiu algumas vitórias e a mulher tb. Numa dessas lutas, mulheres grevistas foram queimadas vivas numa fábrica em Nova Iorque pq reivindicava melhores salários. Isto foi no início do século, no dia 8 de março.

4. Dethi e DJ Feminy - Não de
5. Código Penal - Desafio à morte
6. MRN - Vivendo livremente

PG 3

=> E sobre as mulheres negras? São discriminadas como mulher, pois a mulher continua em condição inferior ao homem, e discriminada por ser negra.

7. Lady Rap - Mulheres Pretas
8. Marcelo D2 - 1967 ofereço p/ Nádia, professora do CESU e; seu sobrinho Igor do Carlos Chagas e a galera do Rajada Verbal.
9. Cirurgia Moral - Mortos Amados

-> Precisamos nos unir, homens e mulheres para juntos criarmos uma sociedade sem drogas, sem desemprego e sem desigualdades.

10. MV Bill - Marquinhos Cabeção

Assim como em vários outros roteiros, há, neste *Vinil VIII*, a saudação às comunidades da cidade no início do programa, o que elucida o modo como a emissora preocupava-se até mesmo com os mínimos detalhes da inclusão, referenciando as comunidades e utilizando um vocabulário usual no dia a dia, mantendo as expressões e outras formas de linguagem normalmente usadas; o que, certamente, cria com o público uma conexão mais próxima, por meio do reconhecimento identitário.

Além do mencionado acima, este programa refletiu uma rápida análise política sobre o contexto da mulher no mundo, mas sem deixar de lado o recorte da mulher negra; isolada da sociedade e de direitos civis mesmo depois da conquista de ampliação de direitos femininos. A situação da mulher negra jamais foi igual a da mulher branca, ainda que ambas sejam alvos do machismo. A mulher negra, porém, além do machismo, enfrentou e continua a enfrentar o racismo estrutural em suas mais variadas formas; sendo colocada abaixo de todas as outras etnias e gêneros em uma ordem de pirâmide social.

“As mulheres negras tiveram experiências de opressão específicas e que ainda hoje não são consideradas quando se discute a opressão contra as mulheres de uma maneira geral, sem o recorte de raça. [...] Uma das primeiras reivindicações do movimento feminista foi pela inserção das mulheres no mercado de trabalho; todavia, as mulheres negras nunca estiveram fora dele, não obstante devem se inserir nas ocupações de trabalho mais desvalorizadas para garantir seu sustento e de sua família, o que evidencia as persistentes desigualdades entre as mulheres brancas e negras.”

(BORGHI, Eduardo Baroni, 2021, p. 2-3)

Mais uma vez, a Mega demonstra sua ênfase na proposição de união entre todos para a criação de uma sociedade melhor e mais justa.

Analisemos, pois, dois trechos de canções reproduzidas no programa no dia 07/03/1999.

A primeira, de Lady Rap (Mulheres Pretas).

Caminhos tortuosos que me levam a pensar
Por minha raça sofrida de um regime vulgar
Sou preta de orgulho, minha missão é continuar
Chego a chorar
Ferro quente e mordaca usados pra humilhar
Filho bastardo, qualquer nota mestiço
Separados por venda, sem prévio aviso
Ama de leite, reproduz pra aumentar
Pensamento hipócrita, atitude vulgar
Corpo bonito pra desejo saciar
Se mulata exporta, beleza preta não há
[...]
Mulheres pretas tem história
(Lady Rap, 1993)

A música, de 1993, reforça o sofrimento da mulher negra desde o período da Escravidão e explicita, em versos dolorosos e sensibilizados, o peso da força da escravização sob os corpos negros e, neste caso, femininos.

No mesmo programa, também foi reproduzida uma canção do grupo Black Soul (Raça Sem Atitude):

“Quando o mano não assume que é negro,
mas que porra...
Caralho, o desgraçado me afirma que o
negro é que é racista
Sem ideia, um palhaço absorve as besteiras
da TV como um ‘retardado’
Num embalo, não saca quando fodem o
seu lado
Vê os modelos lavando os cabelos,
escovando os dentes, fazendo a barba,
usando roupas, perfumes atraentes
Mas você não repara que os modelos não
são negros e você é”
(Black Soul, 1997)

A canção reflete um cunho de revolta com a dominação da grande mídia e seu impacto em relação à população negra que pode absorver ideias de embranquecimento e, sem senso crítico, inserir-se na tentativa de seguir padrões estabelecidos por pessoas brancas; reproduzindo, ao mesmo tempo, pensamentos de cunho racista difundidos pelas mesmas.

Muitas das canções reproduzidas nos programas de Rap e cultura negra na rádio Mega eram de viés politizado. Em nenhum momento de sua circulação a emissora deixou de propagar, por meio das forças da Cultura Hip-Hop (e também outros gêneros), o ideal de conscientização.

XXX

3.2.1 Voz d’África

Migrando para o programa Voz d’África, o qual escolhi apresentar neste capítulo uma exibição de faixas musicais e três roteiros do programa, poderemos nos aproximar um pouco da

construção que a Mega FM buscou ressaltar através da apresentação de fatos e manifestações culturais presentes no Continente Africano.

Um dos principais apresentadores do programa, em seu início, era Augusto Alfredo, um rapaz advindo diretamente do Continente Africano para o Brasil; no interior da Mega FM, na comunidade do Candinha.

Vinil IX
“Roteiro do 22º programa Voz da África
07 de fevereiro de 98

1. TECNICA: ENTRA VINHETA DO PROGRAMA
2. TECNICA: ENTRA MÚSICA Nº 14 do CD “BATA COTO” E CAI EM BG
3. LOC1: África! Bom dia!
4. LOC2: Bom dia Brasil!
5. LOC1: Bom dia ouvinte da Rádio! Mega FM
6. TECNICA: SOBE BG POR CINCO SEGUNDOS
7. LOC2: Está começando o programa voz da África
8. LOC1: Voz da África todos os sábados onze ao meio dia
9. LOC2: Nosso nome é o ritmo
10. LOC1: Nosso destino é a vida
11. TECNICA: SOBE BG POR CINCO SEGUNDOS
12. LOC1: Vamos apresentar os destaques do programa nº 22 referente
13. ao dia sete de FEVEREIRO de 1998. Primeiro os assuntos
14. da página Revista africana _____
15. LOC3: Bom dia ouvintes! Em revista africana vamos apresentar a
16. notícia sobre o acordo assinado entre Cabo Verde e Itália,
17. da decisão da União Europeia de introduzir alterações a
18. convenção de Lomé e vamos falar também da Taça das nações
19. africanas. Dentro de momentos eu volto.
20. LOC1: Obrigado _____. Passemos para a página de
21. geografia e história. _____
22. LOC2: Em geografia e história vamos apresentar informações sobre
23. a república da Zâmbia. Um dos países mais urbanizados da
24. África. Dentro de momentos. Fique ligado!
25. LOC1: O que é que temos hoje na página de dicas e curiosidades?
26. LOC4: Em dicas e curiosidades o tema hoje vai ser Festa do

27. Kwanzaa. Festa de natal do negro americano. Artigo extraído
 28. da revista Bleque
 29. LOC1: Bom dia hosana dia! Qual vai ser o roteiro a nossa viagem
 30. em página de turismo?
 31. - HOSANA: Bom dia Augusto! Bom dia Ouvinte da Rádio Mega FM. Hoje
 32. trago um tema importante para a vida na terra: a ÁGUA!
 33. Como seria o mundo se a água acabasse da face da terra?
 34. Pense nisso, eu volto já!
 35. LOC1: Em página de entrevista e debate: Adriana Benony com o
 36. destaque.
 37. ADRIANA: Bom dia! O tema hoje _____
 38. _____
 39. _____
 40. LOC1: Na parte final do programa vamos apresentar a crônica
 41. COISAS DE GRINGO, página assinada pelo nosso colaborador
 42. Durí Cassuena. Depois da apresentação das manchetes, vamos
 43. ouvir um pouco de música.
 44. TECNICA: ENTRA MÚSICA DO CD DE OLIVER NGOMA “ MÚSICA Nº 1
 45. LOC1: Depois da música de Oliver ngoma. Revista Africana:
 46. retrospectivas dos principais acontecimentos que marcaram
 47. a semana. JAQUELINE: Botsuana aumenta a produção de diamantes
 48. JAQUELINE: A produção de diamantes aumentou treze porcentos o ano
 49. passado, em relação ao ano de Noventa e seis. Os diamantes
 50. sao maior produto de exportação do Botsuana com cerca
 51. de CINQUENTA PORCENTO do total das suas exportações.
 52. LOC1: Nelson Mandela propoes nova legislação: ADRIANA
 53. ADRIANA: O presidente Nelson Mandela, disse que vai propor uma
 54. uma legislação que visa devolver propriedades ricas em
 55. mineiros, para abrir oportunidade para a maioria Negra.
 56. LOC1: A África do Sul e Moçambique atrapalham o turismo da Suazilândia:
 57. JAQUELINE: Com o aumento do turismo na África do Sul e em Moçambique
 58. a Suazilândia tem vindo a perder o número de turistas.
 59. Segundo um estudo recente, a África do Sul é o país mais
 60. barato do mundo para se fazer negócios. Este dado foi
 61. recolhido de vários indicadores econômicos, como:
 62. Salários, Custo de manter o pessoal estrangeiro, viagens
 63. áereas, impostos, transporte, renda e o nível de corrupção.
 64. ADRIANA: Segundo uma revista americana, a cidade do cabo, na África
 65. do Sul, é a segunda cidade em valor para os turistas.
 66. Quanto a categoria de melhor hotel pelo preço, quatro dos

67. DEZ melhores hotéis do mundo estão em África. Na África
68. do Sul, Zimbábue e Kénia.
69. LOC1: Estamos apresentando a Revista Africana. Retrospectiva dos
70. Principais acontecimento que marcaram a semana. Cabo Verde
71. assina acordo com a Itália.
72. JAQUELINE: Cabo Verde e a Itália decidiram, quinta feira as fases
73. para o desenvolvimento das futuras ações de cooperação.
74. O acordo foi assinado também para a proteção social de em
75. emigrantes Caboverdianos em Itália.
76. ADRIANA: Os dois países tencionam cooperar nas áreas das infraestruturas,
77. formação profissional, agricultura e fruticultura.
78. a Itália vai fornecer também ajuda alimentar.
79. JAQUELINE: Ainda em Cabo Verde, uma delegação empresarial italiana
80. pretende investir TREZE MILHÕES DE DOLARES num empreendimento
81. turístico.
82. LOC1: São _____ A convenção de Lomé vai ter alterações:
83. ADRIANA: A União Europeia pretende introduzir alterações a convenção
84. de Lomé. Acordo que une economicamente SETENTA E UM países
85. da África, Caribe e Pacífico. João de Deus Pinheiro, comissário
86. da União Europeia, apresentou propostas que servirão para
87. garantir que países que recebem a ajuda devem concordar em
reformas básicas.
88. JAQUELINE: As nações que recebem a ajuda da União Europeia terão de
89. fortalecer os direitos humanos, fortalecer a
90. democracia e evitar conflitos com outras nações.
91. LOC1: A última notícia: ESPORTES: A taça das nações africanas
92. começa semana que vem, em OGADUGOU!
93. ADRIANA: O Grupo A é composto por BURGUINA FASSO, Argélia, Guiné
94. Conacri e os camarões.
95. JAQUELINE: Enquanto que o Grupo B, tem a Tunísia, Gana, Congo e Togo.
96. DRIANA: GRUPO C: Angola, África do Sul, Costa do Marfim e Namíbia.
97. JAQUELINE: O campeonato começa Sábado com o jogo entre BURGUINA FASSO
98. e os Camarões.
99. LOC1: Acabamos de apresentar a revista africana. Retrospectivas dos
100. principais acontecimentos que marcaram a semana. A seguir um
101. pouco de música.
102. ENTRA MÚSICA Nº 6 DO CD DE OLIVER NGOMA
103. LOC1: São _____ acabamos de ouvir a música do Gabão: Vamos
104. desenvolver a segunda página: geografia e história.
105. ADRIANA: A república da Zâmbia fica numa região de planaltos.

106. Faz fronteira com Angola, a República Democrática do
107. Congo, ex-Zaire, Namíbia, Botsuana, Zimbábue, Moçambique,
108. Malavi e Tanzânia.
109. JAQUELINE: A Zâmbia é um dos países mais urbanizados da África. Quase
110. metade dos habitantes mora nas cidades. A Zâmbia é o
111. quinto maior produtor mundial de cobre, produto que
112. garante TRINTA PORCENTOS DAS RECEITAS.
113. ADRIANA: A capital é Lusaka e o idioma é o inglês. Falam ainda outras
114. línguas africanas.
115. JAQUELINE: A religião predominante é o animismo, depois veem o cristianismo,
116. islamismo e hinduísmo. A moeda é o Cuacha
117. Zambiano.
118. ADRIANA: A região onde fica a Zâmbia só começa a sofrer influência
119. ocidental em meados do século XIX, com a chegada de
120. missionários e exploradores britânicos.
121. JAQUELINE: A Zâmbia alcançou a sua independência em 24 de outubro
122. de 1964. O primeiro presidente foi KENNETH KAUNDA.
123. KAUNDA governou o país até 1991. Com a derrota do antigo
124. presidente nas eleições gerais de 91, Frederick Chiluba,
125. torna-se presidente da República Zambiana.
126. TÉCNICA: SOBRE A MÚSICA DO BG
127. LOC1: Dicas e Curiosidades: Eliana Rosa!
128. ELIANA ROSA: Vou falar da festa de Natal dos negros americanos:
129. O Kwanzaa. Se no Brasil não há grande diferença entre
130. o Natal de brancos ou de negros, nos Estados Unidos
131. existe uma festa específica para a comunidade afro-
132. afro-americana: O KWANZAA. Embora aconteça entre os dias
133. 26 de dezembro e 1º de janeiro, para
134. fugir ao consumismo natalino, o Kwanzaa tem algumas
135. semelhanças com o Natal.
136. O termo Kwanzaa é de origem Kiswahili. O Kwanzaa é
137. simbolizado por sete velas coloridas, que representam
138. as cores da libertação da África. A cada dia, a partir
139. do 26 de dezembro, é celebrado um princípio e
140. acesa uma das sete velas. Quais são os significados de
141. de cada vela? O primeiro é a Unidade. O segundo princípio
142. é a autodeterminação, terceiro trabalho cooperativo,
143. quarto economia cooperativa, quinto criatividade,
144. sexto fé e sétimo comunidade.

145. Semana que vem eu volto para a apresentação da receita de um prato típico.
146. A KIZAKA.
147. LOC1: Obrigado Eliana Rosa. Quando são _____
148. TÉCNICA: SOBRE A MÚSICA DO BG
149. LOC1: Chegou a vez de HOSANA DIAS falar sobre a água:
150. HOSANA DIAS: _____
151. _____
152. TÉCNICA: SOBRE A MÚSICA DO BG
153. LOC1: Passemos para a página de entrevista e debate: Adriana
154. e Jaqueline
155. JAQUELINE: Vamos apresentar a crônica "As Coisas de Gringo"
156. TÉCNICA: COLOCAR A MÚSICA Nº 1 DE CÉSARIA ÉVORA E CAI EM BG
157. AUGUSTO: Apresenta a crônica:
158. JAQUELINE: Para terminarmos, vamos recapitular os destaques do
159. do programa de hoje Em Revista Africana, falamos do
160. turismo na Suazilândia e do aumento da produção de
161. diamantes de Botsuana.
162. ADRIANA: Em geografia e história, hoje foi dia da República da
163. Zâmbia. Um dos países mais urbanizados da África.
164. ELIANA ROSA: Em dicas e curiosidades: Abordamos a festa do
165. Kwanzaa: Festa do negro norte-americano.
166. HOSANA: Em página de turismo, falamos da água como sendo vital
167. para a existência da humanidade.
168. ADRIANA: Em entrevista e debate...
169. AUGUSTO: E para finalizar apresentamos Coisas de Gringo. Semana
170. que vem a gente volta com mais um Voz da África. Boa tarde!"

Neste *Vinil IX* são muitas camadas de alta relevância, sendo a primeira delas o quadro “Revista Africana”; com narrativas de cunho político e social a respeito do Continente Africano. Em seguida, o roteiro menciona o quadro de geografia e história, onde se discutia a respeito do território africano e suas historicidades que atravessaram o tempo. Ainda no início do roteiro, a apresentação do quadro de dicas e curiosidades, responsável por trazer informações sobre fatos culturais do Continente.

Além de notícias recentes no momento em que os programas eram apresentados, o Voz d’África procurou agregar em seu arcabouço uma vasta quantidade de saberes a respeito da África e apresentá-las para seu público. Ilustrando ainda, conexões entre Brasil e África. De fato, um

programa diferenciado e inovador, tendo em vista, principalmente, seu período de circulação. Um verdadeiro banho de cultura e combate à desinformação e estereótipos criados a respeito do Continente Africano; principalmente em decorrência das intervenções e influências europeias na educação e na criação de padrões utilizados como meios informativos, como jornais e a televisão.

O programa visou desconstruir a ideia de que o Continente Africano era formado apenas por desigualdades, fome e violência; ao mesmo tempo em que apontou como essas questões negativas mencionadas estavam/estão diretamente associadas à Escravidão e aos agentes externos que corroboraram com a existência e prática da mesma. Além disso, vale enfatizar que o Voz d'África não se deteve apenas em combater os estereótipos, mas buscou exterminá-los através da informação; trazendo destaque aos aspectos sociais, culturais, econômicos e geográficos advindos do território africano, sem deixar de lado também a forma como os afro-descendentes, independente de onde localizados, fizeram perdurar essas heranças tão significativas para sua história.

Vinil X
“Roteiro do Programa África

27.06.98

MEGA FM 90,7 MHZ

- 1.TÉC. ENTRA VINHETA DO PROGRAMA
- 2.Aug- Bom dia África !!
- 3.Jac- Bom Brasil!
- 4 .Aug- Bom dia ouvinte do programa Voz da África!
- 5.Adr- Está entrando no ar mais um programa Voz da África!
- 6.Aug- Voz da África, o nosso nome é o ritmo!
- 7.Jac- O Nosso Destino é a vida!
- 8.TÉC- SOBE BG POR 5 SEGUNDOS
- 9.Aug-- EDITORIAL: falta pouco para o ano dois mil. A história !
- 10.- africana é marcada pela escravatura, pela humilhação, pela

11.- violência e pela colonização. Nós africanos temos um
12.- passado muito dramático. Tivemos que lutar com armas na mãos
13.- para podermos vencer os colonizadores. Aqueles que viam no
14.- homem negro, um ser desprezível, um ser sem qualquer valor. Para
15.- eles, o negro valia menos que um cachorro morto. Mas lutamos e
16.- vencemos. Hoje a África é independente. Temos presidente, e
17.- temos uma bandeira feita por africanos. Nos orgulhamos ter ;
18.- nascido do ventre da mãe África. E daí, será que isso basta
19.- para sermos felizes? Apesar do fim da colonização os africanos
20.- continuam vivendo sérios problemas. Problemas como: a fome, a
21.- mortalidade infantil, a baixa esperança de vida e situação
22.- da violência. Já somos independentes por que será que isso
23.- acontece? Os governos africanos têm repensar a sua postura
24.- perante o presente. ESTAMOS CHEGANDO AO ANO 2000. Iremos para o
25.- terceiro milênio levando na bagagem a tragédia, a fome , e a
26.- miséria? Precisamos de combater todos aqueles que nos impedem a
27.- caminhada .Temos que resolver os conflitos que assolam o
28.- continente. Ontem foi o Zaire, hoje é a Guiné Bissau, até
29.- quando vamos continuar abrigar entre nós. É claro que isso agrada
30. a muitos. Quanto mais guerras melhor para a indústria da
31. armamento. Nós gastamos dinheiro com armas, quando a AIDS avança
32. e a fome se perpetua. Pare, olhe e pense. A África precisa de
33. paz, precisa de tranquilidade, para poder cuidar do seu
34. desenvolvimento. Isso é mais importante. Chega de brigas. Chega de
35. vivermos da caridade internacional . Caminhemos para nosso bem
36. estar. caminhemos para democracia. A luta continua! [...]"

Já neste *Vinil X*, trecho de uma parte do programa do dia 27 de junho de 1998, podemos visualizar, de forma bastante nítida, um chamado urgente à população afro para a tomada de consciência e o levantar de bandeiras com o objetivo de unificar a população negra e lutar pelo

combate de interferências violentas contra essa comunidade; sendo elas advindas de dentro ou de fora do Continente.

Além do mencionado no parágrafo anterior, é possível observar também, no início do roteiro, a ênfase dada à luta histórica travada pelos negros em busca da conquista de sua liberdade e de seus direitos.

Vinil XI

ROTEIRO MUSICAL DO ÚLTIMO PROGRAMA VOZ DA ÁFRICA MEGA FM - 90, 7 - 1 DE AGOSTO DE 1998

Apresentadores:

- Augusto Alfredo - Adriana Benony - Jacqueline Glauber

Nº	CD	Nº DA MÚSICA	TÍTULO DA MÚSICA	PAÍS
1	ADZIDO - AKWAABA	1	AGWABO	GHANA
2	ALFA BLONDI	9	MASADA	COSTA DO MARFIM
3	DENDÉN DE AÇÚCAR	1	HOMEM DO SACO	ANGOLA
4	OLIVER N' GOMA	5	MULE	GABÃO
5	ANGOLA 20 ANOS	1	TPA 20 ANOS	ANGOLA
6	AFRIKITI	1	AFRIKITI	MOÇAMBIQUE
7	BATACOTÔ	14	SO BASIA BAHALA	ÁFRICA DO SUL
8	DOM CAETANO	2	SOM ANGOLANO	ANGOLA
9	INDEPENDANCE	1	ELISA GOMARA SAIA	MOÇAMBIQUE
10	CARLOS LAMARTINE	8	MIGUEL	ANGOLA
11	DENDÉM DE AÇÚCAR	4	MATUTAR NA CACHIMÓNIA	ANGOLA

12	ANGOLA 20 ANOS	16	REUNIR	ANGOLA
13	DENDÉM DE AÇÚCAR	7	PASSAR DA ONDA	ANGOLA
14	ANGOLA 20 ANOS	17	ANGOLA KUIA	ANGOLA

O primeiro elemento que chama a atenção é a diversidade de países, artistas e CDs apresentada. Algo a se destacar, de fato, é a singularidade de um programa como este, dedicado exclusivamente à cultura do Continente Africano no Brasil dos anos 90..

Além disso, o fato de um dos principais apresentadores no início da produção, Augusto, ter sido um rapaz advindo do Continente Africano é um interessante elemento de representatividade e plenamente de fortalecimento e asseguramento de um “local de fala”. Trazendo, certamente, riqueza através de suas percepções e saberes. O programa inovou ilustrando a existência e importância das aberturas relacionais entre Brasil e África e suas respectivas populações.

Abaixo da programação, na mesma página, o registro de versos profundos e sensíveis de Augusto.

“Tantã na hora do adeus

No calor do Congo, ai Luanda! Subo Kilimanjaro!... A ternura da brisa e o sussurro da savana;
horizonte, poente, NOITE, saudade

ÁFRICA!

Mito, sonho,
canto, batuque,
ritmo, dança e
vitalidade,

Na memória, o **Samba** se confunde com o **Semba**, Angola com o Brasil. Entre o passado e o presente, o descaminho. No rastro, as intempéries, No encontro, a amizade e a solidariedade, No coração, desejo de vencer a poeira da marcha irreversível do tempo, No aceno, a lágrima. Até quando? ... Amanhã algures na selva humana, nosso coração jamais olvidará os momentos em que partilhamos ansiedades e sonhos.

- Aqui, você se lembra, quando nos conhecemos?

- ... o tempo passa... o tempo voa.

- Eis chegada a hora !
- Me abraça... vou ter muita **saudade!**
- Tchau !
- Me **escreva.**

-

Augusto Alfredo Lourenço
26.07.98

* Endereço: Caixa postal 1302, Avenida 4 de Fevereiro
Luanda - Angola”

Vejamos, ora, o roteiro do programa no dia 22/03/2003.

Vinil XII

“VOZ D’ÁFRICA

22/03/2003

(Roteiro original escrito manualmente)

PG 1

- A África moderna é o resultado de uma colonização destruidora.
- . Desde 1454 - o papa concede aos portugueses através da bÍblia “Romanus Pontifex” o direito de explorar o continente africano; em seguida vieram os europeus, os árabes que também caíram sobre o continente africano com espírito de predador.
- . Primeiro foi a escravidão que submeteu 30 milhões de pessoas
- . Colonização como um todo, a partir de 1885 - Conferência de Berlim
- Consequências perniciosas da colonização da África
- . Fronteiras artificiais separando famílias, etnias, culturas, etc
- . Destruição da organização política e social
- . Economia voltada ao exterior
- . Religiões - religião vista como ascensão social

PG 2

Uma independência mal gerida ou mal encaminhada

- Os africanos resistiram enquanto puderam à colonização, lutaram decididamente por sua independência. Entre os grupos de intelectuais surgiram importantes movimentos em torno do Pan-africanismo - A África para os africanos - de Nkrumah e a negritude de Leopold Senghor. As condições criadas após a 2ª guerra mundial abriram caminho para o triunfo da luta africana assim, em 1957 Ghana ficou independente; Guiné Bissau, 1958; Etiópia sempre foi livre desde 1847 (Estado artificial feito pelos EUA) Egipto desde 1922; os países do Magreb (árabes), livres desde a década de 50; África do Sul desde 1910, porém

PG 3

só recentemente superou o Apartheid; e na década de 60 mais 17 estados africanos foram criados - os anos 60 foi considerado o ano da África; outros países se libertaram depois até chegar aos atuais 53 países africanos.

Pendente ainda a situação do Saara Ocidental que a Espanha entregou vergonhosamente ao Marrocos e a Mauritânia em 1975.

-> Em 1963, se criou a ONA (Organização para a unidade Africana) - Eram tempos de euforia pela liberdade e sonho de um desenvolvimento possível e ilimitado.

[...]”

O roteiro apresentado acima parte de uma análise inteiramente crítica e política em relação às dificuldades enfrentadas pelo Continente Africano ao longo de seus processos de independência e também posteriormente. O texto começa mencionando o *Romanus Pontifex*, documento produzido pelo Papa Nicolau V, em 8 de janeiro de 1454, concedendo a Portugal o direito de explorar terras africanas; acontecimento seguido de outros movimentos políticos que legitimaram e efetuaram a invasão do Continente Africano em nome de interesses comerciais e com o objetivo de exploração dos povos nascidos no continente.

Este programa da Mega buscou resumir e descrever os abusos sofridos nos territórios da África e, além disso, evidenciar a forma como a população buscou formas de resistir. Ao mesmo tempo, o texto nos mostra comentários relevantes a respeito de vários países citados e os momentos em que conquistaram sua liberdade; e também aponta intelectuais negros que formaram importantes conceitos. Torna-se nítido o cunho fortemente informativo.

3.2.2. Testemunha ocular da História

De encontro, agora, ao noticiário da Mega FM, o jornal A Voz do Morro, adentraremos na transcrição de uma fita cassete de uma edição do programa. Através da mesma, busco ilustrar de forma um pouco mais profunda os ideais e relevância da rádio.

A VOZ DO MORRO - TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA ENTREVISTA COM PAI JAQUES Datada provavelmente entre 2004-2005*

“(voz masculina jovem) - ‘Uai, cê tá sabendo muito...’

(voz masculina adulta) - ‘Leitura, né, menor?’
É moço, Mega FM, por mais informação e cultura.

(outra voz masculina adulta) - Ligue pra nós! 3211-1243.

Música de vinheta

‘(voz feminina infantil) Seja responsável com o meio ambiente. Não perca tempo comprando animais silvestres. Se você compra passarinhos ou outros animais, fique sabendo que você está dando força para a caça e o comércio desses animais.’

‘(voz feminina adulta) Respeite as plantas e os animais. Todo ser vivo tem uma função no ecossistema. Se você protege as plantas e os animais, com certeza está ajudando a proteger sua vida. Pense nisso.’

‘Mega FM, (voz feminina infantil e adulta juntas) 90, 7. A comunitária de verdade.’

Ao toque de cinco segundos, mais um programa da comunitária de verdade!

Está começando agora A Voz do Morro. Testemunha Ocular da História. Na 90,7, Mega FM.

* Ouça em: https://drive.google.com/file/d/1_zRv5rDxL7DwQoJ5jRy1x8oNZpD7zTjO/view?usp=drive_link

Música de vinheta

(voz feminina - Adenilde Petrina)

Boa noite, são oito horas e vinte e dois minutos. Está começando agora o jornal A Voz do Morro, Testemunha Ocular da História.

Música de vinheta

Ouvindo nosso jornal você vai ficar sabendo que os Estados Unidos planejam invadir Cuba. Nós vamos lembrar também a derrota da França no Vietnã. Também falaremos, faremos um comentário sobre as notícias aversas do Império. E também falaremos sobre a situação dos índios, nossos irmãos, aqui no Brasil. Essas e outras informações, você vai ficar por dentro acompanhando o jornal A Voz do Morro, Testemunha Ocular da História, aqui na rádio Mega FM, a comunitária do bairro Santa Cândida.

Música de vinheta

Pois é gente, demorou, como diz o pessoal da cultura Hip Hop. Demorou, os Estados Unidos estão planejando intervir na sucessão de Fidel Castro. Uma comissão presidencial liderada pelo secretário Colin Powell, dos Estados Unidos, recomendou que este país, Estados Unidos, tomasse medidas para intervir na planejada sucessão cubana em que o poder passaria de Fidel Castro para o seu irmão Raul. O relatório de mais de quinhentas páginas afirma que os Estados Unidos rejeitam a continuação do regime socialista em Cuba. O conteúdo desse relatório só foi divulgado após o presidente dos Estados Unidos, o terrorista George W. Bush tê-lo discutido com os membros da sua comissão. O documento sugere focar a pressão e a atenção na elite governante para que uma sucessão, para que uma sucessão feita por essa elite ou por qualquer um de seus indivíduos seja vista como deveria: um impedimento a uma Cuba democrática e livre.

Música de vinheta

As primeiras reações do Congresso Americano ao relatório foram divididas. Os republicanos de origem cubana, com forte representação na Flórida, elogiaram o documento. Ao menos cinco senadores, dois republicanos, no entanto, disseram se opor à recomendação do relatório. George W. Bush destinou até 59 milhões de dólares para serem gastos nos próximos dois anos, para ajudar a acelerar a transição da ilha, né, da sucessão na ilha cubana. Até 36 milhões de dólares seriam gastos para financiar atividades, no entender deles, pró-democracia; e para apoiar

familiares de opositores políticos, entre outras ações. Também seriam destinados até 18 milhões de dólares para driblar o bloqueio cubano. A recepção da rádio e televisão Martí, ambos os veículos são financiados pelos Estados Unidos e destinados ao público cubano na ilha. Outros 5 milhões de dólares também seriam destinados a disseminar informações no exterior sobre as violações dos direitos humanos em Cuba e outros temas.

Olha, essa história da invasão em Cuba já é uma história, é uma história cantada, já é uma pedra cantada há muito tempo. E essa ideia do Jorge W. Bush com certeza tem o dedo dos cubanos que ajudaram a eleger nessa eleição fraudulenta, que Bush ganhou na eleição passada, Bush ganhou a eleição com forte suspeita de fraude, com os votos da Flórida, que são votos de cubanos, da elite cubana que oprimia Cuba e agora fugiu para os Estados Unidos quando Fidel Castro subiu ao poder na época da revolução cubana, em 1959. Então, essa mesma elite que sugava o sangue dos cubanos, que deixavam os cubanos na miséria fugiu para os Estados Unidos e de lá estão planejando retornar a Cuba pra continuar o massacre e a violação dos direitos humanos, dos pobres de Cuba, como acontecia antes de 1959. E essa história dos Estados Unidos gastarem dinheiro pra apoiar golpes, a gente também sentiu na pele isso. Porque, segundo o livro do historiador, o golpe da direita, do Richard Dreyfus, o golpe da direita, a gente percebeu que os Estados Unidos investiram pesado aqui no Brasil pra que o governo de João Goulart fosse derrubado pelos militares. Também a gente tem a história do Chile, né; em que a CIA patrocinou, os dólares americanos também patrocinaram a deposição de um governo eleito pelo povo, que foi o governo de Salvador Allende, no Chile, e a intervenção dos Estados Unidos deu no que deu, né: uma ditadura sangrenta lá em Chile, e aqui no Brasil também um regime militar que durou mais de trinta anos.

Então, eles dizem que vão levar democracia e liberdade para Cuba. Se for a mesma democracia e liberdade que eles estão levando pro Iraque, eu acho que os cubanos agradecem. E a gente também agradece porque a gente vai ficar muito melhor sem os Estados Unidos botando os pés em Cuba. Então, olha só, comentando o assunto aqui na Fonte, que saiu no Bafafá em março de 2004, na página dez, quem quiser ler, é: www.bafafa.com.br. Saiu o seguinte comentário: Ultimamente, abre aspas, ‘Ultimamente tenho lido e ouvido opiniões e comentários de diversas fontes sobre uma possível invasão de Cuba por forças norte-americanas em outubro de 2003 numa viagem aos Estados Unidos. Um historiador e um especialista em assuntos cubanos relatou que uma invasão em Cuba era iminente. Num mês e um ano uma professora universitária cubana confidenciou a mesma informação num congresso de saúde no estado do Rio de Janeiro No mesmo ano de 2003, Luiz Dietrich, teólogo e membro da rede de cristãos encaminhou à fonte Bafafá vários e-mails de igrejas cubanas demonstrando o mesmo temor. A justificativa por essa posição tem sido a pressão exercida sobre Jorge W. Bush pelos cubanos residentes na Flórida, cujos votos por Bush, nas últimas eleições para a presidência dos Estados Unidos, contribuíram para a sua duvidosa vitória; principalmente no estado da Flórida. E depois, nesse mesmo artigo, seguem trechos de Cuba uma outra vez ameaçada, escrita pelo professor Theotônio dos Santos, Theotônio dos Santos é professor titular Da Universidade Federal Fluminense e coordenador da Cátedra em Rede Unesco-ONU, sobre Economia Global e Desenvolvimento Sustentável. Abre

aspas de novo, assim fala o professor Theotonio dos Santos ‘Parece que diante das dificuldades no Oriente Médio os aventureiros que assessoram a Bush colocaram definitivamente a Cuba no roteiro de invasões Essa foi a denúncia realizada por Fidel Castro no discurso de encerramento do sexto encontro de economistas sobre globalização e desenvolvimento, pronunciado em Havana, no dia 13 de fevereiro de 2003.’. Ao qual Theotônio esteve presente. Nessa reunião estavam presentes dois prêmios Nobel de Economia; representantes do Banco Mundial, do FMI, da Cepal, da OIT, num total de onze organizações internacionais. 1.500 economistas de 50 países, vários professores norte-americanos, entre os quais se destacava John Williamson, o autor do conceito do Consenso de Washington. Foi diante dessa plateia altamente qualificada que Fidel Castro leu vários telegramas de diversas agências de notícias que davam conta da recente reunião da comissão presidencial criada pelo presidente Bush para realizar a transição, entre aspas, democrática, em Cuba. As declarações dos membros dessa reunião, As mais altas autoridades dos Estados Unidos, para a segurança da América Latina, foram claras: A transição em Cuba deve ser apressada e a comissão presidencial buscará realizá-la o mais rápido possível. É claro que ela não poderá se fazer sem a morte de Fidel Castro, mas ela exigirá também uma ação rápida logo após a sua morte. Então, o Fidel Castro já denunciou no ano passado, em outubro, que estavam se armando um golpe de invasão em Cuba, para tirar o presidente, demolir o regime socialista de Cuba, que durante 30 anos sofreu o embargo comandado pelos Estados Unidos. E como a gente leu aqui no artigo do Bafafá, na internet, a gente leu aqui o site www.bafafa.com.br, eles mostram que quem tá pressionando George W. Bush para invadir Cuba e destruir o regime cubano na ilha é o pessoal da Flórida, são os cubanos ricos da Flórida que estão doidos para voltar a fazer veraneio em Cuba. ‘Fazer veraneio em Cuba’ a gente entende explorar o pobre cubano como eles faziam antes, né. E Cuba sempre foi um quintal dos Estados Unidos até Fidel Castro, Che Guevara e companhia depor Fulgencio Batista do poder e instalar um regime socialista. É, gente, a gente tem que tomar uma atitude, começar a se conscientizar dos Estados Unidos, sobre a liderança desse terrorista George W. Bush; eles estão querendo tomar conta do mundo. Estão querendo dominar o mundo e fazer do mundo um quintalzinho dos Estados Unidos. E se a gente não abre o olho, se a gente não protesta, se a gente não toma conhecimento, isso fatalmente vai acontecer e não vai ser bom para ninguém, porque todo lugar onde os Estados Unidos botaram as mãos para levar liberdade e democracia, o que ele levou foi desgraça, miséria e sofrimento.

São oito horas e trinta e cinco minutos. Nós estamos aqui no jornal A Voz do Morro, Testemunha Ocular da História; e com a presença ilustre aqui do nosso querido Pai Jaques, que depois vai dar uma palinha do evento que vai acontecer sábado, dia 15. E, como hoje é dia das mães, nós falamos da Mãe África. Nós vamos falar das mães, né, da nossa Mãe África e as mães, né, que são objeto de comércio, que o capitalismo gosta de lucrar em cima delas. Dia das mães é todo dia; mãe merece respeito, merece ter sua dignidade respeitada e não deve ser objeto de comércio. Por isso, nós vamos tocar a música ‘Mamãe África’, com Adão Dãxalebaradã, e ele vai falar o que ele pensa Mamãe África, que é a mãe de todos os guerreiros e de todos os negros, todos os

afrodescendentes espalhados pelo mundo.

Reprodução da música “África”, de Adão Dãxalebaradã.

Música de vinheta

Mega FM, 90,7

Mega FM, 90,7, a rádio comunitária do bairro Santa Cândida.

São oito horas e quarenta e um minutos.

A gente ouviu aí, com Adão Dãxalebaradã, nome difícil, africano, a música África, que ele fala sobre a mãe África. E nós vamos aqui falar, mudar um pouco o rumo das nossas notícias, nós vamos só lembrar que essa semana tá fazendo aniversário, 50 anos da derrota francesa na Guerra da Indochina. Por que a gente fala isso? Para mostrar que os oprimidos também são capazes de vencer seus opressores. Nós estamos aqui com a notícia, o seguinte: a França, tanto a França, quanto o Vietnã, comemoraram discretamente a celebração dos 50 anos da batalha de Dien Bien Phu, que marcou, no dia 7 de maio de 1954, a derrota francesa na primeira guerra Indochina. O governo do Vietnã fez uma festa maior, né? Mas o francês ficou dichavadinho fazendo a festa dele. O governo vietnamita organizou uma cerimônia em Hanói e fez festividade também em Dien Bien Phu, que é atualmente uma cidade de 60 mil habitantes; em meio a uma campanha de mobilização que significa e dignifica o esforço coletivo em defesa do país. O Vietnã tem sido muito cuidadoso para não criticar o atual governo da França, mas ele fez forte referência ao colonialismo francês como um fato próprio de gerações. Em Paris, houve apenas uma cerimônia que lembrou o fim dos combates. Dien Bien Phu foi uma fortaleza construída pelos franceses para impedir que a guerrilha comunista, que lutava pela independência do Vietnã, fosse abastecida de armas e víveres por meio das fronteiras com o Laos e com a China. Os guerrilheiros cavaram um túnel dentro do qual eles detonaram explosivos que destruíram parte das instalações francesas e transportaram nos ombros e em bicicletas peças de artilharia desmontadas e lançaram um ataque surpresa em 13 de março de 54.

Os 15 mil franceses tiveram suas pistas de aterrissagem destruídas, renderam-se depois de sete semanas e se retiraram do Vietnã. Cerca de 2.200 franceses e 8 mil vietnamitas morreram na batalha, hoje considerada uma das mais engenhosas e imprevisíveis da história militar do século XX. O comandante vietnamita foi o general Võ Nguyên Giáp, que se tornaria ministro da defesa do Vietnã do Norte e comandaria a guerrilha, a longa guerra de guerrilha contra os norte-americanos, a partir dos anos 60; e que terminaria com a tomada de Saigon, capital do Vietnã do Sul, em 1975.

Vamos relembrar um pouquinho essa história. No século XIX, a Indochina Francesa, na segunda metade do século XIX, a França progressivamente conquista a região da Indochina, que incluía

os atuais Vietnã, Laos e Camboja. Em 1945, proclamação da independência. Em 1945, o líder nacionalista e comunista Hu Ximing proclama a independência do Vietnã. A França não aceita e começa a primeira guerra da Indochina, que durou de 1946 a 1954.

Em 1950, China e Rússia reconheceram a independência. Dien Bien Phu seria derrotada, sela a derrota francesa. Em 7 de maio de 1954 os vietnamitas vencem a batalha de Dien Bien Phu, no norte do país, derrotando a França. E num acordo assinado em Genebra, o país é temporariamente dividido entre o norte comunista e o sul com um governo sobre influência dos Estados Unidos. Em meados dos anos 60, atividades de rebeldes comunistas do sul do Vietnã levam os Estados Unidos a iniciar uma intervenção na região. Começa a segunda guerra da Indochina, mais conhecida como a ‘Guerra do Vietnã’; e após centenas de milhares de vietnamitas e americanos morrerem, um cessar fogo foi anunciado em 1973.

Derrotadas, as tropas americanas deixaram o Vietnã do sul. Em 1975, o governo sulista cai. Em 76, os dois vietnãs são reunificados na república socialista do Vietnã. Tá vendo? Os Estados Unidos ficaram treze anos, sacanearam os vietnamitas; fizeram horrores, como eles estão fazendo com os iraquianos.

[...]

Então os horrores da guerra que os Estados Unidos fizeram no Vietnã são os mesmos que eles estão fazendo no Iraque. Eles falam que vão levar democracia e liberdade para o Iraque, mas está levando vergonha, humilhação e sofrimento. E lembrando também do Afeganistão, que a luta continua, a imprensa não fala não, mas a luta continua. Os rebeldes do Afeganistão não se entregaram não. Os Estados Unidos continuam enfrentando os rebeldes do Talibã e as forças do Al-Qaeda, que continua viva ainda sob o comando de Osama Bin Laden.

O general Giáp, que foi o grande herói da luta, da expulsão dos Estados Unidos, do Vietnã, ele advertiu os Estados Unidos sobre os rumos da ocupação do Iraque.

Diz ele, diz o general Võ Nguyên Giáp: ‘quaisquer forças que procurem impor a sua vontade a outros países, certamente amargurarão a derrota’, afirmou sem entrar em maiores detalhes. Então, esse grande general, que foi um dos maiores estrategistas militares do século XX, formado em direito, deu aula de história em 1938, se refugiou na China quando caçaram o Partido Comunista no Vietnã, teve a sua esposa assassinada e outros fatos violentos na sua vida. Mesmo assim, ele não perdeu a esperança, não perdeu a competência e conseguiu lutar juntamente com seus irmãos vietnamitas, os vietcongues, expulsar uma força do tamanho dos Estados Unidos.

Os Estados Unidos fizeram a mesma coisa com os vietnamitas, que estão fazendo com os iraquianos; testaram arma, mataram muita gente, sacanearam a população vietnamita e, felizmente, foram expulsos de lá.

Essas informações você encontra em qualquer livro de história de segundo grau. Na Biblioteca Redentorista, se você gostar de ler, você pode procurar, a Biblioteca Redentorista está aberta das 9 às 17 horas e você vai ficar por dentro de todas essas notícias.

São oito horas e cinquenta minutos.

A nossa irmã Gê já está aqui e nós vamos mudar o nosso rumo do jornal, para bater um papinho com o Pai Jaques, sobre o evento que vai acontecer dia 15 de maio no Ile Abe Furanga Ubafa Axexere.

Música de vinheta

- Bom, boa noite, pai Jaques.

- Boa noite, Adenilde. Boa noite, ouvintes da Mega FM. Mas, uma, principalmente numa especialidade do dia de hoje, boa noite a todas as mães. Principalmente, em especial, em memória e com muita saudade, à minha mãe, que era negra; que amamentou tantos brancos. Na época, né, que nós éramos crianças, por falta de leite das mães brancas. Então, em respeito à memória dela e às vivas também hoje, as vivas, que continuem, que Deus dê muita vida e saúde para que elas continuem com toda a força.

Breve pausa para a virada da fita cassete

- Com a fita virada, com a fita virada, então, vamos falar um pouquinho, pai Jaques, do evento que vai acontecer no dia 15 de maio no seu Ilê.

- Adenilde, como é previsto e como viemos trabalhando, principalmente, eu quero agradecer, em particular, o seu denodo, o seu esforço, a sua boa vontade dentro dessa programação que você vem fazendo com outras pessoas também interessadas e participando desse grupo, que está acontecendo, está nascendo; e tenho certeza que ficará para bem posterior, em muitos e muitos tempos, com a continuidade, dando a continuidade ao trabalho que estamos começando a iniciar em Juiz de Fora, procurando difundir um pouco da nossa cultura e mostrar que também temos amor próprio e buscando, através deste amor, a essência cultural e, por que não dizer também a essência religiosa. Com a religiosidade dentro desses princípios. Dia 15 nós temos o evento que já, alguém... As pessoas que já receberam a programação e o convite, estão a par de todo o acontecimento. E aqueles que não receberam esta programação, que são os convidados especiais para palestras que fazem parte da mesa, são os convidados que dizemos, na gíria assim: de amigos, de boca a boca, pé de orelha, né, como fazem os políticos. É... Nós estamos previstos para iniciarmos nossos trabalhos a partir das 18 horas do dia 15. Vamos falar um pouco da cidade de Juiz de Fora, um pouco do estado de Minas, e um pouco de Brasil, e um pouco das origens da mãe África; que nos trouxe e nos deixou aqui. E nós, orgulhosamente, seguimos passo a passo, dentro daquele princípio adotado e criado; recebido pelos nossos ancestrais, nossos antepassados. Para que não deixamos morrer esta essência, esta hegemonia, esta coisa tão linda, tão brilhante e que nós carregamos dentro do nosso sangue, das nossas veias e do nosso coração. Isso que é importante. E, até 18 horas, até umas 20 horas, deve acontecer o evento 'palestras'. A programação que não está na mão, deve ser mais ou menos isso, né, Adenilde, você que é a

programadora de tudo isso. Depois... Deve ir até mais um pouco, porque é uma presença segundo a importância, a pedido, com importância muito grande do senhor Walmir Damasceno, que é um pesquisador da cultura bantu, principalmente dentro dos princípios do linguajar kikongo e kimbundu e ele, além disso também, é jornalista, estudioso da religião e zelador de santo. Conheci com sua dijina 'Katuvanjesi', que vem das origens do Tombenci, das primeiras nações de Angola, criado e constituído aqui no Brasil. E, difundido a partir dela, da senhora criadora dessa nação, veio, é... Acontecer os Tumba Junsara e os bate folha, através de Bernardino, e através do Tumba Junsara [...]. E aí nós viemos, daí veio a miscigenação que a Tumba se deu a vazão aos caboclos, a participação dos caboclos e aconteceu também uma boa união com o pessoal, na época, de Jeje. Fizeram uma boa união e isso, inclusive, miscigenou até muitas coisas. Por isso que no passado, até hoje, vivencia-se essa miscigenação. Agora o Katuvanjesi é um dos difundidores e lutador para... Como se diz, resgatar a qualidade, a origem total bantu dentro dos seus princípios, da nação, para nós conhecermos melhor um pouco. Ele é uma pessoa que está com qualidade para este evento para fazer acontecer, através de sua palavra, dando orientação para nós e seguirmos a partir daí, então, o seu bom exemplo de trabalho; defendendo a nossa cultura e a nossa religiosidade. Depois, teremos a apresentação do Batuque Afro, inclusive, quero agradecer antecipadamente, na oportunidade, a boa vontade e a presença de todos os componentes, participando deste dia junto conosco, abrilhantando o nosso evento e trazendo, inclusive, ao Ile Abe Furanga Ubafa Axexere, como citou a Adenilde, também com outros nomes de Angola, que já é miscigenado à Angola bantu pura [...]. Estamos presentes e prontos para receber com muito carinho, com muito amor a presença daqueles que quiserem fazer presente neste dia; tanto a nível social, cultural, religioso, como os zeladores de santo, filhos de santo de outras origens, tanto de qualquer nação; De Ketu, de Jeje, de Ijexá, de Nagô, Angola, de Umbanda, de Quimbanda... Este dia independe, indifere, de qualquer situação que se queira fazer qualificações. É um dia para todas as nações, para todos os povos dessas nações, vindo dessas nações, dessas raízes. Para que nós, juntos, pudemos começar um trabalho e que será de exemplo para outras casas e outros zeladores que queiram também. Nós estaremos prontos para trabalharmos juntos; e ajudar a difundir isso e preparar eventos desse tipo. Não só a minha casa, minha casa está sendo o berço, o princípio de tudo.

- (Adenilde) Com certeza. Então, está todo mundo convidado. O pessoal da Mega todo vai lá, graças a Deus, e estão todos convidados aqui do bairro Santa Cândida, o pessoal da Tia Júlia que já confirmou presença... Todo mundo está convidado a ir, né, no dia 15, a partir das 18hrs, na rua Antônio de Castro, 405, no Ipiranga. O ônibus para você chegar lá é o 133, Ipiranga

- (Pai Jaques) É o ponto final.

-(Adenilde) É o ponto final do ônibus 133, do bairro Ipiranga. Então, presta atenção: número 133, ou o número 138, que é o bairro Arco-Íris. Nesse ônibus você pode chegar lá com facilidade no Ilê. E a sua presença será muito importante e a gente agradece aí a presença do Pai Jaques e

já vai terminando o jornal, porque a nossa irmã Gê já está aí. Então o seu boa noite, Pai Jaques.

- (Gê) Fica à vontade, tá?

- (Pai Jaques) Não... Vamos respeitar princípio. A Mega, o brilhantismo da Mega é justamente isso, é respeitar o direito e os princípios de uma rádio. Então antes eu queria fazer só uma observação muito rápida, questão de segundos deixar um recado. Aqueles que são médiuns, tanto os zeladores como seus filhos, de Umbanda, de Quimbanda, que tem suas entidades, que recebe e vira com suas entidades, ou seja, que bola com as suas entidades, de pretos velhos denominados, conhecidos como os pretos velhos, [...] que quiser trabalhar, porque, após a apresentação do Batuque Afro nós vamos fazer uma pequena sala em homenagem aos pretos velhos, e quem tem suas entidades, a minha casa será prazerosa em receber essas entidades. Pode levar suas roupas brancas para poder vesti-las e para poder dar passe depois do pessoal, as portas estarão abertas. Eu faço os convites, inclusive seria, proporcionando isso, para mim, eu vou me sentir lisonjeado. São vinte anos nessa cidade e sempre lutando e buscando alguma coisa dentro desse interesse. E as pessoas às vezes não comungam. Vamos ver se nós vamos comungar dessa vez a mesma hóstia, né, como dizem na igreja. E, ademais, eu quero agradecer a oportunidade e parabenizar, mais uma vez, a todas as mães do Brasil e deixar... Dizer a elas o seguinte: minha mensagem que... Deus, que elas procurem sempre fazer aquilo que Deus encaminha nas suas vidas, não importa de que forma; seja sempre forte para que seja uma boa mãe e ter bons filhos. Para uma boa mãe, bom filho. Para bom filho, uma boa mãe. É isso e meu abraço a todos neste momento.

- (Adenilde) Então, uma boa noite. A gente vai encerrando o nosso jornal A Voz do Morro por aqui, dando os parabéns a Gê pelo dia das mães. E domingo que vem, se Deus quiser, estaremos de novo aqui; com mais uma edição do jornal A Voz do Morro.

O início do programa possui um cunho político forte, inclinado à defesa de políticas sociais preocupadas e direcionadas à análises que visam o asseguramento dos direitos de cidadão pobres, violentados pelo sistema capitalista. Os Estado Unidos, país bastante citado na gravação, tiveram forte influência na exploração de várias regiões; e compactuaram com ativa participação em transições de vários regimes, causando polêmicas decorrentes de suas interferências e suas reais motivações por trás delas; abrindo, muitas vezes, por meio das mesmas, espaço para a escassez e facilitando violentos conflitos políticos, como o caso, por exemplo, do Haiti; que até hoje sofre com as condições que lhe foram impostas.

“As disputas entre as grandes economias capitalistas industriais cresciam no final do século XIX e o Haiti não estava distante dessas consequências, tendo que conviver cada vez mais com as nascentes ambições expansionistas dos EUA no Caribe e América Latina. As ambições de anexação da ilha sempre despertaram interesse dos estadunidenses. É preciso relembra que, apenas ao fim da guerra de secessão (1862-1866), os EUA reconheceram a independência do Haiti. Uma nação negra e livre representava e simbolizava a oposição à escravidão que esmagava milhões de homens dentro dos EUA.

[...]

Em novembro de 1914, o Departamento Naval dos EUA finalizara um plano para ocupar a cidade de Porto Príncipe, capital haitiana, prevendo um cenário em que “autoridades locais admitiam sua inabilidade para proteger interesses estrangeiros...”. Assim, “em nome da humanidade, moralidade e civilização”, o secretário de estado Elihu Root estava monitorando de perto o Haiti, aguardando “o momento psicológico” em que os EUA poderiam estabelecer as “relações corretas” (ABBOTT, 1988, p. 34)

[...]

Em relação às forças armadas do Haiti, a disposição dos EUA foi de rapidamente dissolvê-la por conta de suas históricas raízes nacionalistas e formar uma nova, fiel e eficiente força armada que pudesse jogar um papel ativo na política do país (TROUILLOT, 1990, p. 105). O objetivo era fazer do Haiti um país estável e submisso para seus investimentos, provavelmente o laboratório político, econômico e social para futuras intervenções em um quadro de consolidação do imperialismo estadunidense.

(ANDRADE, Everaldo de Oliveira, 2016, p. 6-9-11)

A Mega buscou enfatizar, ao longo de sua história, a defesa da união dos povos afro e latino-americanos contra o capitalismo e contra o imperialismo; identificando os mesmos como responsáveis diretos pela segregação da população negra e periférica.

Já a entrevista com Pai Jaques nos permite observar uma relação da rádio com a diversidade religiosa e a associação da mesma também ao fator racial. O entrevistado cita a importância da movimentação que estava sendo feita pela rádio e defende, com afinco, a ideia de união entre as nações de religião afro; indo de encontro aos conceitos de comunhão propagados pela comunitária.

Em suas totalidades, a emissora buscou propagar a ideia de coletividade entre toda a comunidade periférica, independentemente de religião, gosto musical, faixa etária, etc. As contextualizações históricas trazidas também com constância ilustram a notável presença das bases educacionais contidas nas propostas dos programas.

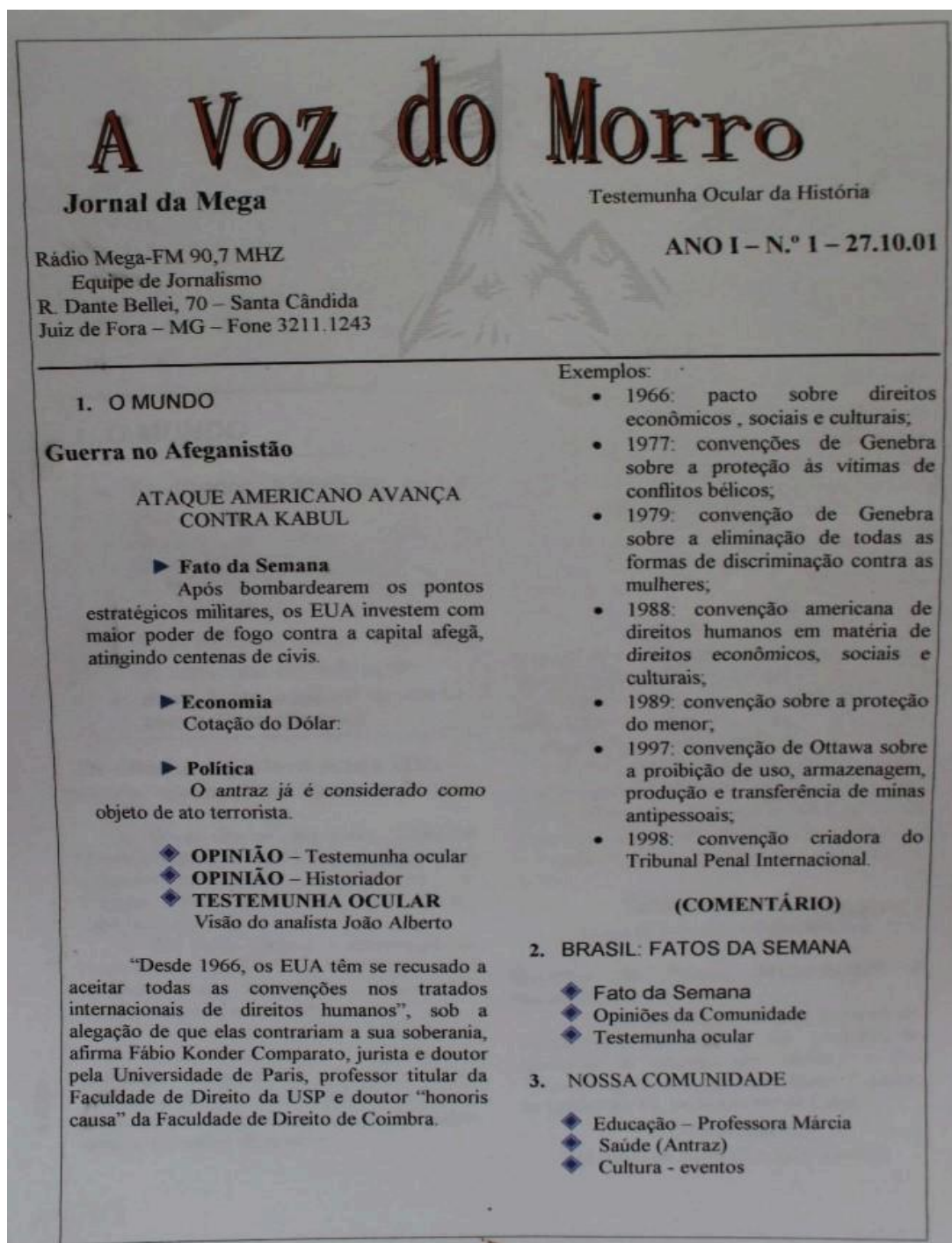
Em uma análise mais ampla sobre o informativo A Voz do Morro, gostaria de dar destaque ao slogan “*Testemunha Ocular da História*”. “Testemunha ocular” significa alguém que viu e

presenciou diretamente acontecimentos. Um dos principais objetivos do jornal foi levar à população, através de uma percepção periférica, narrativas de fatos locais, nacionais e internacionais; associando também os fatos aos pontos que interferiam na vida da população. Isto é: elucidar e tecer comentários sobre fatos políticos, sociais e culturais ao mesmo tempo em que, para expor, *não apenas como noticiamento*, mas como *informação*, a forma como todos os moradores periféricos poderiam ser atingidos pelos mesmos.

A preocupação em aproximar os relatos daqueles que recebiam os materiais da rádio demonstra um objetivo, de fato, social; tendo como alvo principal a população segregada e marginalizada; principalmente pelo governo e pela grande mídia.

Nas próximas páginas, do tópico 3.2.3, algumas imagens do jornal, apenas para uma melhor visualização da estrutura do mesmo, feita, majoritariamente, em roteiros impressos. Ambas as edições anexadas estão no formato digitalizado; uma capa/página inicial de uma edição de 27 de outubro de 2001 e um roteiro completo, com três páginas, da data de 20 de janeiro de 2002.

3.2.3. A Voz do Morro - Índice imagens do jornal



(Jornal A Voz do Morro, Juiz de Fora, 20 de janeiro de 2002. Disponível na biblioteca comunitária do Coletivo Vozes da Rua)

A Voz do Morro

Jornal da Mega

Rádio Mega-FM 90,7 MHz
Equipe de Jornalismo
R. Dante Bellei, 70 – Santa Cândida
Juiz de Fora – MG – Fone 3211.1243

Testemunha Ocular da História

Edição e Locução:

Adenilde Petrina Bispo

e

João Alberto de Souza e Silva

ANO I – N.º 13 – 20.01.02

1. O MUNDO

Crise na Argentina

- Duhalde diz que congelamento bancário é uma bomba-relógio

Colômbia

- FARC recebe pressão do governo colombiano

Conflito no Oriente Médio

- Festa de casamento termina com ataque suicida

- Duhalde diz que congelamento bancário é uma bomba-relógio
(Folha de São Paulo, 14.01.2002, pág. A7).

✓ Em sua primeira entrevista como presidente para os jornais argentinos, Eduardo Duhalde falou do risco de duas explosões que ameaçam seu governo: o “curralzinho”, o congelamento de depósitos bancários, e a quebra de bancos, que ocorreria se o “curralzinho” acabasse subitamente.

✓ Duhalde falou que o limite para saques bancários é uma bomba-relógio, difícil de ser desarmada, e que, se explodir, provocará perdas para todos os argentinos. Mas o presidente argentino acha que a economia “suportaria a quebra de alguns bancos”. “Não creio que seja um drama para ninguém. O importante é que não arraste o sistema todo”, disse Duhalde na entrevista que concedeu no sábado, dia 12, aos jornais “Clarín”, “La Nación” e “Página 12”.

✓ Ele falou que os “panelaços” (manifestações populares) são absolutamente legítimos. As pessoas colocaram seu dinheiro nos bancos e não entendem porque não podem sacá-lo.

✓ Sobre pedido de socorro, afirmou que os organismos internacionais não acreditam na Argentina, pois seus governos dos seis ou sete últimos anos só mentiram para o mundo inteiro e nada fizeram. Ainda falou que, quanto à ajuda do FMI, “deixam entrar qualquer porcaria, e nada funciona. Devemos ir ao fundo como sócios mostrar nosso plano”.

Comentário:

(a cargo de Adenilde e João Alberto)

- FARC recebe pressão do governo colombiano

➤ Segundo fontes de Bogotá, Capital colombiana, o presidente Andrés Pastrana não renovou a vigência da zona desmilitarizada cedida às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – FARC, que venceu hoje. A imposição do governo seria negociar com o grupo guerrilheiro o cessar-fogo.

➤ A guerra civil naquele país já dura quarenta anos, com mais de 40 mil mortos, apenas na última década.

Comentário:

(a cargo de Adenilde e João Alberto)

• **Festa de casamento termina com ataque suicida**

✓ A rádio do Exército Israelense informou que, no dia 17 último, um homem entrou no salão onde estava havendo um casamento e, portando uma bomba colada ao seu corpo, quis detoná-la. Como teria sido dominado por seguranças, jogou granadas que explodiram no local, deixando cinco mortos e, pelo menos, 30 feridos.

✓ Segundo a mesma fonte, o atentado teria sido assumido pelas brigadas Al Aqsa, cujo líder foi assassinado por terroristas israelenses na semana passada, e o ataque não passou de um ato de represália.

✓ Na cidade cisjordania de Ramallah, uma facção radical da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) protestou contra a detenção de seu líder, Iasser Arafat, por parte do governo imperialista israelense, com a anuência dos EUA.

✓ A violência e os novos bloqueios impostos por Israel representam uma deterioração ainda maior de uma trégua informal e da amenização dos bloqueios que se seguiram ao discurso proferido pelo líder palestino Iasser Arafat em 16 de dezembro último, no qual ele pedia o fim dos ataques contra alvos israelenses.

✓ Israel bloqueou cidades importantes como Qalqilya, Jenin, Tulkarem e Nablus, todas na Cisjordânia, além de Belém.

• **INTERNACIONAIS (avulsas)**

➤ Um grupo de soldados norte-americanos chegou no dia 17 último à ilha de Basilan, nas Filipinas, sob o pretexto de combaterem o terrorismo naquele país, contra extremistas islâmicos.

➤ Em Islamabad, capital do Paquistão, vários homens que se encontravam em um carro foram vítimas de uma perseguição policial, em alta velocidade, por terem sido considerados suspeitos de ligação com o grupo Al Qaeda.

➤ Por ocasião do 11.º aniversário do início da guerra do Golfo Pérsico, o presidente do Iraque, Sadan Hussein, disse que seu país está preparado para enfrentar um possível ataque

dos EUA. A operação Tempestade no Deserto foi desencadeada pelo então presidente dos EUA, George Bush, pai do atual presidente. Mais de 12 mil iraquianos foram às ruas para comemorar o evento. Sadan Hussein ainda afirmou que "os acontecimentos de 11 de setembro/2001, assim como a reação norte-americana, revelam que os EUA marcham em direção à confrontação com o mundo".

➤ Os EUA estão pedindo ajuda ao mundo inteiro para que usem de todos os meios para capturar o guerrilheiro Osama Bin Laden e todos os outros do grupo Al-Qaeda. Divulgaram uma fita de vídeo supostamente encontrada nas ruínas da residência do principal assessor do Bin Laden, Mohamed Atef, no leste do Afeganistão. ~~Na verdade, as pessoas que aparecem na fita parecem mais militares do que guerrilheiros. Fica a suspeita no ar.~~ Enquanto isso, o Conselho de Segurança das Nações Unidas impôs, no dia 17 último, sanções contra Osama Bin Laden, Al-Qaeda e o Taliban, congelando todos os bens financeiros deles.

➤ Mais um alvo de suspeita da sede insaciável de vingança e conquista imperialista dos Estados Unidos aparece em cena: agora também os argelinos foram presos em Londres dois suspeitos de explodir a embaixada dos Estados Unidos em Paris, informou a polícia britânica no dia 17 p.p., dizendo ainda que eles podem pertencer ao grupo Al-Qaeda.

2. BRASIL



FHC aumentou a vulnerabilidade externa do país

(Revista BIS dez/01-jan/02, páginas 4 ss)

➤ Um dos maiores desastres da política externa do presidente FHC está na balança comercial, durante os anos de 1995 até os dias de hoje.

➤ Nos seis anos que antecederam o seu governo, entre 1989 e 1994, o Brasil obteve um saldo comercial positivo de 76 bilhões de dólares, o equivalente a 190 bilhões de reais pelo câmbio atual.

➤ Já nos seis primeiros anos de seu governo, ou seja, de 1995 a 2000, nosso país acumulou um déficit de 25 bilhões de dólares. O Brasil abriu as portas para a avalanche de produtos importados, de péssima qualidade, causando um verdadeiro caos à indústria nacional.

➤ Além do que, na corrida aos "1,99" espalhados pelos quatro cantos do país, contribuímos para incrementar a mão-de-obra escrava de diversos países, tais como Japão, Coreia, Itália, Estados Unidos, que impunham trabalhos forçados a presidiários e outras categorias de pessoas, em porões de navios, para produzirem a custo zero ou quase zero, manufaturados que entravam em nossos portos com alto poder de concorrência perante nossos produtos.

➤ As normas do comércio internacional ditadas pela Organização Mundial do Comércio – OMC, foram amplamente favoráveis aos países ricos, que conseguiram vantagens desproporcionais e as regiões mais pobres do mundo, como a África, hoje estão piores devido aos efeitos do comércio.

➤ O Brasil ainda teve que enfrentar a agricultura subsidiada dos países desenvolvidos, enquanto a nossa é praticada a juros e correção monetária, com uma grande desvantagem para o pequeno produtor rural que sempre paga as suas dívidas agropecuárias, enquanto os grandes latifundiários apenas rolam suas dívidas.

3. NOSSA COMUNIDADE



Mercedes Benz Demissões em massa

- A fábrica DaimlerChrysler, a que pertence a Mercedes Benz de Juiz de Fora, demitiu 336 funcionários, sem perspectivas de reintegrá-los ao seu quadro funcional.

- Na tentativa de negociação com a diretoria da empresa em São Bernardo do Campo, São Paulo, o secretário de Indústria e Comércio de Minas Gerais, Omar Resende Peres, nada conseguiu, a não ser a promessa da empresa em readmitir os funcionários quando iniciar a produção de carro popular.

- Para o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Juiz de Fora, João César da Silva, as negociações foram um "grande fracasso". Afirmou ainda que eles deram as mesmas perspectivas em 1999, quando demitiram 170 funcionários daquela empresa, e até hoje nenhum deles foi readmitido. Dessa forma, o número de demissões em massa chegou a 506.

Comentário:

(a cargo de Adenilde e João Alberto)

4. ÚLTIMA HORA



3.2.4. A informação

Em um roteiro da Mega que mapeei na biblioteca, o qual não há registro de data e do programa pertencente, mas suponho que seja datado entre 2000 e 2004, uma conversa interessante entre os apresentadores Zói e Menor; também mencionada no trabalho de Cláudia Lahni (2005). Um recorte, provavelmente, de um programa intitulado como “Hip-Hop na Veia”. Nele, Zói e Menor apresentavam falas em formato de vinhetas sobre história.

Vinil XIII

“Zói Mc - Chega mais, Menor! Vamos dar um rolé pela city?

Menor - Pela orde...

(barulhos de carros)

[...]

- IV -

Menor - Zói, não tô achando graça nessa de estudar história não...

Zói - Que é isso, meu truta...

Menor - Só gente rica e importante que aparece, uai!

Zói - Qual é, Menor, a história não é feita só por bacana, não! Muitas outras pessoas participaram na construção de nossa cidade e nem sempre são lembradas. Falo do povo pobre e livre que vivia aqui e era responsável pelo comércio, trabalho nas fábricas, sem falar nos escravos que em 1860, eram 60% da população de Juiz de Fora e foram eles que abriram ruas e caminhos, construíram prédios e fizeram a grandeza de JF...

Menor - É?

Zói - É só pesquisar, Menor!!!

MEGA FM, POR MAIS CULTURA E INFORMAÇÃO!!!”

Através deste *Vinil XIII*, é possível notarmos, mais uma vez, o forte incentivo da rádio em relação à educação. O cunho de problematização apontado por Menor permite-nos uma reflexão a respeito da percepção de muitos cidadãos em relação ao estudo da história. O abafamento das vozes negras e periféricas faz com que, de fato, por muitos, a história seja vista como algo feito apenas por personalidades famosas e consideradas importantes. Aqueles que sustentam a base da nação sempre foram esquecidos e reduzidos; por isso é tão importante que haja, de fato, políticas de reparação e reeducação da população, além do enaltecimento daqueles que carregam nas costas o peso de uma nação que oculta as bases de sua própria história.

3.2.5. O ritmo

Com a contribuição de trabalhos como o de Cláudia Lahni (2005) e Lilian Souza (2023), podemos perceber, respectivamente, mais sobre a relevância da Mega e do slam em Juiz de Fora. Ambas as autoras trazem uma vasta documentação e contextualização sobre a história dos mesmos, seus simbolismos, lutas, dores e alegrias e também sobre as sementes que plantaram e se ramificaram.

Minha produção ambiciona contribuir com a elucidação da relevância de um agente como a Mega FM para as periferias e para o povo pobre; através da comunicação, da educação e da arte. A rádio enfrentou muitas perseguições e agiu com toda a força de seus corpos e corações para manter vivo os objetivos do elemento *informação*.

Em uma entrevista para o Brasil de Fato MG, Adenilde Petrina comenta um pouco sobre essa trajetória.

“A cultura hip hop ocupava uma boa parte da programação da rádio e era feita por jovens, que tomavam conta da rádio durante a semana. E no fim de semana eram os mais velhos. Dos programas de rap na Mega, o movimento hip hop começou a se rearticular na cidade, porque já existia, mas tinha saído de cena. Com a rádio, foram criadas várias posses, a primeira foi a posse de cultura hip hop Antônio Conselheiro. Aí essas posses tinham pessoas de várias comunidades, de onde a rádio chegava. O pessoal se ligava no hip hop e vinha na rádio para conhecer quem fazia os programas. Depois, veio a posse Zumbi dos Palmares e aí a gente tinha um trabalho de levar a cultura hip

hop nas escolas. E a partir daí, dentro da rádio, foi criada o evento Agosto Negro, em 2003. Nesse evento, a gente discute assuntos interessantes para cultura negra e para a raça negra. A gente estuda por uns dois meses e depois sai durante o mês de agosto nas escolas levando aquilo que a gente estudou.” (Adenilde Petrina em entrevista para Larissa Costa, Brasil de Fato MG, 2020)

As perseguições à Mega FM criaram um espaço de grandes dificuldades - além da falta de recursos - na continuidade da circulação da emissora. Por volta de 2003 e 2007 se intensificaram as lutas pela sobrevivência da mesma, que chegou até a trocar de nome e funcionar como “Palmares”; visando driblar o sistema que fervorosamente insistiu em fechar a emissora. Ainda em entrevista para o Brasil de Fato, Adenilde contou:

“A gente tocou essa rádio no braço mesmo, era nós por nós, praticamente sem nenhum recurso. A rádio funcionava em um cômodo aqui em casa, então a gente não cobrava luz nem água nem nada, porque a família toda participava de movimento social.

E aí cada um trazia seus CDs, seu material de trabalho, porque a rádio não tinha. E os equipamentos eram emprestados e todo mundo contribuía com a vontade. A gente fazia reunião de dois em dois meses, cada um chegava com o lanche, que era comunitário, e assim a gente foi vivendo. Quando tinha problema no transmissor, era de forma comunitária que a gente resolvia.

E rádio foi fechada em 2003.

A Anatel teve aqui, levou nosso transmissor, mas nós conseguimos outro e funcionamos até 2007, quando a gente sofreu mais ameaças. Foi quando a gente resolveu encerrar as atividades da rádio, mas continuamos com a cultura hip hop, com o Agosto Negro.

Até chegar em 2013 quando a gente criou o coletivo Vozes da Rua, para cumprir com os mesmos objetivos da Rádio Mega, que era levar informação, conhecimento, cultura hip hop e ser uma ponte para fraternidade entre as comunidades e os jovens da nossa periferia.”

(Adenilde Petrina em entrevista para Larissa Costa, Brasil de Fato MG, 2020)

A fala de Adenilde nos permite uma reflexão a respeito da força da organização e produção coletiva. Graças a esse senso de coletividade, muitas sementes foram germinadas. Através dessa mesma reflexão, também torna-se indispensável observar a negligência enfrentada na luta pelo direito à narrativa.

Em contrapartida, o Tribuna, nosso principal objeto do Capítulo II, não teve problemas em relação a perseguições e ameaças ao funcionamento do jornal e seus outros veículos; mesmo agindo contra medidas constitucionais que proibiam a concentração da comunicação. Como vimos, Juracy, dono do TM, foi também detentor de duas emissoras de rádio: a Solar AM e a Solar FM.

Pensar uma organização que teve de buscar seus próprios meios alternativos de comunicação para contemplar sua realidade e de seus semelhantes nos indica a ausência de abertura a essas narrativas nos veículos hegemônicos. A Mega sempre narrou sobre a cultura negra, sua presença e habitação em Juiz de Fora e no mundo. Já em termos hegemônicos, como pudemos observar no Tribuna de Minas, de 1997 a 2010 a pauta negra praticamente não foi apresentada. De 2011 a 2014, as menções eram, majoritariamente, voltadas à reflexões como racismo e segregação. Somente entre 2015 e 2020 os olhares no TM passaram a se ampliar para o movimento artístico negro, a presença negra e outras questões relacionadas.

Evidentemente, essa ausência tem a ver com a organização da sociedade em que os veículos estavam inseridos. Juiz de Fora, como outras cidades brasileiras, é uma mesma região, que, todavia, vivenciou duas realidades distintas. É inegável que toda uma estrutura social regional e nacional voltadas a outras pautas, que não a questão racial, influenciaram diretamente nas construções midiáticas de diversos meios. É um peso social; e a imprensa hegemônica, apesar de seguir o ritmo ditado, também está inclusa nele; em meio aos que ditam.

Ao mesmo tempo, é inegável que a população negra, sua voz e cultura também sempre estiveram presentes e alertando, a todo momento, sobre a forma como a sociedade lhe concedeu apenas espaços de exclusão e isolamento. As razões de sua ausência nesses espaços é uma responsabilidade que precisa ser assumida e modificada pelos veículos hegemônicos, através da abertura de espaços para que hoje exista uma presença maior. Retificações e adição de pautas sem verdadeiras e profundas modificações são apenas anúncios muito rasos e vazias.

3.2.6. Encontros

(Considerações finais)

De tanto tencionar, como apontado anteriormente, as pautas (hegemônicas x periféricas), tomando como objetos de estudo o Tribuna de Minas e a Mega, passam a se esbarrar mais a partir do ano de 2015; graças a ampliação dos movimentos sociais e artísticos e também com a realização de um número maior de políticas públicas em Juiz de Fora.

Como exemplo, abaixo, uma matéria do jornal TM sobre o Coletivo Vozes da Rua, em 27 de fevereiro de 2024, comentando sobre a Cultura Hip-Hop, seus elementos, objetivos e ideais.

Um pequeno, mas relevante detalhe a se mencionar antes de visualizar a notícia é que há um erro no nome do grupo na matéria; onde consta Coletivo Vozes *de* Rua e não Coletivo Vozes *da* Rua. Algo que, infelizmente, costuma acontecer com frequência quando o mesmo é mencionado por meios hegemônicos e elitizados. A princípio, parece fazer sentido pensar que se trata apenas de um erro, o que, de fato, é; mas a problemática é mais profunda: por que, *muitas vezes*, ao abordar temáticas relacionadas à população negra, a imprensa e os comunicadores continuam errando e precisando se retificar, quando o fazem? Talvez esse seja um reflexo, ainda presente em muitas pessoas da comunicação, da falta de atenção, preocupação e detalhamento para tratar questões tão sérias outrora negligenciadas.

Abaixo, o material mencionado:

Bairro Santa Cândida recebe o Coletivo Vozes de Rua para realização do Slam de Perifa

Evento acontece no próximo sábado, às 14h, na Rua Major Olimpo Duarte

Receba as notícias da Tribuna no Whatsapp

Por Tribuna
27/02/2024 às 07h00



Para os organizadores, o Coletivo Vozes de Rua, o evento se destaca pela importância da participação comunitária, com foco na cultura hip-hop, tida como uma expressão artística que promove a inclusão (Foto: DJ Nono Ideia Forte Records)

Com o tema “Perifa é voz, Perifa é nós”, o Coletivo Vozes de Rua promoverá o Slam de Perifa no próximo sábado (2), às 14h, na Rua Major Olimpo Duarte 135, no Bairro Santa Cândida. Contemplado no Edital Cultura Da/Na Quebrada, o projeto tem como objetivo proporcionar uma experiência envolvendo todos os cinco elementos da cultura Hip-Hop. A participação é gratuita e aberta a todos os públicos.

Contando com a participação de um intérprete de libras como medida de acessibilidade, o evento terá a presença de artistas locais, slam, DJ, break, graffiti e MCs. A iniciativa busca proporcionar uma celebração da diversidade cultural presente nas periferias. Para valorizar a participação dos artistas, o evento oferecerá premiações para as batalhas de slam e break, com valores de R\$ 500 (1º lugar), R\$ 350 (2º lugar) e R\$ 150 (3º lugar), além de troféus e brindes.

Para os organizadores, o Coletivo Vozes de Rua, o evento se destaca pela importância da participação comunitária, com foco na cultura hip-hop, tida como uma expressão artística que promove a inclusão e valoriza a diversidade. “Todos estão convidados a fazer parte deste momento especial de celebração e fortalecimento da cultura local”, afirma Wenderson Zangão, membro do Coletivo Vozes de Rua, por meio de comunicado à imprensa.

Conforme a Prefeitura de Juiz de Fora (PJF), o Cultura Da/Na Quebrada é um dos cinco editais lançados pela Administração Municipal, em 2021, como parte do Programa Cultural Murilo Mendes, gerido pela Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa). O edital é direcionado a projetos de conteúdo artístico-cultural que promovem o protagonismo dos agentes culturais de periferia, com atividades voltadas para as frentes de Direito à Cidade, Promoção da Dignidade de Populações e Comunidades, Gênero, Enfrentamento ao Racismo e Combate à Violência.

(“Bairro Santa Cândida recebe o Coletivo Vozes de Rua para realização do Slam de Perifa”, Tribuna de Minas, Juiz de Fora, 27 de fevereiro de 2024. Disponível em <<https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/27-02-2024/bairro-santa-candida-recebe-o-coletivo-vozes-de-rua-para-realizacao-do-slam-de-perifa.html>>)

Como pontuado na entrevista com Lucimar Brasil, no capítulo II, de acordo com a própria entrevistada, o viés da arte tem poder direto de impacto sob a sociedade; fazendo barulho e chamando atenção para coisas outrora não visualizadas - boa parte das vezes, na verdade, ignoradas e silenciadas - .

Em conclusão, voltemos rapidamente ao nosso *Shake Hip-Hoppa* do capítulo I, o slam marca seu passo inicial na cidade em 2017 e, com grande força, ganha o coração de diversas pessoas; entre elas, todas as idades, mas com maior presença de jovens e jovens adultos. Retomo e enfatizo o slam por ser um dos instrumentos recentes mais potentes da Cultura Hip-Hop.

Através de uma entrevista realizada por mim para um trabalho anterior (MENDES, 2022), registrei narrativas bastante interessantes de dois dos principais fundadores do slam em Juiz de Fora; VanRy e Mohammed, dois poetas, residentes dos bairros Santa Cândida e São Benedito, que, pouco tempo depois da criação do slam na região, passaram a ser também meus companheiros de luta e arte. A seguir, alguns trechos relevantes para nossa atual discussão.

“Jéssica: Mano, como que cês entraram em contato com essa ideia de trazer o slam pra Juiz de Fora? Acho que essa o Yuri podia começar, né? Porque... Outro dia o Mohammed falou um pouquinho disso.

Vanry (Yuri): Lá no colégio, tipo assim... Já tinha, é... Uma grande fomentação de cultura; que era tipo, depois até fiquei sabendo que era projeto do governo na época, pá, tá ligado? Que, no colégio, tipo assim, tinha aula de grafite, aula de break, é... Tinha aula de capoeira, tá ligado? Tinha várias oficinas memo. E aí, tipo... Na época também rolou d’a gente ter acesso a alguns vídeos; tipo do Slam Resistência. E aí, tipo... Isso daí eu acho que foi o gatilho assim, de ter a curiosidade de desenvolver outras coisas memo, de, é, começar a pensar, desenvolver uns... Uns, um slam, que a gente nem sabia que que era, tá ligado? Assim... Foi isso, assim.

Jéssica: Tem alguma coisa pra complementar, Mohammed? Ou cê acha que tá de boa?

Mohammed: Não, acho que é isso, é... Tipo, só especificaria que foi Slam Resistência e que isso aí foi... A gente começou a sacar esse rolê de poesia e de slam um ano antes d’a gente conseguir executar. Porque aí teve o rolê do documentário, que a gente se aproximou; eu, Yuri, Riquelme e Jackson, é... A gente se aproximou mais, conheceu a Dê (Adenilde Petrina); que foi a ponte pra gente conseguir fazer, de fato, o evento.

Mano, por que trazer o slam pra Juiz de Fora?

Mohammed: Pode ir primeiro, Yuri... “Yuri puxa seu cigarro.”...

Jéssica: - Risos.

Tipo assim...

Vanry: Ah, começou tipo... A gente nem sabia ao certo, tipo assim, é... A proporção que ia tomar, tá ligado? Foi tipo “Ah, vão fazer”, aí tipo, quando foi ver, tipo... É... Tinha várias pessoa em torno, tá ligado? Não foi um bagulho que a gente, ah, pensou e mediu o tamanho que ia tomar, tá ligado?

Jéssica: Pode crer...

Vanry: A gente, a gente era também muita disposição. Acho que muito por conta da... Dessas oficinas. Tipo, acho que é até bom depois até pesquisar qual que era o projeto mesmo. Não era o Segundo Tempo, mas era um outro... Aí, é... Também tinha aula de xadrez e tals. Aí tipo assim, a gente era, tipo assim, era disposição. Eu, o Jackson e o Riquelme, por exemplo, a gente, é... Fazia breaking. Então, tipo, a gente tava sempre... Tipo assim, ao invés de ficar em casa, pá, jogando videogame ou fazendo outra coisa, a gente tava, sei lá... É... Vivenciando várias cultura, tá ligado? Então tipo... Acho que é uma parada também importante d’a... D’a gente ter... Essa inclinação, assim, pra... Participar e também desenvolver as coisas.

Vanry: Então tipo assim...

Jéssica: Foda...

Vanry: Então tipo assim, não foi um bagulho assim, ah, pensado. A gente “Ah, vão fazer? Seria da hora”; seria da hora e a gente começou e tomou grandes medidas, tá ligado?

Mohammed: É, foi isso. Quando a gente começou a fazer o slam, que a gente começou a se integrar ao Coletivo, é... O Yuri já tinha mais essa noção do que eu. Eu tinha bem... Bem menor essa noção; porque eu não fazia breaking e eu não participava dessas oficinas. O que me despertou foi só o documentário mesmo. É... E aí quando foi ter o primeiro slam, eu já comecei a sacar a cena do Hip-Hop; que foi quando os MC colou, principalmente o Zangão e a Priscila. Foi quando os b-boy colou, da FlowKilla e da AfroRudy, é... Os mano do grafite mais ou menos eu já conhecia; mas o Stain também colou, que é do bairro, é... O DJ tava representado ali pelo mano que a gente chamou, mas a gente tinha já conhecimento do Nonô também. Então, o que impulsionou o... O slam em Juiz de Fora, foi o Hip-Hop. Se não fosse o Hip-Hop, ele não tinha ganhado a proporção que ganhou. É... Uma parada que a gente já pode começar é por aí. Porque se o Coletivo não tivesse a organização que ele tinha dentro da... Dentro do Santa Cândida, a gente não tinha conseguido levar muita coisa pra frente.

Vanry: A gente só tinha as ideia memo.

Mohammed: É. A gente só tinha a vontade.

Vanry: Coletivo, por exemplo, fortaleceu a... Com grana, a vinda do Del, fortaleceu com grana a... A van e a ida do pessoal pro Slam Resistência, pra ter experiência mesmo do slam, o Coletivo fortaleceu, Coletivo, tipo assim,

fortaleceu tendo... Tendo, tipo assim, todo respeito que tem. É... Abriu a porta dos colégio que sei lá... Se chegasse nós, aluno, assim "Ah", pra diretora, "Ah, nós quer fazer, pá, um bagulho não sei que, não sei que", talvez nem... Elas nem tivesse dado tanta ideia. Não sei... Mas tipo assim, como tava o Coletivo por trás, tá ligado?

Mohammed: É, tem isso. Essa coisa do Coletivo ter... Ter a prática de ir em escola. E a gente começar a ir com o Coletivo nas escolas recitar foi uma parada que chamou atenção também. Tipo o... O YhounG S.M.O.K.E, que é o Fumacinha, eu sei, porque ele já me falou que, tipo... Pra ele, ele achou muito da hora quando o Coletivo foi lá e eu recitei, porque ele nunca tinha visto aquilo e... A poesia que a gente recita é a cara do slam. Então ela já chama pro slam; e ela inclusive já chama o pessoal pra escrever, porque as pessoas se sentem capaz de escrever quando a gente mostra que não é uma poesia acadêmica, que não é uma poesia, é... Distante. Parece que o slam também faz um movimento de aproximar a poesia do povo, que já é do povo, mas de literalmente entregar ela na mão e falar tipo "Isso é nosso. E quando cê rima, também é poesia.". Tipo isso.

[...]

Jéssica: **Mano, desde essa época de 2017... Se a gente comparar, é... Se a gente pensar isso no decorrer dos anos, e comparar, não só no decorrer dos anos, mas na situação agora também; que que cês percebem de mudança nesse movimento? Fazendo essa comparação...**

Mohammed: É enorme! A mudança é gigantesca; porque... Isso aí, pra gente, pra mim, principalmente, que cheguei na cena tem pouco tempo, entre aspas, porque foi a partir do slam, eu vi a cena mudar; pra quem é da antiga, isso foi muito mais brusco assim, porque... Tem o poeta Verazz, por exemplo, que fala que antigamente Juiz de Fora só tinha praticamente sarau da Ecos, na Letras. É... E depois do primeiro slam a gente vê o Encontro de MC's dando espaço pra poeta, inclusive fazendo um slam; a gente vê... A Roda das Minas, que eu não... Eu não sei se é esse mesmo o nome, que era o Las Manas que fazia, que dava espaço pra poeta.

Vanry: Tinha a Casa Absurda também; que eles começaram a abrir espaço.

Mohammed: Casa Absurda começou a abrir espaço. Então, tipo assim, a poesia meio que começo a provar seu valor entre o Hip-Hop, porque... Não é que ela não tava ali, né? Só que os poeta tipo assim... Reavivou a parada de fazer a poesia mermo. Que a poesia já tá no rap, já tá em várias parada do movimento; mas... O poeta se apresentando sem o beat, é... Foi uma parada que reavivou assim.

Vanry: E... Questão do movimento mermo, né, mano? Teve vários. É... Tipo, na cidade mesmo tem vários sarais, vários slams, a galera movimentando mesmo. Que aí as vez, tipo assim, igual, por exemplo, a Casa Absurda, tá ligado? Não funciona mais, pá, aí não tem mais o espaço ali pra, pra recitar e tals. Mas aí tipo assim, é, surge outros lugares, tá ligado? Então tipo assim, é um bagulho que... É tipo... Aquela, aquela planta lá do bagulho de leão, tá

ligado? Esqueci o nome.

Mohammed: Dente de leão.

Vanry: Dente de leão, que cê sopra e tipo, espalha. Sacô?

Mohammed: É, e é...

Vanry: Tipo isso.

Mohammed: É importante colocar que tipo assim, quem fez esse trabalho de formiguinha, de polarizar a poesia foi os poeta memo. Foi a gente com o Agosto Negro, foi a Laura Conceição com o projeto dela, que ela vai em escola também, é...

Jéssica: É...

Mohammed: Só pra pontuar mesmo. Tipo assim, foi um bagulho que veio dos poeta memo, que não foi uma parada que veio da mídia de fora.

(VanRy e Mohammed em entrevista a MENDES, 2022, p. 51-53)

Me recordo com clareza da data de realização da entrevista citada, realizada a noite em uma praça pública do centro da cidade, com o acompanhamento de batatas fritas chips, risadas e minha admiração pelos amigos de caminhada; por suas lutas e potência em se movimentar e, mesmo não sendo a intenção inicial, influenciar tantos outros artistas e dar continuidade à uma luta histórica, que veio da raiz Mega FM, passou por outros caminhos e chegou até o Coletivo Vozes da Rua.

Nos trechos mencionados, é perfeitamente possível perceber as influências de bases criadas pela rádio e por todo o ideal do Movimento Hip-Hop dentro da comunidade do Candinha. Além da ênfase do 5º elemento: a informação. As bases de apoio e fomento à cultura e conhecimento fazem florescer inúmeros saberes e servem como impulsionamento para aqueles que tem dentro de si inúmeros uni(versos).

VanRy e Mohammed também mencionam a forma como os artistas que vieram antes influenciaram diretamente suas percepções e formação como poetas e hip-hoppers.

Após todos os levantamentos desta discussão, acredito que nada que eu dissesse ao final poderia ser diferente da breve conclusão com o fato principal levantado na introdução: Juiz de Fora é uma cidade negra que sofreu um forte silenciamento e abafamento das vozes periféricas.

Ainda que, hoje, a imprensa hegemônica dialogue com essa camada social, há muito a ser feito em termos de reparação histórica. As mesmas vozes, porém, sempre foram fortemente ativas e construíram, com muitos esforços e coragem, suas formas de arte, comunicação e educação; sendo parte e colaborando com o florescimento de forças que jamais serão apagadas da história.

A presente dissertação teve como meta apresentar e ligar assuntos que serão melhor aprofundados no doutorado que aqui se anuncia.

A escola Hip-Hop abraça e é tudo de brilhante que a hegemonia há tempos descarta. Estamos aqui; e muitos outros como nós estão por vir.

Quem puxa o gatilho

É o monopólio do verso
Embora muito ainda esteja inverso
O temor deles advém do que possui
potencial pro reverso
Mermo quando complexo

Tentaram roubar a voz, mas ela
persegue e se apresenta em anexo
Através do espelho, reflexo
Daqueles que tiveram tomadas suas canetas
Pra pegar em enxadas e ainda assim
faltar comida e roupa nas gavetas

Vez ou outra, gorjetas
Daqueles que apoiam a propagação de cassetetes
direcionados aos que, exaustos, se sentam nas sarjetas
Isso tudo agora tá em letras
Mas só porque a cassete agarrada tocou mil vezes

Não tamo falando de disco
Sim do silenciamento à serviço dos burgueses
Escrever isso continua dando raiva
Torna-se incessante a luta pela palavra

Eles seguem puxando o gatilho
Essa guerra sempre se trava
Continuam tentando nos matar...
Informem-lhes que, dessas balas, já aprendemos a desviar

“Sou da sua raça, mano, é a nossa
vitória
Já foram farsa, vamo, contar nossa
história
Quilombos, favelas, no futuro
seremos reis, Charles
Seremos a negra mais linda desse
Baile Charme
A negra velha mais sábia, crianças a
chave
Eles são cadeado, já foram corrente,
sabe?
O lado negro da força [...]”
(Djonga, 2017)

Bibliografia

MARQUES, V., Sociedade dos Poetas Tortos, Dissertação (Mestrado). Juiz de Fora: UFJF, 2019

LAHNI, Cláudia., Possibilidades de cidadania associadas à rádio comunitária juizforana MEGA FM, 2005.

SOUZA, Lilian Aparecida, “ATURA OU SURTA, POIS NÓS ESTAMOS VIVOS” JOVENS POETAS E A EXPERIÊNCIA DO SLAM EM JUIZ DE FORA-MG, Tese (Doutorado). Niterói: UFF, 2023.

VERAZZANI, Giovani Duarte, *Capão Pecado* e as estratégias de sabotagem: um romance popular de combate às ideologias dominantes e mobilização das massas, Dissertação (Mestrado). Juiz de Fora: UFJF, 2013.

SOUZA, Ana., Letramentos de Reexistência, Parábola Editorial, 2011.

TORREÃO, Rafael., Do mundo à grande vitória do Hip-Hop, Dissertação (Mestrado). Espírito Santo; UFES, 2022.

GOODWIN JUNIOR, J. W. Cidades de Papel: Imprensa, Progresso e Tradição - Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914), 2007

GOODWIN JUNIOR, J. W. ANUNCIANDO A CIVILIZAÇÃO: IMPRENSA, COMÉRCIO E MODERNIDADE FIN-DE-SIÈCLE EM DIAMANTINA E JUIZ DE FORA, MG, 2007.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Silenciando o Passado: poder e a produção da História, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral, 2002.

FERNANDES, Florestan. O significado do protesto negro. São Paulo. Editora Cortez, 1989.

GONZALEZ, Lélia. “O movimento negro na última década”, In: GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. Editora Marco Zero Limitada. Rio de Janeiro. 1982.

THOMPSON, E.P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial, 1991.

ABREU, M. ; MATTOS, H. ou CASTRO, H. M. M. ; GRIMBERG, K. . História, oralidade e educação antirracista: A cultura negra na escola. In: Everaldo Paiva de Andrade; Juniele Rabêlo de Almeida.. (Org.). História oral e educação. 1ed.São Paulo: Letra e Voz, 2019.

ABREU, Martha; PEREIRA, Matheus Serva. Caminhos da Liberdade, Histórias da Abolição e do Pós Abolição no Brasil, UFF, 2011.

BOCCHINI, Maria Otilia., Omissão das “classes subalternas” e da América Latina nas notícias diárias de quatro jornais paulistanos. Ideologia, cultura e comunicação n Brasil, São Paulo, Instituto Metodista de Ensino Superior, Centro de Pósgraduação, 1982.

ALVES, C., Pergunte a quem conhece: Thaíde. São Paulo: Labortexto, 2005.

ANDRADE, E. N., Movimento negro juvenil: um estudo de caso de jovens rappers de São Bernardo do Campo. (Mestrado). São Paulo: USP, 1996.

ALVES, C. N. O., O circuito Hip Hop na região de Campinas: para que o território e a arte digam algo sobre nossas vidas. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

ALVES, C. N. O., O circuito Hip Hop na região de Campinas "desde as antigas": dos bailes black à institucionalização do movimento (198...–2005). Boletim Campineiro de Geografia, Campinas, v. 2, n. 1, 2012.

ARAÚJO, F., Filial Graffiti. Noix por Noix, [s.l.], v. 1, dez. 2013.

ZEVEDO, A. M. G.; SILVA, S. J., Os sons que vêm das ruas. In: ANDRADE, E. N. (org.), Rap e educação. São Paulo: Selo Negro (Summus), 1999.

CHAVES, Maria Laura Barbosa, O NEGRO NA MÍDIA BRASILEIRA, Brasília, 2008.

SANTANA, Bruna da Paixão, SILVA, Everton Melo, ANGELIM, Yanne, Negro(a)s na mídia brasileira: estereótipos e discriminação ao longo da formação social brasileira, 2018.

INGOLD, T., Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais, 2012.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Famílias solidárias e desafios urbanos: os negros em Juiz de Fora. In BORGES, Célia Maia (Org). Solidariedades e conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora. Juiz de Fora/MG: Ed. UFJF, 2000.

ANDRADE, Everaldo de Oliveira "A primeira ocupação militar dos EUA no Haiti e as origens do totalitarismo haitiano", Revista Eletrônica ANPHLAC, 2016.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. Brasília: UNESCO, 2010.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio." In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BATISTA, Rita de Cássia Souza Félix. O negro: trabalho, sobrevivências e conquistas em Juiz de Fora de 1888 a 1930. Juiz de Fora-MG: Funalfa, 2006

BORGHI, Eduardo Baroni., Mulheres, negras e pobres – a articulação entre classe, raça e gênero na sociedade brasileira, 2021.

GOMES, Nilma Lino., Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03, 2012.